

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
CENTRO DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
MESTRADO EM FILOSOFIA**

VICENTE GOMES DE MELO FILHO

**AFECÇÕES:
UMA RELEITURA, A PARTIR DE ANTÓNIO DAMÁSIO,
DAS EMOÇÕES EM ESPINOSA**

**CURITIBA
2010**

VICENTE GOMES DE MELO FILHO

**AFECÇÕES:
UMA RELEITURA, A PARTIR DE ANTÓNIO DAMÁSIO,
DAS EMOÇÕES EM ESPINOSA**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação *Strictu Sensu* do Mestrado em Filosofia do Centro de Teologia e Ciências Humanas Pró-Reitoria Acadêmica e de Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito à obtenção do Título de Mestre em Filosofia.

ORIENTADOR: Prof. Dr. CLEVERSON LEITE BASTOS.

**CURITIBA
2010**

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central

Melo Filho, Vicente Gomes de
M528a Afecções : uma releitura, a partir de António Damásio, das emoções em
2010 Espinosa / Vicente Gomes de Melo Filho ; orientador, Cleverson Leite Bastos. --
2010.
108 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná,
Curitiba, 2010
Bibliografia: f. 106-108

1. Emoções. 2. Corpo e mente. 3. Afeto (Psicologia). 4. Spinoza, Benedictus
de, 1632-1677. 5. Damásio, Antonio R. I. Bastos, Cleverson Leite. II. Pontifícia
Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Filosofia. III.
Título.

CDD 20. ed. – 152.4

***À Minha querida Mãe, Maria Landim de Melo e
in memória de Vicente Gomes de Melo, meu pai.***

AGRADECIMENTOS

Desde o início da minha vida profissional e acadêmica tenho claro que “ninguém faz nada sozinho”. A experiência tem mostrado isso a cada dia. Sempre que houve sucesso, houve também parceria. Não foi diferente durante esses anos acadêmicos. Encontrei muita gente me encorajando. Era preciso seguir em frente, construindo a minha história pessoal, ceara que não se delega a ninguém. É bom saber que não se está só!

Agradeço a Deus. Com certeza Ele existe. Espinosa diz que se não temos nenhuma razão para admitir a não existência de Deus, então ele existe necessariamente.

Agradeço ao meu saudoso Pai. Ele viveu sempre muito perto da natureza. Penso que tinha um espírito espinosista. Hoje já está incorporado em toda mística que ele encerra.

À minha mãe que foi sempre uma presença carinhosa, nutridora e preocupada. Aos meus irmãos e irmãs pelo carinho e compreensão pelas minhas desaparecidas.

Ao meu Orientador Prof. Dr. Cleverson Leite Bastos, agradeço as chamadas de atenção, incentivo e acompanhamento da minha pesquisa. Você foi sempre pronto e objetivo nas suas ponderações. A sua visão ampla das diversas ciências foi algo que me animou muito.

Ao Prof. Dr. Kleber Candioto, presente na Qualificação e Defesa. Minucioso em suas observações, só veio aumentar a qualidade de nosso trabalho.

Ao Prof. Dr. João de Fernandes Teixeira, da Universidade Federal de São Carlos, sua presença em minha banca de Defesa foi motivo de muito orgulho. Obrigado pela valiosa contribuição. Elas ampliaram os meus horizontes.

À PUC-PR e a todos os professores do programa de Mestrado em filosofia, meu sincero apreço. À secretária Antonia pela sua pronta atenção sempre.

À minha Congregação Redentorista, pela liberação e acompanhamento de todo o processo de pesquisa. Foi muito generosa e compreensiva nesses anos.

À todos os amigos e amigas que, em seus corações, sabem o quanto foram importantes para mim durante esse tempo de empenho acadêmico. Foram muitos os acontecimentos dos quais eu me ausentei. Mas foi preciso, e vocês souberam compreender.

“Quanto mais uma coisa tem perfeição, tanto mais age e tanto menos padece e, inversamente, quanto mais age, tanto mais ela é perfeita.”

(Espinosa. Ética Parte IV. Proposição 40)

RESUMO

Neste trabalho nos propomos a reler Espinosa, mais precisamente, reler as Emoções em Espinosa, a partir da perspectiva neurobiológica de António Damásio. Inicialmente destacamos a noção cartesiana do dualismo substancial, caracterizada por conceber mente e corpo como distintos. Em oposição a essa concepção, apresentamos o monismo naturalista de Espinosa, que compreende a mente e o corpo como partes integrantes da natureza. Em seguida, fizemos uma leitura das obras de Damásio (1996, 2000, 2004) e procuramos apresentar uma possível aproximação entre o monismo naturalista de Espinosa e a abordagem neurobiológica de Damásio. Em António Damásio encontramos também esse paralelismo mente e corpo. Para ele o corpo é um pedaço da natureza que tem como fronteira a pele. Consequentemente, “para ter sentimento você precisa de um corpo, meios para representar esse corpo dentro de si mesmo – um sistema nervoso capaz de mapear esse corpo e a consciência.” A consciência emerge em uma rede neural integrada, consequência das interações entre cérebro, corpo e ambiente. Apesar de possuir suas bases biológicas, a consciência não se reduz a elas. Os mecanismos cerebrais ligados à produção de emoções e sentimentos são estruturas muito dinâmicas em constante mudança, gerando em nós o que chamamos de estados emocionais. O nosso organismo oscila o tempo todo, numa dinâmica perpétua de autoregulação. Essa fluência é a própria essência da vida. Se ela está presente dentro de um equilíbrio a vida persiste em suas fronteiras. E esse estado nada mais é do que o esforço contínuo de “existir”, ao qual cada ser tende por sua própria natureza, como bem consta Espinosa quando se refere ao *conatus*. Espinosa quer que o indivíduo, através do conhecimento, combata as afecções negativas, às quais ele considera como “paixões”. Como ele afirma: “Um afeto que é uma paixão deixa de ser uma paixão assim que formamos dele uma ideia clara e distinta.” (SPINOZA, 2007). Damásio (2004), por sua vez, afirma que é necessário que o indivíduo construa uma ruptura entre o “*estímulo-emocionalmente-competente*”, desencadeantes das emoções negativas como o medo, a raiva, o ciúme e a tristeza, substituindo-o por “*estímulo-emocionalmente-competente*” capazes de desencadear emoções positivas. Espinosa acredita que quanto maior for o número de pessoas que compreendem essas coisas, melhor a humanidade caminhará rumo ao seu verdadeiro sentido, aproximando-se cada vez mais de sua essência: a coexistência com Deus-natureza. Esse é o bem supremo, a “*beatitude*”, caracterizado pelo crescimento intelectual, ou seja, o conhecimento da união que a mente tem com a Natureza, isto é, com Deus. A felicidade completa, o bem supremo é o “amor intelectualis Dei”.

Palavras-chave: Conhecimento. Emoções. Mente. Natureza. Autopreservação. Marcador Somático.

ABSTRACT

In this work we propose a rereading of Espinosa, more precisely, rereading of the Emotions in Espinosa, from the neurobiological perspective of António Damásio. Initially we highlight the cartesian notion of substantial dualism, characterized by the conception of mind and body as distinct. In opposition to this concept, we present the naturalist monism of Espinosa, which understands the mind and body as integral parts of nature. Following this, we did a reading of the works of Damásio (1996, 2000, 2004) and try to present a possible approximation between the naturalistic monism of Espinosa and the neurobiological approach of Damásio. In António Damásio we also find this mind and body parallelism. For him, the body is a piece of nature which has as a border: the skin. Consequently, “to be able to have feelings, you have to have a body, ways to represent this body within itself – a nervous system capable of mapping this body and consciousness.” Consciousness emerges from a integrated neural network, a consequence of the interaction between mind, body and surroundings. Even though it has its biological bases, consciousness is not limited to them. The cerebral mechanisms tied to the production of emotions and feelings are very dynamic structures in constant change, thereby generating in us what we call the emotional states. Our organism oscillates all the time, in a perpetual dynamic of autoregulation. This fluidity is the actual essence of life. If it is present within an equilibrium, life persists within the borders of the body. And this state is nothing more than the constant striving to “exist”, towards which all beings tend by their very nature, as Espinosa stated well in referring to the *conatus*. Espinosa wants the individual, by way of self-knowledge, to combat negative emotions, which he considers “passions”. As he explains: “An emotion that is a passion ceases to be a passion when we gain a clear and distinct idea of it. (Spinoza, 2007). Damásio (2004), in his turn, affirms that it is necessary that the individual creates a rupture between the “*emotionally-competent-stimulus*” which causes negative emotions such as fear, anger, jealousy, and sadness; substituting it with the “*emotionally-competent-stimulus*” capable of causing positive emotions. Espinosa believes that the greater the number of people who understand these things, the better that humanity will walk in the direction of its true sense, becoming ever closer to its essence, the coexistence with God-nature. That is the highest good, the “*beatitude*”, characterized by intellectual growth, in other words, “experience of the union which the mind has with Nature, that is, with God”. Total happiness, the greatest good, is the “*amor intellectualis Dei*”.

Keywords: knowledge-(*experience*). Emotions. Mind. Nature. Self-Preservation. Somatic Markers.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. ESPINOSA E O SEU TEMPO	21
2.1 Descartes, uma base para o conhecimento seguro.....	23
2.2 O Tratado da Correção do Intelecto como Background Epistemológico	36
2.3 O método.....	38
2.4 Os gêneros de conhecimento.....	39
3. A ÉTICA, UM GRANDE PROJETO DE LIBERTAÇÃO.....	47
3.1 Todos os afetos possuem causas determinantes e efeitos necessários.....	47
3.2 O ponto de partida: compreender os seus afetos clara e distintamente e, consequentemente, padecer menos por sua causa.....	53
3.3 A única substância: Deus, fundamento que sustenta todas as propriedades do mundo.....	56
4. AS AFECÇÕES DA MENTE.....	60
4.1 Damásio “em busca” de Espinosa.....	60
4.2 Damásio e a concepção dos “Mapas Neurais”	63
4.3 Contribuição da releitura de Espinosa, a partir das atuais concepções da neurociência, via Damásio, para o melhor governo dos afetos.....	78
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	102
BIBLIOGRAFIA.....	109

1. INTRODUÇÃO

Rer Espinosa com os olhos da neurociência, mais precisamente rer as emoções ou, como o próprio filósofo diz, as afecções¹: esta foi a pretensão deste trabalho. Para isso, lançamos mão dos trabalhos do neurocientista António Damásio. Ele foi o nosso principal interlocutor em estabelecer a ponte com o filósofo.

António Damásio, um renomado neurocientista, em um de seus trabalhos ele procurou ir ao encontro de Espinosa naquilo que diz respeito à dinâmica das emoções. Ainda mais, esse neurocientista procurou identificar no sistema filosófico de Espinosa, principalmente na sua obra prima *Ética*², a presença, mesmo que de modo rudimentar, de elementos muito importantes que só nos dias atuais estão sendo identificados em termos da neurociência. Entre elas, a percepção de que os mecanismos cerebrais ligados à produção de emoções e sentimentos, são estruturas muito dinâmicas, cuja disposição muda diuturnamente, gerando em nós o que chamamos de estados emocionais.

É possível identificar na obra de Espinosa a sua preocupação, há trezentos anos, a respeito da importância das emoções para a vida dos indivíduos, e que poderia ser um valioso instrumento, junto à razão.

As descobertas atuais apontam que quanto mais “acesso” uma pessoa tiver a respeito de seu funcionamento, melhor conseguirá conhecer-se. Emoções e sentimentos influenciam principalmente nos processos de tomada de decisões. É notório que o conhecimento dessa estrutura e de seu funcionamento, bem como a sua consequente “manipulação”, através do uso da razão, favorecerá o indivíduo a converter sentimentos e emoções em energias poderosas para gerar cada vez mais saúde mental ou, como diria Espinosa, felicidade e “*beatitude*”. O maior desejo de Espinosa foi que o indivíduo consciente pudesse, através do conhecimento das

¹ Usaremos neste nosso trabalho os termos “Afecções” e “Afeto”, como equivalentes, embora saibamos que a abrangência, na obra de Espinosa, da palavra “Afecções” seja muito grande e dinâmica. Por isso não queremos imprimir nenhum caráter de passividade no termo, pois para Espinosa é a dinamicidade dos afetos-afecções do corpo que garantem a existência do ser. Espinosa também pressupõe essa equivalência de termos, principalmente na Definição 3 da Parte III da *Ética*, como segue: “Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e , ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções.”

² Esta será a nossa **obra escolhida** para todas as referências que dizem respeito à – *Ética* – de Espinosa: **ÉTICA, Spinoza – Edição Bilíngüe** – Tradução e Notas Tomaz Tadeu. Editora Autentica. Belo Horizonte, 2007.

afecções, combater aquelas que ele chamou de *afecções* negativas, às quais considera como “*paixões*”. Segundo ele não é possível nos livrar de uma *afecção* negativa senão com uma *afecção* positiva mais forte. Esse “combate” transformaria as “*paixões*” em *afecções* positivas. Nas palavras do filósofo encontramos que: “Um afeto que é uma *paixão* deixa de ser uma *paixão* assim que formamos dele uma ideia clara e distinta.”³

Espinosa nasceu em um bairro judeu de Amsterdam no dia 24 de fevereiro de 1632. Sua família se encontrava na Holanda desde que o seu avô lá chegara. Uma família de judeus que passaram da Espanha à Portugal buscando um ambiente de maior tolerância para com a sua etnia.⁴ Ele foi educado na cultura e religião judaica. Após a morte de seu pai, Espinosa participou dos negócios de sua família que eram comerciantes, colaborando especialmente com o seu irmão. Entretanto, desinteressou-se totalmente das ocupações comerciais entregando-se à sua vocação filosófica. Sempre procurou uma vida muito austera, e de uma simplicidade muito grande. Ganhava algum dinheiro polindo vidros para a fabricação de lentes. Nunca foi dono de nenhuma casa e nas pensões onde se hospedava ocupava apenas um quarto e uma sala de estudos. Vivia uma vida bastante reclusa, preferindo estar só, apesar de ter vários amigos.

Um fato marcante em sua vida aconteceu no ano de 1656, quando com apenas 24 anos, foi expulso da sinagoga. O principal motivo que levou à excomunhão de Espinosa foi o seu conceito de Deus que se desviava completamente do conceito tradicional. O Deus imanente de Espinosa, “*Deus sive natura*”, invalidava radicalmente a lei judaica.

Não eram raras essas excomunhões. Vez ou outra alguém era advertido e obrigado a se retratar. Caso não o fizesse era excomungado e banido completamente da religião. Foi o que aconteceu com Espinosa. A excomunhão é tida como um fator que impossibilitou o filósofo a continuar nos negócios junto com o irmão. Serviu também como uma motivação a mais para que ele se afastasse definitivamente das práticas religiosas judaicas.⁵

³ ÉTICA. Spinoza. Parte V Proposição III.

⁴ ROMEO, Sergio Rábade. **El Racionalismo Descartes y Espinosa. Espinosa Razon e Felicidad.** p.334. CEU Universidad San Pablo/Editorial Trotta, Madrid. 2006.

⁵ HUBBELING, H. G. **Spinoza** – Biblioteca de Filosofía 10 – Ed. Herder, Barcelona, 1981. p.26

Dos anos de 1656 até 1660 acredita-se que Espinosa continuou em Amsterdam e cultivava um contato com os judeus mais liberais. Em 1661 muda-se para Rijnsburg, onde teria passado dois anos. Em Rijnsburg trabalhou muito em suas obras.

A primeira obra que escreveu foi o “*Curto Tratado*” (1660), onde o filósofo se ocupou de Deus, do homem e da felicidade. O embrião de sua *Ética* já estava neste primeiro trabalho, embora não com toda a maturidade que o filósofo iria atingir posteriormente. Infelizmente os originais desse *Pequeno Tratado* foram perdidos.

Já em 1663 ganha destaque como filósofo holandês do momento com a publicação de sua segunda obra “*Princípios da filosofia de Descartes, demonstrada com a ordem geométrica*”. Esta obra foi publicada a pedido de alguns de seus alunos. Foi também em Rijnsburg que Espinosa escreveu o “*Tratado da Correção do Intelecto*”, embora, assim como o *Tratado Político*, não o tenha terminado em vida, sendo postumamente publicado.⁶

Em 1663 Espinosa muda-se para Voorburg⁷, onde vai permanecer até 1670. Nesses anos ele nutriu uma grande amizade com Jan de Witt, Governador das Províncias Unidas, o que vai lhe custar tremenda dor quando este é linchado em uma revolta política. Apesar de tudo, são anos muito produtivos onde trabalha na elaboração de sua obra principal, a *Ética*. É sabido que Espinosa encaminhava para alguns de seus amigos trechos desta obra a fim de que eles pudessem discutir e colaborar. Admite-se que ele tenha deixado um pouco de lado os escritos da *Ética* para escrever o *Tratado Teológico Político*, cujas razões elencaremos abaixo.

Em 1670 ele publica o *Tratado Teológico Político*, inicialmente sem identificar-se. A situação política dos países baixos era muito tensa, por isso havia essa necessidade de uma grande cautela intelectual adotada por Espinosa.⁸

Nisto [Espinosa] parece repetir o gesto de tantos de seus contemporâneos como Galileu ou Descartes, que pagam a liberdade de especulação teórica ao preço de deixar intacta a ordem prática e jurar a inocência das suas descobertas diante da Bíblia e de tudo o que sob os auspícios desta se determina socialmente.

⁶ Id., 1981. p.30

⁷ ROMEO, Sergio Rábade **El Racionalismo Descartes y Espinosa. Espinosa Razon e Felicidad**. p.335. CEU Universidad San Pablo/Editorial Trotta, Madrid. 2006.

⁸ ESPINOSA, **Tratado Teológico – Político**. – Introdução. p. XIII - Tradução, introdução e notas de Diogo Píeres Aurélio. Martins Fontes, São Paulo, 2008.

O livro foi duramente criticado e proibido e seu autor só não foi punido por ser desconhecido.⁹ A tese principal é a de que filosofia e religião devem estar separadas.

Em Aurélio¹⁰ vemos claramente os objetivos desta obra. Para ele, os motivos que a justificaram foram em primeiro lugar os preconceitos dos teólogos; esses preconceitos impedem os homens de se consagrarem com todo o animo à filosofia. O esforço de Espinosa no *Tratado Teológico Político* é denunciar essa gama de preconceitos de modo que possam ser libertos os espíritos mais esclarecidos. Um segundo motivo era combater a opinião do público, que o acusava de ateísmo. E o terceiro motivo, era promover a liberdade de expressão por todos os meios. Espinosa acusa que essa liberdade é suprimida pelo prestígio e insolência dos pregadores.

Grande parte das críticas a Espinosa após a sua morte teve como fonte uma publicação de Bayle no seu *Dictionnaire Historique e Critique* de Pierre Bayle, publicado em 1696. Esse dicionário dedica um longo trecho a Espinosa classificando-o com uma fórmula que se tornará famosa: “*Ele foi um ateu de sistema*”. (*I think that he was the first who reduced Atheism into a system*)¹¹.

Chaui¹², comentando esse mesmo tema do “Ateísmo de Sistema”, diz que Estratão (o físico) já concebia a natureza como responsável por tudo. “A natureza faz tudo quanto existe e não necessita de deuses para fabricar o mundo”. E nos remete a um adágio que se atribuía a Estratão: “Estratão liberta a Deus de um grande trabalho e a mim de um grande temor”. E acrescenta o que se aplica a Espinosa quando afirma que:

Espinosa transforma o adágio em doutrina quando define Deus por seus atributos, recusando-lhe a propriedade de *Artifex Magnus* e quando recebe a fórmula: “A natureza faz tudo por si mesma, sem acaso e sem conhecimento” para convertê-la em dogma de sua doutrina, demonstrando um Deus sem vontade e sem intelecto.

⁹ HUBBELING, H. G. **Spinosa** – Biblioteca de Filosofia 10 – Ed. Herder, Barcelona, 1981. p.32

¹⁰ AURELIO, Diogo Pieres apud ESPINOSA, **Tratado Teológico – Político**. – Abertura – *E Deus estava no mundo*” p. XV - Tradução, introdução e notas de Diogo Pieres Aurélio. Martins Fontes, São Paulo, 2008.

¹¹ BAYLE, Peter. **Historical and Critical Dictionary. Printed For Hunt and Clarke**, Vol.III. p. 271.London, 1826.

¹² CHAUI, Marilena. **A Nervura do Real. Imanência e Liberdade em Espinosa** . 2. A imagem. p.300. Companhia das Letras. Vol. 1. 3ª. reimpressão. São Paulo-SP, 2006

Ainda no *Tratado Teológico*, Espinosa considera a política não como uma instância produtora de liberdade e tradutora da razão em si mesma, mas sim uma instância que pode garantir as condições necessárias para que os homens possam se libertar dos preconceitos e onde a razão possa, então, exprimir-se. Esse aspecto é o que há de mais original no projeto de Espinosa.

Quando Espinosa publica o *Tratado Teológico Político* ele já tem praticamente pronta a sua *Ética*, mas adia a sua publicação por causa da tamanha agitação que havia provocado o *Tratado Teológico Político*.

De 1670 a 1677, Espinosa viveu em Haia, onde justamente fez a última redação de sua obra fundamental, a *Ética*. Em 1673 foi convidado a ocupar uma cátedra de filosofia na Universidade de Heidelberg, à qual o filósofo educadamente recusou, preferindo a tranquilidade para seus estudos. Espinosa temia que a sua liberdade ficasse muito cerceada dentro dos programas acadêmicos. Curioso é que um ano mais tarde, em 1674 Heidelberg foi ocupada e fechada pelas tropas francesas.¹³

O filósofo morre em 21 de fevereiro de 1677 em Haia com apenas 44 anos, em decorrência de complicações pulmonares. Na verdade acredita-se que ele morreu de “silicose”. Embora essa doença não tivesse ainda sido descrita, hoje já se sabe que é provocada pela inalação da poeira que resulta do polimento de vidros. Espinosa, como já dissemos anteriormente, trabalhou muito polindo vidro para a fabricação de lentes.¹⁴ No mesmo ano de sua morte houve a publicação de uma edição póstuma da *Ética*, do *Tratado Político*, do *Tratado de Correção do Intelecto*, das *Cartas* e um *Compêndio de Gramática Hebréia*.

Tanto em Romeo (2006) como em Hubbeling (1981) encontramos a sequência de escritos e publicações:

1660 – *O Curto Tratado*

1660 – 1663 – *Princípios da Filosofia de Descartes, demonstrada com ordem Geométrica; Pensamentos Metafísicos; Tratado da Correção do Intelecto*.

1663 – 1670 – *Primeiros Escritos de Ética; Tratado Teológico Político*.

1670 – 1677 – *Última Redação de Ética; Tratado Político (inacabado)*.

¹³ HUBBELING, H. G. **Spinosa** – Biblioteca de Filosofia 10 – Ed. Herder, Barcelona, 1981. p.33

¹⁴ DAMÁSIO, Antônio, “**Em Busca de Espinosa – Prazer e dor na ciência dos Sentimentos**” – Companhia das Letras São Paulo – SP 2004. p. 274

As *Obras Póstumas* publicadas em 1677 contêm os seguintes escritos: *Ética*, demonstrada por um método geométrico; *Tratado Político*; *Tratado da Correção do Intelecto*; Compêndio de gramática da língua hebraica e cartas.

Assim é Espinosa: radical em suas posições, muito claro no que pretende, e de uma preocupação honesta com a humanidade, cujo principal desejo é a conquista da liberdade e cuja façanha se obtém pelo controle racional dos afetos negativos. A filosofia de Espinosa é uma filosofia do encontro. É dos encontros entre os corpos que se produz o amor ou o ódio, a liberdade ou a opressão. É da sorte desses encontros que se processam os mecanismos internos a cada um, da duração à eternidade. Tudo isso é feito no mais estreito contato com a natureza, cuja essência fundamental é Deus.

Somos seres cujo principal desejo é o de existir, de preservar a nossa existência. Esse é o principal legado de Espinosa. Ninguém pode ter cerceado o direito a existir e de expandir em suas plenas possibilidades, é um direito que assiste a todos, é um direito natural.¹⁵

Este trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro, em um primeiro ponto, apresentamos alguns dados para uma pequena contextualização do Renascimento, cujo objetivo foi situar um pouco o contexto filosófico de Espinosa. Fazemos, logo em seguida, um estudo de Descartes na tentativa de mostrar aproximações e afastamento entre esses dois filósofos.

Num segundo ponto situamos o *Tratado da Correção do Intelecto* (TCI) como um “*background*” de tudo o que Espinosa escreveria na sequência. Nesta obra ele lança as bases para o que virá depois na *Ética*.

Espinosa parte de uma desilusão. A desilusão por não ter encontrado nada pelo qual valesse a pena abandonar tudo o resto: honra, prazer riquezas – *um bem supremo* que pudesse trazer igualmente uma *alegria continua e igualmente suprema*.¹⁶ Esse bem é justamente o crescimento intelectual – o conhecimento que, quanto

¹⁵ “Por Direito Natural, portanto, entendo as próprias leis ou regras da Natureza segundo as quais tudo acontece, isto é, o próprio poder da Natureza. Por conseguinte, o direito natural da Natureza inteira, e consequentemente de cada indivíduo, estende-se até onde vai a sua capacidade, e portanto tudo o que faz um homem, seguindo as leis da sua própria natureza, fá-lo em virtude de um direito natural soberano, e tem sobre a Natureza tanto direito quanto pode.” (CF. Espinosa, Baruch. *Tratado Político*. Coleção Os Pensadores L. XVII. pg. 315. Editor Victor Civita. 1ª. Edição, Agosto 1973, São Paulo.)

¹⁶ “Ponderava, portanto, interiormente se não seria possível chegar ao novo modo de vida, ou pelo menos à certeza a seu respeito, sem mudar a ordem e a conduta comum de minha existência, o que

mais aprofundado, levará ao “*conhecimento da união que a mente tem com a Natureza, isto é, com Deus*. A felicidade completa, o bem supremo é o “*amor intellectualis Dei*”.¹⁷

Num terceiro ponto nos detemos a respeito do método de Espinosa. Espinosa é profundamente realista.¹⁸ Ele parte da convicção da existência do ser e da verdade de que nós somos capazes de conhecê-lo. A verdade existe e cabe a nós buscar um caminho fácil e seguro de encontrá-la. Assim, um método será bom quando conseguir mostrar-nos como devemos conduzir a nossa mente segundo a norma da ideia verdadeira. O método verdadeiro é aquele que busca de maneira ordenada a verdade, ou seja, a essência mesma das coisas. Fomos em busca também do que é verdade para Espinosa e dos critérios de verdade.

O filósofo se distingue de Descartes não no fato de afirmar o papel secundário da reflexão, uma vez que este também procura assegurar-se de uma primeira verdade, antes de definir o critério da verdade. Espinosa não vê a necessidade de recuar tanto para alcançar a certeza. Para ele “*Quem tem uma ideia verdadeira sabe, ao mesmo tempo, que tem uma ideia verdadeira, e não pode duvidar da verdade da coisa*.”¹⁹

O último ponto trabalhado no primeiro capítulo foi os *Gêneros de Conhecimento* em Espinosa. O importante é notar que o conhecimento se dá unicamente pelas afecções do corpo. Quanto menos formos movidos pelas afecções negativas, que Espinosa vai chamar de “paixões”, melhor conhecimento teremos das coisas.

Conhecemos à partir de coisas singulares, mas que os sentidos nos apresentam de forma mutilada, confusa; aprendemos à partir de signos, à partir de palavras de coisas lidas ou ouvidas. Isso caracteriza o *primeiro gênero*: as opiniões

tentei muitas vezes, mas em vão. Com efeito, as coisas que ocorrem mais na vida e são tidas pelos homens como o supremo bem resumem-se, ao que se pode depreender de suas obras, nestas três: as riquezas, as honras e a concupiscência. Por elas a mente se vê tão distraída que de modo algum poderia pensar em qualquer outro bem.” Cf. Espinosa, **Tratado da Reforma do Intelecto & 3.** Coleção Os Pensadores. Nova Cultural. São Paulo, 2004.

¹⁷ Como bem demonstra Scala quando trata desse mesmo tema: “a síntese é união, mas a mente que opera esse movimento reúne apenas enquanto também se reúne. E essa união tomará três formas: a dedução ininterrupta, as noções comuns e o amor intelectual por Deus.” Cf. SCALA, Andre. Espinosa. Tradução: Tessa Moura Lacerda. Estação Liberdade & Figuras do Saber. São Paulo, 2003

¹⁸ FRAILE, Guilherme – **História de La Filosofía – Vol. III - Del humanismo a La Ilustracion**. p. 599 Baruch Spinoza – Epistemología. Biblioteca de Autores Cristianos, Madri, 1991.

¹⁹ ÉTICA. Parte II. Proposição 43. Escólio.

e a imaginação. O conhecimento do primeiro gênero é o único que pode nos levar ao erro.

Conhecemos também através de noções comuns e ideias adequadas das propriedades e das coisas, através do uso da razão. Isso caracteriza o *segundo gênero* de conhecimento e finalmente, o *terceiro gênero*, ao qual Espinosa chama de “*Ciência Intuitiva*”, que parte da ideia adequada da essência divina para chegar ao conhecimento adequado das coisas.²⁰

Espinosa afirma que “*Não há nenhuma afecção do corpo da qual não possamos formar algum conceito claro e distinto*”²¹. Portanto é possível atingir um conhecimento cada vez mais aprimorado das coisas, até atingir a “*Beatitude*”, o ápice onde pode chegar a razão: o conhecimento da união que temos com Deus.

O segundo capítulo também está composto de três pontos: o conhecimento dos afetos; conhecer para padecer menos e a única substância, Deus. Neste capítulo trabalhamos especialmente a *Ética*, onde Espinosa irá elaborar uma técnica para moderar as paixões, reduzindo assim seus efeitos maléficos e alienantes.

Gleizer²², afirma que há na *Ética* uma proposta de um grande projeto de libertação, mas que essa libertação só será efetivada mediante o conhecimento verdadeiro das causas dos mecanismos afetivos aos quais estamos submetidos. Somente à partir desse conhecimento é que conseguiríamos elaborar uma “técnica” segura para moderar as paixões. Espinosa afirma que reconhece “*apenas três afetos primitivos ou primários, a saber, a alegria, a tristeza e o desejo.*”²³ Todos os outros seriam derivações desses três.

Para Chauí²⁴ um aspecto inovador, e até perturbador da *Ética*, é Espinosa ter demonstrado que não há um império absoluto da vontade sobre os afetos. Ao contrário, nossa força ou virtude está em nossa mente elaborar um plano para conseguir moderar esses mesmos afetos.

Quanto à definição de Substância, veremos que Espinosa se apóia no conceito cartesiano. Espinosa a define como sendo “aquilo que existe em si mesmo

²⁰ ÉTICA. Parte II. Proposição 40. Escólio 2

²¹ ÉTICA. Parte V. Proposição 4.

²² GLEIZER, Marcos André. **Espinosa e a Afetividade Humana**. Ed. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 2005. p.10-11.

²³ ÉTICA. Parte III. Definição dos Afetos 4.

²⁴ CHAUI, Marilena “**Imperium o Moderatio**” pg. 33 apud FERNANDES, Eugenio & CÁMARA, Maria Luisa: **El Gobierno de Los Afectos em Baruj Spinoza**. Editorial Trotta. Madrid, 2007.

e que por si mesmo é concebido, isto é, aquilo cujo conceito não exige o conceito de outra coisa do qual deva ser formado.”²⁵ Entretanto, Descartes usa o conceito de substância para as coisas corporais e espirituais, enquanto Espinosa postula uma única substância que é Deus: o fundamento que sustenta as propriedades do mundo que é onipresente, onipotente e eterno. A essas propriedades divinas, Espinosa chama de atributos, que compreende *“aquilo que, de uma substância, o intelecto percebe como constituindo a sua essência.”*²⁶

Finalmente, no terceiro capítulo nos ocupamos, num primeiro tópico, com o estudo das afecções da mente em Espinosa. Num segundo, as emoções em Damásio, fazendo um paralelo com as afecções em Espinosa e, num terceiro e último ponto a contribuição da releitura de Espinosa, a partir das atuais concepções da neurociência, via Damásio, para a saúde das pessoas.

O filósofo sugere que o corpo molda os conteúdos da mente e que existe um mecanismo muito preciso para que isso se realize. Os acontecimentos do corpo são representados na mente como ideias, sendo a mente apenas uma ideia das afecções do corpo, uma ideia de um modo existente do corpo.

O corpo humano é composto por muitos indivíduos, sendo que alguns são fluidos, moles ou duros, que se relacionam entre si de forma harmonizada e equilibrada, às vezes em movimento, outras vezes em repouso. Para conservar-se o corpo humano precisa de muitos outros corpos, à partir dos quais ele se regenera constantemente.²⁷

Poderíamos pensar até que o corpo seja uma individualidade dinâmica. Essa é a sua essência mesma: ser um sistema dinâmico de funcionamento, e de caráter predominantemente relacional. É relacional internamente através das relações entre seus órgãos e externamente pelo contato com outros corpos. São as afecções pelas quais o corpo afeta os demais corpos ao mesmo tempo em que também é afetado pelos corpos exteriores.

²⁵ ÉTICA. Parte I. Definição 3.

²⁶ Ibid.: Definição 4.

²⁷ ÉTICA. Parte II. Proposição XIII. Postulados.

Como afirma Chauí²⁸, o corpo é “*memorioso*”. Os movimentos internos como os movimentos externos dos encontros, deixam gravados os vestígios dessas relações.

Portanto, a mente não pode conservar, uma vez que o corpo for destruído, a sua existência temporal. Isso porque a memória está justamente nas ideias e nas ideias das ideias, cujas gêneses e fundamentos foram as afecções do corpo. É por isso que encontramos na *Ética* que: “A mente não pode imaginar nada, nem se recordar das coisas passadas, senão enquanto dura o corpo”.²⁹

O caro leitor deve estar perguntando o porquê da escolha de António Damásio.³⁰ O fator decisivo para a escolha foi o seu especial interesse em Espinosa. Além de tê-lo citado em suas obras, escreveu em 2003: “*Looking for Spinoza: joy, sorrow and the feeling brain*”, traduzido para o Português em 2004 pela Companhia das Letras, com o Título: “*Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos*.” Nesta obra ele realiza uma aproximação bastante importante com o filósofo em termos de neurobiologia.

Junto com sua esposa Hanna Damásio, receberam o prêmio “Pessoa” em 1992, mais alta distinção intelectual de Portugal, pela sua contribuição à cartografia do cérebro. No Hospital Universitário de Iowa, que contava com um grande orçamento, pode avançar os estudos e diagnóstico de muitas doenças, em decorrência dos sintomas que apresentavam. Nestes seus estudos conseguiram reunir mais de 2000 casos de doenças registradas em função de seus problemas (ataques, infecções, traumatismos, tumores e outros acidentes cerebrais).

Para o neurocientista Damásio, o cérebro constrói um mapa neural do corpo à partir do qual ele reage. Ele entende também que o conteúdo essencial dos sentimentos é um estado corporal “*mapeado*” num sistema de regiões cerebrais a partir do qual uma certa imagem mental do corpo pode emergir. *Na sua essência*, e bem próximo de Espinosa, Damásio conclui que “*um sentimento é uma ideia, uma ideia do corpo*.”³¹

²⁸ CHAUI, Marilena. **Espinosa, uma filosofia da liberdade**. Ed. Moderna, 2ª. ed. São Paulo, 2005.

²⁹ ÉTICA. Parte V. Proposição 21

³⁰ Grande estudioso da mente humana, Neurologista e neurocientista Português, radicado nos Estados Unidos e membro da Academia Americana de Artes e Ciência.

³¹ DAMÁSIO, António. **Em Busca de Espinosa**. Companhia das Letras, São Paulo. 2004 p.92

Em um outro trabalho de 2005 *“Descartes`error: Emotion, reason and the human brain”*, traduzido para o Português em 2006 pela Editora Companhia das Letras com o título: *O Erro de Descartes: Emoção, Razão e o Cérebro Humano*, Damásio defende a existência dos “*marcadores somáticos*”, que é, na verdade um sistema automático de qualificação que atua de modo a avaliar todos os cenários. Por exemplo: “o estado negativo associado ao cenário do futuro, contraria a perspectiva tentadora de um lucro imediato.”³² Podemos ligar esses dispositivos de previsão automática de perigos eminentes à lei do *conatus* de Espinosa, a qual rege que: “*Cada coisa esforça, tanto quanto está em si, por preservar em seu ser*”.³³

Além dessas duas obras já citadas procuramos analisar também uma terceira, intitulada: *“The Feeling of what Happens – Body and emotion in the making of consciousness”*, traduzida para o Português em 2000 pela Editora Companhia das letras com o título: *“O Mistério da Consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si”*.

Em “O mistério da Consciência” Damásio se ocupa na tentativa de compreender o advento da consciência, e quais são os mecanismo das emoções. Para isso ele coloca a si mesmo dois problemas: “*como o filme no cérebro é gerado e como o cérebro também gera o senso de que existe alguém que é proprietário e observador desse filme?*”³⁴

Em um último tópico desse nosso trabalho buscamos as contribuições da releitura de Espinosa, a partir das atuais concepções da neurociência, via Damásio, para a melhora da saúde das pessoas.

Veremos que Espinosa tem razão quando afirma que a alegria leva a uma maior perfeição funcional. Hoje sabemos que quando uma pessoa procura situações em que favorecem a alegria, ela tem um importante ganho para sua saúde, enquanto que processos que envolvem tristeza, perdas, desentendimentos, acabam por gerar um estado maior de descontentamento interno.

³² DAMÁSIO, António – **O Erro de Descartes – Emoção, Razão e o Cérebro Humano**. p. 194. Ed. Companhia das letras. São Paulo, 1996.

³³ ÉTICA. Parte III. Proposição 6.

³⁴ DAMÁSIO, António – **O Mistério da Consciência**. p 27. Ed. Companhia das letras. São Paulo, 2000.

2. ESPINOSA E O SEU TEMPO

Espinosa nasce em um tempo em que o celeiro de grandes pensadores que iriam revolucionar o mundo estava cheio. Nas palavras de Tarnas³⁵ temos uma noção do que significou esse tempo:

A visão de mundo moderna foi produto de uma extraordinária convergência de eventos, ideias e personalidades. Face à sua conflitante diversidade, gerou uma fascinante visão – de caráter radicalmente novo, com consequências acentuadamente paradoxais – tanto no universo como no ser humano.

Como afirma Damásio³⁶, “o nascimento de Espinosa coincide com o primeiro florescimento da ciência do mundo moderno. Declara-se guerra aberta às ideias que não estão de acordo com os fatos.” Uma busca, mesmo que no escuro, de um significado para a estadia do homem neste planeta.

Falar da Idade Moderna é falar de um tempo muito genuíno do aparecimento de verdadeiros gênios que iriam cunhar, através de suas obras, toda uma nova compreensão da humanidade até os dias de hoje. Num pequeno espaço de uma geração vimos um florescimento de tantas personalidades como Leonardo da Vinci (1452-1519), Michelangelo (1475-1564) Rafael Sanzio (1483-1520) que produziram suas obras abrindo um novo capítulo da História humana. Colombo (1437-1506) descobriu o Novo Mundo, Lutero (1483-1546) rebelou-se contra a Igreja Católica, dando início à Reforma, e Copérnico (1473-1543) apresentou a hipótese de um Universo Heliocêntrico, inaugurando assim o que chamamos de Revolução Científica.

Com o Renascimento a vida humana adquire um imediato valor inerente. Evidencia-se as capacidades individuais principalmente a genialidade de um sujeito capaz de olhar para o mundo e lançar para ele uma compreensão nova. Nada parecia estar fora da capacidade e do alcance do homem.

O valor colocado no indivíduo e na genialidade pessoal, conforme já mencionamos anteriormente, era um fator de reforçamento de uma característica presente no humanismo italiano, onde também o mérito pessoal estava

³⁵ TARNAS, Richard – **A Epopéia do Pensamento Ocidental – Para compreender as ideias que moldaram nossa visão de mundo**. Beltrand Brasil 3ª. ed. Rio de Janeiro, 2000. p. 245.

³⁶ DAMÁSIO, António. **Em Busca de Espinosa** – Companhia das Letras, São Paulo. 2004 p. 237

profundamente ligado às capacidades individuais, ou seja, a busca do ideal humano, qual seja, um indivíduo emancipado de talentos e capacidades. Podemos dizer que no Renascimento houve uma supremacia do indivíduo em detrimento do coletivo.

O homem do Renascimento adotou a riqueza, aproveitando todos os benefícios que favorecem a fortuna, distanciando assim do ideal monástico da pobreza. Fator importante foi que essas “novas elites” subsidiaram muitos artistas, estudiosos humanistas que floresceram nesse novo ambiente cultural, principalmente na Itália. Assim, por essa via e conectado nessa dinâmica, uma nova personalidade se desenvolveu no Ocidente, cujas características principais era o individualismo secular, a força de vontade, a multiplicidade de interesses e impulsos, além da inovação criativa e um desejo de desafiar as limitações tradicionais da atividade humana, espírito que aos poucos foi disseminando por toda a Europa, evidenciando os traços do caráter da Modernidade.

Considerado um tempo de transição, no Renascimento conviviam o medieval e o moderno com uma característica acentuadamente religiosa. Enquanto emergia e florescia a sensibilidade científica, também as paixões religiosas se mantinham muito fortes e como que emaranhadas em meio a todo esse contexto. Entretanto uma “intelectualidade crítica religiosa procurava suplantar a superstição religiosa ingênua. O filósofo Platão e o apóstolo Paulo foram unidos e sintetizados para produzir uma nova *Philosophia Christi*.”³⁷

Não foi só a ciência que apresentou uma grande revolução durante o Renascimento. Atrelado a ela, também a filosofia adquiriu uma identidade e estruturas novas.

Aqui encontramos um personagem que é considerado a figura central destes novos tempos e também como o fundador da ciência moderna. “Se Galileu (1564-1642) forjava na Itália a nova prática científica, Bacon (1561-1626) na Inglaterra proclamava o nascimento de uma nova era em que as ciências naturais trariam ao homem uma redenção material que acompanharia seu progresso espiritual para o milênio cristão.”³⁸

³⁷ TARNAS, Richard em **“A Epopéia do Pensamento Ocidental – para compreender as ideias que moldaram nossa visão de mundo.** p. 252 - Bertrand Brasil. 3ª. ed. Rio de Janeiro, 2000.

³⁸ “A Revolução Filosófica” cf. TARNAS, Richard - **A Epopéia do Pensamento Ocidental – para compreender as ideias que moldaram nossa visão de mundo.** p. 295 - Bertrand Brasil. 3ª. ed. Rio de Janeiro, 2000.

Bacon (1561-1626) inspirou um caráter distintivo, a direção e o vigor da nova ciência. Para ele, como comenta Fraile (1991)³⁹, “é preciso empreender uma profunda reforma, uma reorganização total da ciência e criar um novo método de investigação, no qual deveriam estar unidos, em estreita e fecunda aliança, a experiência e a razão, porque sem a razão a experiência permanece estéril”.

2.1 DESCARTES, UMA BASE PARA O CONHECIMENTO SEGURO.

Surge então um divisor de águas, Descartes (1596-1650), e aqui está o ponto que mais nos interessa. As descobertas inesperadas e desorientadoras desmoronavam a visão que até então se tinha do mundo. Caíam-se instituições fundamentais e as tradições culturais, gerando conseqüentemente um ceticismo em relação ao que se poderia considerar como sendo um conhecimento seguro. Descartes, mergulhado neste mundo cético, vai se esforçar para descobrir uma base para o conhecimento seguro.

Um excelente matemático, concluía, pois que somente à partir da Geometria e da Aritmética poder-se-ia atingir alguma certeza filosófica. O método engendrado por ele é a aplicação minuciosa de um raciocínio preciso a todas as questões filosóficas, aceitando-as somente à medida que fossem claras ao raciocínio. Mas isso não bastava, senão que essas ideias deveriam, além de claras, serem também distintas e sem contradição. “Denomino claro ao que é presente e evidente a um espírito atilado... e distinta aquela apreensão de tal maneira exata e diversa de todas as outras, que somente compreende em si o que surge de modo manifesto ao que a julga como convêm”.⁴⁰ Assim, Descartes encontra uma maneira segura de se chegar à certeza absoluta.

O rigor e a disciplina da racionalidade crítica iriam superar as informações não confiáveis do mundo proporcionadas pelos sentidos e imaginação. Esse método introduziria o homem numa nova era de conhecimento prático, uma nova ciência. Ceticismo e matemática combinam-se para gerar a revolução cartesiana na filosofia. A dúvida sistemática e o raciocínio claro impulsionaram a Descartes à encontrar algo

³⁹ FRAILE, Guilherme – **História de La Filosofia. Vol. III. Del humanismo a La Ilustracion.** Biblioteca de Autores Cristianos, Madri, 1991. p. 264.

⁴⁰ DESCARTES, René – **Princípios de Filosofia – Artigo 45** - Ed. Hemus. Tradução: Torrieri Guimarães. São Paulo, 2007.

confiável: o fato de que ele poderia ter uma certeza ao menos: *a certeza da consciência individual*. A certeza da própria dúvida.

Não era possível por em dúvida o fato de que se dúvida. O “eu”, aquele que tem consciência de que dúvida, o sujeito pensante, esse existe. Esse era um dado de certeza seguro: “*cogito, ergo sum – penso, logo existo.*” De modo que tudo pode ser matéria de dúvida, mas não o fato da consciência de existir do pensante. Ao admitir essa verdade certa, a mente pode perceber a característica da própria certeza: o conhecimento seguro é aquele que pode ser clara e distintamente concebido. Esse era também o primeiro princípio da filosofia que Descartes procurava.⁴¹

Dessa certeza da existência pelo menos do sujeito que pensa e que dúvida, do sujeito que tem consciência de sua dúvida, e que, portanto é imperfeito e limitado é que Descartes deduz a necessária existência de um ser perfeito e infinito, alicerçada na impossibilidade de que nada pode ter origem de um nada, e todo o efeito carrega atrás de si uma causa.

Perfeito e magnífico era o pensamento de Deus, originado de uma realidade infinita, portanto além do pensamento finito e circunstancial, por isso mesmo, um Deus objetivo e onipotente. Dessa necessária existência de Deus é que a confiabilidade da razão humana seria assegurada. Deus sendo Deus, um ser perfeito, não ilude o homem e a razão que lhe confere verdades evidentes.

Uma outra consequência foi o fato de que o *cogito* revelou uma hierarquia no mundo. Assim, a “*res cogitans*” – substância pensante, experiência subjetiva, espírito, consciência e tudo aquilo que é percebido pelo homem internamente – era diferente e separada da “*res extensa*”, o mundo objetivo, matéria, corpo físico, plantas, animais, pedras, estrelas. Tudo aquilo que é percebido como exterior à sua mente. Somente no homem, crê Descartes, essas duas realidades se reúnem como corpo e espírito. No dualismo de Descartes, a mente é entendida como o espírito da consciência humana, distintamente pensante. Ainda em sua concepção, os sentidos conduzem ao erro, a imaginação distorce a realidade e as emoções não ajudam na compreensão racional e segura.

Assim, os objetos do mundo não possuem consciência subjetiva, nenhum propósito ou mesmo espírito. Todos os objetos materiais e fenômenos físicos podem

⁴¹ DESCARTES, René – **O Discurso do Método** - Coleção Os Pensadores. Vol XV. Editor Victor Civita 1ª. edição. p. 55. Ed. Abril Cultural. São Paulo, 1973.

ser vistos como máquinas. Todo o universo criado pela inteligência suprema de Deus tem suas leis mecânicas. Esse mundo que vemos é inteiramente objetivo, material, sem ambigüidades, portanto passível de ser mensurável. E o instrumento para essa compreensão do Universo era a Matemática que está ao alcance da razão humana.

Sua metafísica e sua epistemologia foram apoiadas em Galileu (1564-1642), principalmente na distinção que ele fez entre as propriedades elementares e mensuráveis dos objetos e aquelas secundárias, portanto mais subjetivas. Na busca de compreensão do Universo, o cientista não deve centrar toda sua atenção nas coisas meramente perceptíveis pelos sentidos, pois sua avaliação terá bases subjetivas e julgamentos equivocados e distorcidos. Ao contrário deve apoiar-se naquelas qualidades que são passíveis de uma análise quantitativa, portanto percebidas claras e distintas. Entre elas estão, por exemplo, a extensão, a forma, o número, a duração, a gravidade específica, posição relativa. Por este caminho seguro, usando o experimento e a hipótese, a ciência poderia avançar.

A Mecânica era, para Descartes, uma “Matemática Universal”, com a qual se poderia analisar e manipular de modo bastante eficaz o universo físico para o bem da humanidade. Sua percepção era que a mecânica quantitativa regia o mundo, o que justificava uma fé absoluta na Razão Humana. “A razão humana primeiro determina a sua própria existência a partir da necessidade experimental, depois a existência de Deus, a partir da necessidade lógica; daí, Deus garantiria a realidade do mundo objetivo e sua ordem racional.”⁴²

Desse modo, o que Descartes iniciou foi uma verdadeira revolução copernicana teológica, pois seu método havia modificado o estabelecimento da própria existência de Deus, e a sua existência era estabelecida pela própria razão humana. A verdade revelada que manteve uma autoridade objetiva exterior à humana, começa a perder a sua validade e a sujeitar-se à afirmação pela Razão.

A dicotomia entre a substância pensante e a substância externa emancipou o mundo material da sua associação à crença religiosa. Agora a ciência estava livre para analisar o mundo, sem que as crenças e dogmas teológicos a restringisse nesse caminho. Espírito humano e mundo natural adquirem agora uma autonomia

⁴² “A Revolução Filosófica” (Cf. TARNAS, Richard em **A Epopéia do Pensamento Ocidental – para compreender as ideias que moldaram nossa visão de mundo**. p. 302 - Bertrand Brasil. 3ª. ed. Rio de Janeiro, 2000)

nunca vista, para avançar na compreensão do universo objetivo e mensurável. As conclusões de Descartes evidenciavam que certeza epistemológica, identidade humana, ciência, razão e progresso estavam intimamente ligados entre si e associados à concepção de um universo mecanicista e objetivo; sobre esta síntese cartesiana fundamentou-se o caráter paradigmático da cultura moderna.

Bacon e Descartes, esses verdadeiros profetas de uma civilização científica, rebeldes contra um passado ignorante e dedicados estudantes da Natureza, anunciara as bases epistemológicas gêmeas da cultura moderna. Foi sobre essa fundamentação dualista que a filosofia avançou e a Ciência triunfou: não foi por acaso que Newton empregou sistematicamente uma síntese prática do empirismo indutivo e Bacon e do racionalismo matemático dedutivo de Descartes, levando à plenitude o método científico iniciado por Galileu.⁴³

Nos interessa de modo particular, neste ponto de nosso trabalho, elucidar um pouco melhor a influência que Descartes teve sobre Espinosa, mas também como o filósofo segue um caminho diferente ao se distanciar da concepção dualista – mente-corpo de descartes.

O século XVII, como já foi dito, foi um século de uma extraordinária riqueza filosófica, dominado pelo racionalismo levado à plenitude por Descartes.

Espinosa foi muito influenciado por Descartes. Um de seus primeiros escritos foi os *“Princípios da Filosofia de Descartes”* na ordem geométrica, com o objetivo de ensinar a filosofia cartesiana para alguns de seus alunos, entre eles um certo *Cesário*, pelo qual confessa o próprio Espinosa, não nutria muito afeto e interesse.⁴⁴ De qualquer forma, a influência de Descartes em Espinosa é muito significativa, embora os seus sistemas diferem em pontos muito profundos.

Espinosa se distingue de Descartes não no fato de afirmar o papel secundário da reflexão, uma vez que este também procura assegurar-se de uma primeira verdade, antes de definir o critério da verdade. Descartes é dominado pelo ceticismo o qual acredita só ser superado pela dúvida hiperbólica. Como bem salienta Lima:⁴⁵

⁴³ Ibid.: 2000. p. 303.

⁴⁴ **Carta n. 9 de Espinosa à Simon de Vries de 1663.** Ao se referir ao seu aluno Cesário diz a Vries “Ninguém não é mais desagradável do que ele e não há pessoa de quem eu desconfie mais do que ele...”⁴⁴ (Cf. ESPINOSA, B. Ética. In: _____. **Pensamentos Metafísicos. Tratado da Correção do Intelecto. Ética. Tratado político. Correspondências.** Tradução de Marilena Chauí. São Paulo: Abril S. A. Cultural e Industrial, 1973. p. 378. (Os Pensadores).)

⁴⁵ LIMA, Orion Ferreira. **Uma Discussão do Problema Mente-Corpo em Descartes e Espinosa, a partir da Neurofilosofia de António Damásio.** p. 17. Dissertação de Mestrado apresentada ao

a dúvida assume em Descartes uma característica hiperbólica, isto é, sistemática e generalizada, tomando como falso o que é apenas duvidoso. Não obstante a toda inquietação, a dúvida conduz a uma verdade absoluta. Se o sujeito é capaz de enganar-se a despeito de tudo, há, porém, duas coisas com as quais ele não pode enganar-se: o fato de ter a certeza de que é capaz de pensar sobre a própria dúvida e, a certeza da existência do seu eu pensante.

É possível duvidar sempre, mesmo perante a evidência matemática. É necessário, então, uma verdade primordial que escape absolutamente à dúvida; esta verdade, como já mencionado anteriormente, ele a encontra no “*Cógito*.”

Espinosa não vê a necessidade de recuar tanto para alcançar a certeza. Qualquer noção matemática, por exemplo, a de triângulo ou a de círculo, fornecerá um modelo de certeza, uma evidência sobre a qual não haverá mais a liberdade de duvidar. Vejamos nas palavras do próprio filósofo:⁴⁶

Quem tem uma ideia verdadeira sabe, ao mesmo tempo, que tem uma ideia verdadeira, e não pode duvidar da verdade da coisa... Com efeito, ninguém que tenha uma ideia verdadeira ignora que ela envolve certeza absoluta. Pois ter uma ideia verdadeira não significa senão conhecer uma coisa perfeitamente, ou seja, muitíssimo bem; e, certamente ninguém pode duvidar disso, a menos que julgue que uma ideia seja algo mudo, como uma pintura numa tela, e não um modo de pensar, ou seja, o próprio ato de compreender.

Teixeira⁴⁷ aponta que existem algumas aproximações possíveis entre Descartes e Espinosa. Ele apresenta o cogito cartesiano como um possível ponto de intersecção entre a filosofia de Descartes e de Espinosa. Os dois partem do exame do conteúdo da consciência. Descartes o faz por meio da dúvida, já o caminho percorrido por Espinosa é o exame dos modos de percepção. Vamos encontrar de modo mais explicitado no *Tratado da Correção do Intelecto*. Ambos através do processo de aprofundamento da consciência são conduzidos à ideia de Deus.

Lima,⁴⁸ entretanto, apresenta dois pontos de distinção importante, argumentando que Descartes ao conceber a substancialidade da mente como um efeito da substancialidade transcendente que é Deus, contradiz Espinosa.

Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista. Orientador: Prof. Dr. Alfredo Pereira Junior. Marília, 2007.

⁴⁶ ÉTICA. Parte II. Proposição 43. Escólio.

⁴⁷ TEIXEIRA, L.. A Doutrina dos modos de percepção e o conceito de abstração na filosofia de Espinosa. São Paulo: UNESP, 2001. p. 129

⁴⁸ LIMA, Orion Ferreira. **Uma Discussão do Problema Mente-Corpo em Descartes e Espinosa, a partir da Neurofilosofia de António Damásio**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa

O primeiro ponto: A dependência da teoria do conhecimento de Descartes de um Deus transcendente. Atribuindo substancialidade à mente, Descartes fundamenta a doutrina das ideias inatas dadas por Deus, abrindo questões importantes a respeito da origem dessas ideias, de sua veracidade ou não. Na tentativa de superá-las é que Descartes introduz a hipótese de um Deus enganador e de um gênio maligno.

Para Espinosa o uso desses recursos lógicos constitui um erro na metafísica cartesiana, pois antes de querer saber quem incutiu as ideias na mente, uma vez que ele não concebe uma mente substancial, é preciso saber qual é a natureza dessas ideias. A mente, em Espinosa, nada mais é do que a ideia das coisas, não havendo, portanto dicotomia entre mente substancial e Deus.

O segundo ponto: se solidarizam ideia de substancialidade com ideia de criação. Herança do cristianismo, a ideia de criação deu origem à ideia de substancialidade, as quais são indissociáveis. Assim, Descartes concebe que Deus criou substancialmente o mundo, e por um ato deliberado de sua vontade garante a sua conservação. Ele nos afirma que:

[...] é uma coisa muito clara e muito evidente (para todos os que considerarem com atenção a natureza do tempo) que uma substância para ser conservada em todos os momentos de sua duração, precisa do mesmo poder e da mesma ação, que seria necessária para produzi-la e criá-la de novo, caso ainda não exista ainda. De sorte que a luz natural nos mostra claramente que a conservação e a criação não diferem senão com respeito à nossa maneira de pensar, e não em efeito. Cumpro, pois, apenas que eu me interroguem a mim mesmo para saber se possuo qualquer poder e alguma virtude que seja capaz de fazer de tal modo que eu, que sou agora, seja ainda no futuro: pois, já que sou apenas uma coisa pensante (eu ao menos já que não trata até aqui precisamente senão dessa parte de mim mesmo), se um tal poder residisse em mim, de certo eu deveria ao menos pensá-lo e ter conhecimento dele; mas não sinto nenhum poder em mim por isso reconheço evidentemente que dependo de algum ser diferente de mim⁴⁹.

A manutenção das coisas criadas está na dependência do poder de Deus, e esse poder se manifesta na criação. Assim, Deus é causa eficiente de todas as coisas criadas.

de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista. Orientador: Prof. Dr. Alfredo Pereira Junior. Marília, 2007. p. 31

⁴⁹ DESCARTES, R. *Meditações. Discurso do método. Objeções e respostas. As paixões da Alma*. Cartas. J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. Prefácio e notas Gérard Lebrun Jr.. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p. 118. (Os Pensadores)

Romeo (2006)⁵⁰ faz para nós uma espécie de síntese dos pontos convergentes e divergentes entre os dois filósofos. Ele acredita que Espinosa é um “cartesiano-anticartesiano.” Ele é cartesiano pois uma boa medida de sua teoria parte de Descartes, mas anticartesiano porque o seu sistema supera o cartesiano. Se aproxima de Descartes quando pretende fazer uma metafísica da substância, mas se afasta dele quando reduz as substâncias de Descartes a apenas uma – Deus ou natureza (*Deus sive Natura*). Aproxima-se novamente ao conceder às ideias um papel primário, e distancia-se quanto à teoria da verdade, ao afirmar que as ideias são apenas algo que está na mente, e que a mente mesma é uma ideia – uma ideia do corpo. Relembrando: “O objeto da ideia que constitui a mente humana é o corpo, ou seja, um modo definido da extensão, existente em ato, e nenhuma outra coisa. Logo, o objeto da ideia que constitui a mente humana é o corpo, e o corpo existente em ato”.⁵¹ Espinosa, por fim, deixa de lado a primazia do eu, tão forte em Descartes, (*o Cogito de onde deriva tudo mais*), substituindo-o por Deus, única substância, de onde tudo parte e se transforma apenas em manifestações ou modos de seus atributos.

Teceremos, nas próximas páginas, alguns outros comentários que achamos oportunos quanto aos acontecimentos com Espinosa envolvendo, sua vida e sua obra e, ao mesmo tempo, vamos nos encaminhando para tratar mais especificamente do seu Sistema Filosófico. É decisivo para ele o ano de 1670. É quando ele sai de Voorburg e passa a residir em Haia; nesta época também acontece a publicação anônima do *Tractatus Theologico Político (TTP)*, datado de Hamburgo mais publicado em Amsterdam. A publicação desta obra inaugura a crítica bíblica racional, considerada a obra mais importante a ser publicada enquanto o filósofo ainda vivia, obra que lhe causou muitos transtornos; é também a introdução de sua doutrina imanentista e revolucionária. Essa obra provocou uma certa agitação em toda a Europa tradicionalista e cristã, pois que ela trazia em seu bojo dois perigos: em primeiro lugar o perigo de um ateísmo e por outro lado a abertura para uma moral e uma política independente. Esses perigos serão

⁵⁰ ROMEO, Sergio Rábade. **El Racionalismo Descartes y Espinosa. Espinosa Razon e Felicidad.** CEU Universidad San Pablo/Editorial Trotta, Madrid. 2006. p. 332.

⁵¹ ÉTICA. Parte II Proposição 13. Demonstração

confirmados com a publicação, no mesmo ano de sua morte, da obra “*Ética*”. Ela foi publicada pelo seu amigo, Louis Meyer.⁵²

A *Ética*, cujo título exato é “*Ética Demonstrata segundo o Método Geométrico*”, é a sua obra fundamental. Representa a síntese de seu pensamento ontológico, antropológico e ético. Trata-se de um modelo perfeito do sistema filosófico. Espinosa não o construiu como uma exaltação de Deus, senão para expressar a unidade do mundo e os poderes do homem na necessária construção de sua própria liberdade e de sua própria alegria. “Espinosa une a profundidade sensível dos místicos à lucidez rigorosa dos racionalistas, a seriedade dos materialistas à perspicácia dos idealistas.”⁵³

Por causa do fanatismo e também do grande temor de que fossem abalados os fundamentos sagrados da sociedade, Espinosa sofreu a acusação de anti-semitismo. Espinosa foi excomungado pelos judeus, continuava a ser para os cristãos “o judeu de Voorburg”, sem dúvida ainda uma ameaça absoluta para a fé, para a monarquia e para o poder aristocrático. Abaixo, trecho do documento da excomunhão:⁵⁴

Pela decisão dos anjos e julgamento dos santos, excomungamos, expulsamos, execramos e maldizemos Baruch de Espinosa... Maldito seja de dia e maldito seja de noite; maldito seja quando se deita e maldito seja quando se levanta; maldito seja quando sai, maldito seja quando regressa... Ordenamos que ninguém mantenha com ele comunicação oral ou escrita, quem ninguém lhe preste favor algum, que ninguém permaneça com ele sob o mesmo teto ou a menos de quatro jardas, que ninguém leia algo escrito ou transcrito por ele.

O *Tratado Teológico Político* contém uma crítica à imaginação profética, mas é também um elogio de Moisés como legislador e do judaísmo como sistema de uma sociedade feliz. Nem judeu, nem cristão na verdade. Espinosa vai muito além das atitudes tradicionais empenhando-se em construir um modelo novo. Um modelo de espírito livre, universal e sem Deus. Para ele “o verdadeiro fim do estado é a Liberdade”.⁵⁵

Ainda no *Tratado Teológico Político* a democracia aparece como sendo o melhor regime pelo fato de que esse modelo expressa a própria verdade do pacto

⁵² MISRAHI, Robert. **Dicionário dos Filósofos**. Apud. HUISMAN, Ed. Martins Fontes. Espinosa. p.355 - 363. São Paulo, 2004.

⁵³ Id., 2004. p. 15.

⁵⁴ ESPINOSA, Baruch de – **Vida e Obra** – Editora Nova Cultural Ltda. São Paulo-SP. 2005. p. 5

⁵⁵ ESPINOSA, Baruch de – **Tratado Teológico-Político**. Tradução, introdução e notas de Diogo Pires Aurélio. Martins Fontes. São Paulo, 2008. pg. 302.

social cujo único objetivo é a liberdade.⁵⁶ Se não está explicitamente no *Tratado Político* é porque a obra não está terminada (Espinosa morreu e deixou por terminar justamente quando iria desenvolver o seu pensamento sobre a democracia). Mas a constituição que ele descreve sob o nome de monarquia é na verdade uma monarquia constitucional e parlamentar com funcionamento democrático.

Nesta mesma época, por volta ainda do ano 1670, Espinosa começa a redigir a sua *Política*. Trata-se aqui de uma doutrina da liberdade social. A liberdade social é na verdade uma consequência natural da doutrina geral da liberdade, como será desenvolvida na *Ética*, obra na qual ele também se dedica nesta mesma época.

Espinosa tem como um dos primeiros problemas a ser resolvido a relação entre o sistema total do mundo e a existência singular de um *Ser*. É justamente esta relação *todo e indivíduo* que a doutrina de uma única substância terá a função de nos esclarecer.

Entretanto, a racionalização do mundo total não encontra o seu objetivo principal em estabelecer um conhecimento que forneça a compreensão das estruturas do ser, mas sim, que seja um meio para um objetivo ainda mais supremo e anterior: “a *Beatitude*”, entendida como a felicidade sintética do corpo e do espírito, alcançada pelo conhecimento, mas não para ele.

Em outras palavras, diríamos que o sistema do mundo, que é um sistema do *Ser*, é o meio e não o fim de uma sabedoria existencial que é a única com valor de “bem verdadeiro”. Assim, o método denominado geométrico, que constitui em um desenvolvimento total e rigoroso das implicações da definição de um *Ser* ou dos seres, tornou-se fundamental para Espinosa como o meio principal de convencer, de demonstrar e de comunicar o mundo, e não a expressão de uma concepção quantitativa do mesmo.

Essa ideia é confirmada amplamente pela teoria dos três gêneros do conhecimento: se o primeiro gênero (“por ouvir dizer”) não passa de um conhecimento empírico sem fundamento, o segundo gênero (que é, como a

⁵⁶ “Terá obrigatoriamente de conceder a liberdade de opinião e governar os homens de modo que, professando embora publicamente opiniões diversas e até contrárias, vivam apesar disso em concórdia. E não há dúvida de que esta maneira de governar é a melhor e a que traz menos inconvenientes, porquanto é a que mais se ajusta à natureza humana. Com efeito, num Estado Democrático (que é o que mais se aproxima do estado de natureza) todos se comprometam, pelo pacto, a se sujeitar ao que for comumente decidido os seus atos, mas não os seus juízos e raciocínios” – (ESPINOSA, *Tratado Teológico – Político*. Tradução, introdução e notas de Diogo Píeres Aurélio. Martins Fontes, São Paulo, 2008. Cap. XX. Pg.308)

matemática, racional e demonstrativo) ainda é apenas um saber, por certo fundamentado, necessário e universal, mas somente conceitual e abstrato. O conteúdo, a significação e a verdade última dos seres só pode ser apreendidos pelo conhecimento do terceiro gênero, ou seja, a “*Ciência Intuitiva*”.

É importante entender que trata-se de um conhecimento e não de uma efusão mística. Este conhecimento apreende a relação entre a totalidade como substância, bem como a singularidade de cada ser. Trata-se da apreensão de uma relação. É um conhecimento intuitivo, totalizador e singular, revelando assim a sua verdadeira função, que é existencial.

O sistema (e seu conhecimento) tem o objetivo de atingir a sabedoria como alegria, sendo esta (quanto a um de seus aspectos) a consciência da integração do indivíduo à totalidade de que faz parte. A integração ao todo não é uma simples contextualização: é uma liberação e uma alegria. É essa alegria, denominada “beatitude” e pensada como felicidade de plenitude e de conhecimento, que é o verdadeiro objetivo da filosofia como sistema.⁵⁷

O que nos proporciona o terceiro tipo de conhecimento, é precisamente aquele das coisas particulares. Por meio do conhecimento das coisas particulares, vemos Deus como um indivíduo concreto. O próprio Espinosa confessa que atingir essa dimensão de conhecimento é tocar em alguma coisa muito grande. Ele afirma o “quanto é forte o conhecimento das coisas singulares que chamei de intuitivo ou do terceiro gênero”.⁵⁸

O amor intelectual da mente para com Deus é o próprio amor de Deus, com o qual ele ama a si mesmo, não enquanto é infinito, mas enquanto pode ser explicado por meio da essência da mente humana considerada sob a perspectiva da eternidade, isto é, o amor intelectual da mente para com Deus é uma parte do amor infinito com que Deus ama a si mesmo.

É importante entender que a ontologia espinosana não se apresenta como se fosse uma pirâmide contendo três níveis: no topo a Substância, no centro os

⁵⁷ MISRAHI, Robert. **Dicionário dos Filósofos**. Denis Huisman, Ed. Martins Fontes. Espinosa. p. 358. São Paulo, 2004

⁵⁸ ÉTICA. parte V. Proposição 36. Escólio.

Atributos e na base os Modos, ainda que evoque Plotino⁵⁹ (205-270 a.C) e Giordano Bruno⁶⁰ (1548-1600).

Em relação ao mundo a substância não é um ser transcendente, aproximando, assim, por causa de sua infinidade e eternidade, do Deus tradicional dos monoteístas dualistas. A palavra Deus é utilizada por Espinosa para dizer algo bem diferente. Ela significa a identidade absoluta da substância com o mundo, em outros termos, entre Deus e a natureza: *Deus, sive, natura*. Substância e Atributos estão situados em um mesmo plano. A substância é a *essência*⁶¹ intrínseca do mundo antes de qualquer determinação pelo conhecimento. Depois os Modos, que são infinitos, como o movimento e o entendimento, ou finitos, como as ideias e as coisas.

Modos e Atributos são instrumentos conceptuais que ajudam a tornar inteligível a relação existente entre as coisas singulares e a totalidade da substância, embora não tenham uma essência diferente. Na verdade os atributos são aspectos e gêneros segundo os quais a substância se apresenta à inteligência humana. *Extensão e Pensamento* são apenas determinados (e infinitos em seu gênero) dessa Substância que constitui o próprio ser da Natureza.

Até poderiam existir outros atributos para outra inteligência, mas mesmo assim teriam a mesma substância, o ser único e imanente que constitui a Natureza, transcendente apenas por suas possibilidades lógicas de atribuição infinita. A

⁵⁹ Plotino dividia o universo em três hipóstases: O *Uno*, o *Nous* (ou mente) e a *Alma*.

⁶⁰ Deus seria a força criadora perfeita que forma o mundo e que seria imanente a ele. Bruno coaduna com os poderes humanos extraordinários, mas enfrentou abertamente a Igreja Católica e seus preceitos.

⁶¹ “A filosofia grega empregou a mesma palavra – *ousía* – para definir o que mais tarde se traduziu ora como essência, ora como substância. Para Platão, a noção de permanência adequava-se às ideias ou arquétipos inteligíveis do mundo dos fenômenos. Aristóteles, posteriormente, distinguiu entre uma substância primeira, algo individual, irreduzível e único, que se determina a si próprio e que poderia existir mesmo que não existisse outra coisa, cuja subsistência independe de qualquer qualificação que a ela se atribua. É, assim, o ser individual de um dado objeto, que não pode ser predicado de nenhum outro. Já a substância segunda, a essência universal desse mesmo objeto, é predicado de sua substância primeira. Desse modo, ao homem individual pode-se aplicar o nome “homem”, pelo qual tal nome é alguma coisa que se afirma do homem individual. O homem individual é uma substância primeira, mas o nome “homem”, não é. Essa distinção deu origem a uma discussão que dominou o pensamento filosófico por toda a Idade Média, a respeito da substância como ser, ou fundamento de toda a realidade, e as substâncias individuais. No século XVII, contudo, a filosofia racionalista pôs de lado a aplicação do conceito de substância aos objetos particulares e passou a concebê-lo apenas como aquilo que não necessita senão de si mesmo para existir. De acordo com essa concepção, Descartes assinalou que, a rigor, o termo substância implica uma ideia de independência e infinitude que só pode ser atribuída a Deus, embora existissem também substâncias finitas, criadas pela providência divina. Ao rejeitar essa distinção, Spinoza postulou uma forma panteísta de racionalismo, com a afirmação de que só existe uma única e infinita substância, Deus ou a natureza. *Deus sive natura*.” (Enciclopédia de Filosofia. www.pfilosofia.xpg.com.br/geocities/encfil/substancia.htm acessado dia 20 de novembro 2009.)

substância sempre vai superar qualquer definição limitada que um único atributo daria.

Uma vez que a extensão e o pensamento não seriam suficientes para determinar a singularidade dos seres, são os Modos que realizam essa tarefa. Infinitos ou finitos, eles organizam uma mediação lógica suplementar entre a multiplicidade empírica do mundo natural e a unidade fundamental e substancial da natureza.

É por isso que não se trata, de modo algum, de seres hierarquizados numa ordem vertical. É sempre levado em conta a homogeneidade lógica e real da Natureza. Outra coisa que precisamente devemos distinguir é uma *Natureza Naturante* e uma *Natureza Naturada*.⁶²

Por natureza naturante devemos compreender o que existe em si mesmo e por si mesmo é concebido, ou seja, aqueles atributos da substância que exprimem uma essência eterna e infinita, isto é, Deus, enquanto é considerado como causa livre. Por natureza naturada, por sua vez, compreendo tudo o que se segue da necessidade da natureza de Deus, ou seja, de cada um dos atributos de Deus, isto é, todos os modos dos atributos de Deus, enquanto considerados como coisas que existem em Deus, e que, sem Deus, não podem existir nem ser concebidas.

A questão agora é compreender como ele torna possível a sabedoria, considerada também como beatitude a qual ele deseja instaurar. Vemos aí emergir um ateísmo, mas um ateísmo que está a serviço de uma filosofia do desejo – “o *conatus*”

Misrahi⁶³ falando do “*Desejo e o Ser*” afirma que “o espinosismo não é uma espécie de deísmo extremo ou de panteísmo (termo inexistente na *Ética*) e inventado no século XVIII por Toland); a Natureza, que é “Deus”, não tem personalidade divina; uma mesma palavra não indica forçosamente a mesma coisa (como o Cão, a constelação, e o cão, animal que late). E completa:

O moralismo rigoroso e teológico dos ontologistas dualistas é substituído por Espinosa por seu monismo ateu e por sua doutrina do homem como desejo, uma ética humanista de alcance simultaneamente ontológico e existencial. [...] é que o desejo é fundamentalmente movimento em direção ao sentimento de ser, ou seja, a potência crescendo em ato e apreendendo-se como fruição, concordância consigo mesmo e, portanto, alegria.

⁶² ÉTICA. Primeira Parte. Proposição 29. Escólio.

⁶³ MISRAHI, Robert. **Dicionário dos Filósofos**. Denis Huisman, ed. Martins Fontes. Espinosa. São Paulo, 2004. p. 355 - 363

Observa-se que a linguagem de Espinosa possui uma autonomia interna única, diferente de qualquer outra doutrina. Naturalmente que isso tem uma razão bastante óbvia. Existiam questões religiosas e políticas bem desfavoráveis para Espinosa na época. Por isso ainda mais que Descartes, Espinosa precisa usar uma linguagem um tanto “mascarada”. Giordano Bruno foi condenado à fogueira em Roma em 1600, e Espinosa é rejeitado pelas comunidades religiosas da Europa do Século XVII.

Como já vimos, o termo “Deus” é sempre empregado como o equivalente rigoroso do termo “Natureza”. *Deus sive Natura*, significa que Deus ou o que é a mesma coisa, a Natureza.

Assim, o Ser é o todo da natureza, bem como o conjunto dos espíritos singulares e o conjunto dos corpos materiais. O Ser se fundamenta em si mesmo, ele é o próprio real e como fato global, original, autônomo e não criado.

Vemos aqui que o ser designa essa autonomia absoluta da Natureza, concebida de suas determinações e de suas aparências particulares.

Foi isso que me propus demonstrar sobre a mente, enquanto considerada em relação com a existência do corpo. Por essas demonstrações, bem como por outras proposições, fica evidente que a nossa mente, à medida que compreende, é um modo eterno do pensar, que é determinado por um outro modo do pensar, e este ainda por um outro e, assim, até o infinito, de maneira que todos eles, juntos, constituem o intelecto eterno e infinito de Deus.⁶⁴

Talvez aqui está o epicentro de toda a indisposição espinosista com os sistemas religiosos em sua época. A sua ontologia naturalista e monista tem valor de ateísmo, como bem compreenderam os contemporâneos de Espinosa; é possível perceber esse ateísmo de maneira mais nítida à partir de sua moral e de sua política.

Ao contrário de um moralismo que se esforça em definir obrigações de origem transcendente, que são garantidas por um fundamento teológico, a *Ética* rejeita a ideia de uma moral fundamentada em punições, sejam de ordem externa como as ameaças, promessas, castigos ou recompensas; seja de ordem interna como o remorso ou a boa consciência. Nesta perspectiva moralista, Deus é compreendido

⁶⁴ ÉTICA. Parte V. Proposição 40. Escólio.

como um juiz, um monarca ou um pai. Esse antropomorfismo, bem como o moralismo autoritário dele decorrente, é sistematicamente rejeitado por Espinosa.

Nesta mesma linha caminha também a sua política que não tem fundamento teológico, visto que o direito não repousa no príncipe ou no sacerdote, mas na coletividade racional sob a forma de um pacto social estritamente humanista. É nesse sentido que se fala de uma “religião civil”. É a comunidade política que decide de modo democrático, a observância de uma série de costumes unificadores inspirados pelos princípios meramente morais da justiça e da caridade.

2.2 O TRATADO DA CORREÇÃO DO INTELECTO COMO BACKGROUND EPISTEMOLÓGICO

Moreau (1982)⁶⁵ afirma que a *Ética* seria a realização do que Espinosa havia concebido no projeto do *Tratado da Correção do Intelecto*. O filósofo, considerando as futilidades dos acontecimentos do cotidiano, a fragilidade dos objetos a que os homens comumente aspiram, lança uma pergunta a si mesmo: se não existiria um bem sólido, capaz de satisfazer a mente, de inspirar, só por si, uma alegria duradoura.

Espinosa reconhece que só o seu esforço em se questionar e tentar solucionar esse problema, já era algo que lhe trazia muito contentamento e paz de espírito. Sabendo que tocava em algo bastante crucial, vai procurar por que método se pode chegar ao conhecimento de um tal bem. Vejamos o ponto de partida:

Desde que a natureza me ensinou ser vão e fútil tudo o que costuma acontecer na vida cotidiana, e tendo eu visto que todas as coisas de que me arreceava ou que temia não continha em si nada de bom nem de mau senão enquanto o animo se deixava abalar por elas, resolvi, enfim, indagar se existia algo que fosse o bem verdadeiro e capaz de comunicar-se, e pelo qual unicamente, rejeitado todo o mais, o ânimo fosse afetado; mais ainda, se existia algo que, achado e adquirido, me desse para sempre o gozo de uma alegria continua e suprema.⁶⁶

Este discurso também não é estranho ao Discurso do Método; visto que Descartes propõe-se “*ver claro nas suas opções e caminhar nesta vida com*

⁶⁵ MORREAU, Joseph – **Espinosa e o Espinosismo** – Biblioteca Básica de Filosofia – edições 70. São Paulo, 1982 p. 27

⁶⁶ Tratado da Correção do Intelecto §1.

*segurança*⁶⁷. Entretanto, Espinosa não perde tempo numa “moral provisória”; não pede à filosofia os princípios de uma física, donde se deduzirão uma mecânica, em seguida uma medicina, e por último, uma moral; procura sobretudo a significação e o objetivo da existência; para tal é preciso que conheça “a união que a mente mantém com toda a Natureza”.⁶⁸

Espinosa avança para além das precauções metodológicas de Descartes, e as extravagantes suposições dos cétricos não o interessam; o cétrico, diz Espinosa, “refuta-se a si próprio, interdita-se de dizer o que quer que seja.”⁶⁹ Argumenta que não foi preciso esperar que a crítica definisse as condições de certeza para que pudesse constituir a ciência, e que se para saber fosse necessário saber o que é saber, a ciência nunca teria existido.

Existe, portanto, uma ciência certa, a matemática, ela nos traz a norma de verdade, e nos fornece o modelo da ideia verdadeira.⁷⁰ O método então consistirá em dirigir o nosso espírito segundo a norma da ideia verdadeira dada;⁷¹ ele extrai-se de uma reflexão sobre a ideia verdadeira, revelada na evidência intelectual, e que importa apenas aprender a distinguir das aparências sensíveis e das ficções da imaginação.

⁶⁷ Discurso do método, 4ª. Parte: “Depois disso, considere, em geral, o que é requerido a uma proposição para ser verdadeira e certa; porque, como acabava de encontrar uma que eu sabia ser tal, pensava que devia saber também em que consiste esta certeza. E tendo notado que nada há no *eu penso, logo existo*, que me assegure de que digo a verdade, exceto que vejo muito claramente que, para pensar, é preciso existir, julguei poder tomar por regra geral que as coisas que concebemos muito clara e distintamente são todas verdadeiras.” (Descartes – **O Discurso do Método Quarta Parte** Coleção Os Pensadores. Vol XV. Editor Victor Civita 1ª. edição.pg. 54. Ed. Abril Cultural. São Paulo, 1973).

⁶⁸ “O sumo bem, contudo, é chegar ao ponto de gozar com outros indivíduos, se possível, dessa natureza. Qual, porém, seja ela, [...] o conhecimento da união que a mente tem com toda a natureza”. ESPINOSA. **Tratado da Correção do Intelecto §13.** (Cf. ESPINOSA, Baruch. Pensamentos Metafísicos. Tratado da Correção do Intelecto. Ética. Tratado Político. Correspondência. Editora Nova Cultural Ltda. São Paulo-SP. 2005.)

⁶⁹ **Ibd.: Tratado da Correção do Intelecto §§ 47-48**

⁷⁰ ÉTICA. Parte I Apêndice: “Deram por isso como certo que os juízos dos deuses superavam em muito a compreensão humana. Essa razão teria sido, sozinha, realmente suficiente para que a verdade ficasse para sempre oculta ao gênero humano, se a matemática, que se ocupa não de fins, mas apenas das essências das figuras e de suas propriedades, não tivesse mostrado aos homens outra norma de verdade. Seria possível assinalar, além da matemática, ainda outras razões que podem ter levado os homens a tomarem consciência desses preconceitos comuns, conduzindo-os ao verdadeiro conhecimento das coisas.”

⁷¹ ESPINOSA. **Tratado da Correção do Intelecto §38.** ESPINOSA, Baruch. Pensamentos Metafísicos. Tratado da Correção do Intelecto. Ética. Tratado Político. Correspondência. Editora Nova Cultural Ltda. São Paulo-SP. 2005.

2.3 O MÉTODO

Espinosa é bem enfático no *Tratado de Correção do Intelecto* quando afirma que a fim de não correr o risco de aventurar-se por caminhos tortuosos como seus predecessores, propõe um método que busque a ordem verdadeira, partindo daquilo que nos é dado naturalmente. Posto isso, assevera ele que dedica-se inicialmente à primeira coisa que se deve fazer, ou seja, corrigir o intelecto, para torná-lo capaz de compreender as coisas da maneira que é preciso compreendê-las a fim de conseguir o seu intento.⁷²

Para tanto, exige-se a ordem, que naturalmente temos, que aqui resuma todos os modos de perceber usados por mim até agora para afirmar ou negar alguma coisa sem dúvida, com o intento de escolher o melhor de todos e começar ao mesmo tempo a conhecer as minhas forças e a minha natureza, a qual desejo aperfeiçoar.

Talvez o que encontramos em Gleizer⁷³ nos esclareça mais as coisas. Ele diz que Espinosa recusa qualquer situação de mistério e incompreensibilidade, pelo contrário, ele adota o princípio da inteligibilidade integral do real e aplica de maneira absolutamente clara o princípio da razão suficiente. Essa inteligibilidade integral se realiza segundo o modelo de racionalidade, já mencionado, sendo ele o método sintético da geometria euclidiana.

Espinosa escolhe esse método em oposição à preferência cartesiana pelo método analítico que, partindo do conhecimento do efeito regride até as sua causa. Conhecer verdadeiramente para Espinosa é conhecer pelas causas. Portanto, “deve-se observar que, para cada coisa existente, há necessariamente, alguma causa precisa pela qual ela existe.”⁷⁴ É por isso que adota o método sintético, que parte do conhecimento de causa progredindo em direção ao conhecimento do efeito. Para ele este é o verdadeiro método de investigação.

A partir deste método o caminho percorrido parte de definições puras, juntamente com os axiomas para deduzir num processo contínuo as propriedades dos objetos. Para ele a definição perfeita deve ser genética, ou seja, deve descrever

⁷² **Tratado da correção do intelecto § 18** (Cf. ESPINOSA, B. *Ética*. In: _____. **Pensamentos Metafísicos. Ética. Tratado político. Correspondências**. Tradução de Marilena Chauí. São Paulo: Abril S. A. Cultural e Industrial, 1973. p. 54. (Os Pensadores).

⁷³ GLEIZER, Marcos André. **Espinosa e a Afetividade Humana**. ed. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. RJ. 2005. Cf. Sistema e método p.14-16.

⁷⁴ *ÉTICA*. Parte I. proposição 8. Escólio 2.

o modo de produção do objeto definido, para poder deduzir *a priori* todas as suas propriedades. Espinosa cita o exemplo da definição de um círculo. Uma vez definido que o círculo é uma figura descrita por uma linha, da qual uma extremidade é fixa e a outra, móvel, pode-se na sequência inferir que todas as linhas que partirem do centro em direção à circunferência serão iguais.

Partindo do pressuposto que conhecer é conhecer pelas causas, nosso espírito precisa deduzir então, todas as ideias, à partir daquela ideia primeira que representa a origem de toda a natureza. Em outras palavras, a ideia da causa primeira de todas as coisas deve ser também a causa de todas as ideias. A consequência então seria que a ordem e conexão das ideias reproduzirá a ordem e conexão das coisas.

Já o dissemos que Deus é a causa primeira de todas as coisas. Assim, é preciso partir do conhecimento da essência de Deus e, daí, deduzir o conhecimento do universo, incluindo tanto os seus aspectos materiais como mentais. Essa seria para Espinosa a verdadeira ordem do filosofar. Para que isso possa se processar de forma contínua e necessária, é preciso abandonar a crença em um Deus transcendente, pessoal e criador, substituindo-a pelo conhecimento adequado de um Deus imanente à Natureza. Deste Deus imanente tudo deriva. As coisas são então, modificações particulares produzidas pelo exercício necessário de uma potência causal desprovida de qualquer finalidade.⁷⁵

É esta a grande base do racionalismo absoluto, do determinismo causal, da imanência divina e do naturalismo integral que fornecem o horizonte teórico onde o sistema dedutivo unificado pode ser enfim construído. Com isso, tudo pode ser explicado a partir de uma única raiz, a saber, Deus, a Substância Única. Esse sistema encontrara sua concretização em sua obra mais importante – *A ÉTICA*. Essa raiz metafísica única é precisamente o objeto da primeira parte da *Ética*, cujo título é “De Deus”. Nela Espinosa demonstra a tese central do monismo.

2.4 OS GÊNEROS DO CONHECIMENTO

Encontramos na segunda parte da *Ética* a explicação da gênese dos conteúdos cognitivos da mente humana a partir das ideias das afecções do corpo.

⁷⁵ ÉTICA. Parte I. Apêndice.

Espinosa apresenta os três gêneros de conhecimento, bem como as distinções entre as ideias adequadas e inadequadas.

Aqui encontramos o fundamento para o projeto de Espinosa, visto que toda a vida afetiva e ética do homem, via de regra, vai depender da natureza do seu conhecimento.

Morreau⁷⁶, falando especificamente dos gêneros do conhecimento em Espinosa, entende que, na sua essência, o ser humano é uma determinação particular do poder infinito de Deus, assim como todos os indivíduos. É um modo infinito eterno, e exprime-se sob dois atributos, como uma ideia eterna no entendimento divino.

Um modo eterno da extensão é a forma de organização do corpo, a que corresponde uma ideia eterna do pensamento. Essa ideia, a qual se reduz a mente, é a sua essência. Na sua existência empírica, a mente se torna uma grande quantidade de ideias. Essas ideias são ideias das modificações constantes do pensamento, provocadas pelas afecções diversas do corpo. A mente empiricamente só percebe as afecções imediatas do corpo que lhe corresponde.

Uma afecção de um corpo é o resultado duplo, primeiramente da natureza do corpo afetado, bem como da natureza dos corpos exteriores que o afetam. A mente ao perceber as afecções em seu corpo e estando cheia de ideias que representam esses objetos exteriores, levam-na a considerá-los presentes. É por isso que essas ideias exprimem mais um estado corporal do que o objeto mesmo, concreto externo.

⁷⁶ MORREAU, Joseph – **Espinosa e o Espinosismo** – Biblioteca Básica de Filosofia – edições 70. São Paulo, 1982 p. 42-44.

Aquelas ideias que, em nossa mente⁷⁷, correspondem às afecções e às impressões do nosso corpo, recebidas do exterior, são ideias confusas por corresponderem a efeitos complexos, embora as causas sejam adequadamente representadas no pensamento infinito por outras ideias correspondentes. Encontramos em *Ética* que “todas as ideias, enquanto estão referidas a Deus são verdadeiras”. E que “a mente humana é uma parte do intelecto infinito de Deus.” Sendo um modo do pensamento infinito a mente não pode produzir ideias falsas. As ideias que chamamos falsas são apenas ideias incompletas.⁷⁸

O que se conclui é que não há ideias falsas, mas ideias inadequadas, mutiladas, confusas, separadas de suas premissas: “se o corpo humano foi, uma vez afetado, simultaneamente, por dois ou mais corpos, sempre que, [...] a mente imaginar um desses corpos, imediatamente se recordará também dos outros”⁷⁹.

As afecções corporais deixam vestígios, ou imagens daqueles corpos exteriores mesmo que esses não estejam presentes, o que caracteriza a imaginação que pode levar também ao erro até que possamos atingir o conhecimento necessário para reduzir essas ideias da imaginação.⁸⁰

Se o corpo humano é afetado de uma maneira que envolve a natureza de algum corpo exterior, a mente humana considerará esse corpo exterior como existente em ato ou como algo que lhe está presente, até que o corpo seja afetado de um afeto que exclua a existência ou a presença desse corpo.

⁷⁷ Pensamos ser pertinente a advertência que encontramos na tradução espanhola da *Ética* de Espinosa quando chama a atenção para a tradução da palavra “*mens*” por “alma”, como segue: E. GIANCOTTI-BOSCHERINI tem provado como é significativo o fato de Espinosa utilizar a palavra *mens* em lugar da palavra *anima*. Procedendo assim, se evaporam muitas conotações “espiritualistas” tradicionais, conotações espiritualistas que estão presentes na palavra “alma”. Mas “mente” tampouco nos satisfaz: permanece muito adscrita, em casteliano, a “conteúdos cerebrais”, e tampouco é esse o caso da *mens* espinosana, que é forma e ideia do corpo, e não – ou não só – “representação cerebral”. Mesmo assim, e com o risco de manter aquelas conotações espiritualistas (contra as quais, desde logo, prevenimos o leitor também desde agora), seguiremos traduzindo “alma”, pela falta de coisa melhor.”(Cf. *ÉTICA* – Baruch de Espinosa – demonstrada según El orden geométrico. Ediciones Orbis S.A. Hyspamerica 2. Introdução ey notas de Vidal Peña. Editora Nacional, Madrid, 1980. p.63.) Nós entendemos essa preocupação do autor, mas optamos por traduzir “mens” por “mente”, seguindo a argumentação de CHAUÍ nas notas do “*Pensamentos Metafísicos*”. Quando afirma: “Traduzimos *mens* por *mente* e não por alma porque o texto de Espinosa usa *mens* e *anima*. Não traduzimos por *espírito* porque Espinosa não usa o termo *spiritus*, dada a conotação teológica que este possui. (Cf. PENSADORES, Os – Baruch Espinosa: “**Pensamentos Metafísicos**” – “Tratado da Correção do Intelecto” – “Ética” – “Tratado Político”. “Correspondências”. Vol. XVII – 1ª. Edição Agosto 1973. Ed. Abril Cultural. São Paulo. Notas de rodapé p. 42).

⁷⁸ *ÉTICA*. Parte II. Proposição 11 e corolário e proposição 32.

⁷⁹ *ibid.*: Proposição 18.

⁸⁰ *ibid.*: Proposição 17.

Uma vez que a mente só percebe as coisas pelas ideias das afecções do corpo, assim também ela não tem dos corpos exteriores e de seu próprio corpo um conhecimento adequado. Mesmo a consciência que tem de si, através dessas ideias não constitui um conhecimento adequado. “A ideia da ideia de uma afecção qualquer do corpo humano não envolve o conhecimento adequado da mente humana.”⁸¹

As percepções da mente variam de acordo com a complexidade dos organismos corporais. Assim, quanto mais variadas são essas percepções, maior também a sua capacidade de comparações, enquanto a sua capacidade interna de intelecção é aumentada. É o que nos dá a entender Espinosa quando afirma que “a mente é capaz de perceber muitas coisas, e tanto mais capaz quanto maior for o número de maneiras pelas quais seu corpo pode ser arranjado.”⁸²

Desse modo quanto mais a mente se esforçar para distinguir entre si as ideias sensíveis, descobrindo suas semelhanças e diferenças, tanto mais conseguirá construir uma representação⁸³ mais objetiva das coisas. A mente logrará isso através do exercício da atividade intelectual que lhe é imprescindível.

Afirmo expressamente que a mente não tem, de si própria, nem de seu corpo, nem dos corpos exteriores, um conhecimento adequado, mas apenas um conhecimento confuso, sempre que percebe as coisas segundo a ordem comum da natureza... E não quando está interiormente determinada, por considerar muitas coisas ao mesmo tempo, a compreender suas concordâncias, diferenças e oposições. Sempre que está interiormente arranjada, a mente considera as coisas clara e distintamente.⁸⁴

Aqui se evidencia os modos de conhecimento, um primeiro gênero sensível ou imaginativo, em oposição a um conhecimento de segundo gênero, ou seja, o conhecimento racional. No conhecimento racional, todos os objetos exteriores se reduzem a determinações da extensão. Os fenômenos se explicam aqui, por meio

⁸¹ *ibid.*: Proposição 29.

⁸² *ibid.*: Proposição 14.

⁸³ O termo representação é bastante controvertido dentro da história da filosofia. É importante entender que quando nos referirmos a esse termo, principalmente em Damásio ele é empregado como sinônimo de imagem mental ou padrão neural (bem próximo de Hume). Por exemplo, a imagem de um rosto específico é uma representação, assim como os padrões neurais que emergem durante a percepção desse rosto. Representação significa, então, um padrão que está relacionado com alguma coisa ou ainda um conjunto de ações neurais que ocorrem em um determinado sítio do cérebro.

⁸⁴ ÉTICA. Parte II. Proposição 29. Escólio.

de figura e movimento, ou seja, por meio de noções geométricas e não são outra coisa que ideias claras, distintas e adequadas.⁸⁵

Para Chauí⁸⁶,

a imaginação opera com ideias inadequadas, confusas, obscuras provenientes de nossa experiência sensorial e de nossa memória. A ideia inadequada é uma opinião em que depositamos nossa confiança enquanto nenhuma outra imagem a puser em dúvida.

O conhecimento racional, que se firma nas propriedades comuns de todos os corpos, e que é conhecido de forma adequada por todos, tem a força da objetividade. Ele nos proporciona um conhecimento seguro das leis da natureza e mostra que todo o conhecimento resulta de uma ordem imutável, ainda que sucedendo no tempo.

Seguindo a percepção de Chauí, vemos que a razão, ao contrário da imaginação, conhece adequadamente as *noções comuns*, isto é, conhece as leis necessárias entre um todo e suas partes, bem como as relações necessárias entre as partes de um mesmo todo.

Na verdade esse conhecimento representa-nos as coisas sob o aspecto da eternidade (*sub specie quadam aeternitatis*), própria dos objetos matemáticos. Este conhecimento ainda não apreende a essência de nenhuma coisa singular e a sua individualidade e o seu fundamento em Deus; esta é uma tarefa que só um nível superior de conhecimento poderá atingir: o conhecimento do *Terceiro Gênero*. A este conhecimento, Espinosa chama de *Ciência Intuitiva*. “Este gênero de conhecimento parte da ideia adequada da essência formal de certos atributos de Deus para chegar ao conhecimento adequado da essência das coisas.”⁸⁷

Chauí⁸⁸ nos apresenta o que seria esse conhecimento adequado quando afirma, no entendimento de Espinosa, que

⁸⁵ ibid.: Proposição 40. Escólio 2 – “De tudo que foi anteriormente dito conclui-se claramente que perceberemos muitas coisas e formamos noções universais: 1. A partir de coisas singulares, que os sentidos representam mutilada, confusamente, e sem a ordem própria do intelecto... 2. A partir de signos por exemplo por ter ouvido ou lido certas palavras. Vou referir a esses dois modos de considerar as coisas de conhecimento de primeiro gênero, opinião e imaginação. 3. Por termos, finalmente, noções comuns e ideias adequadas das propriedades e das coisas. A este modo me referirei como razão de conhecimento de segundo gênero. Além desses dois gêneros de conhecimento, existe ainda um terceiro, que chamaremos de ciência intuitiva.”

⁸⁶ CHAUI, Marilena. **Espinosa uma filosofia da liberdade**. Ed. Moderna. 2ª.ed. São Paulo, 2005 p. 36

⁸⁷ ÉTICA. Parte II. Proposições 40. Escólio 2

⁸⁸ CHAUI, Marilena. **Espinosa uma filosofia da liberdade**. ed. Moderna. 2ª.ed. São Paulo, 2005 p. 36.

A intuição intelectual alcança as ideias adequadas, isto é, as ideias das coisas enquanto essências singulares, conhecendo sua natureza íntima por conhecer suas causas e efeitos necessários, assim como suas relações internas necessárias com outras e com a natureza inteira. Ao contrário da opinião, a ideia adequada é uma *certeza* intelectual que nos faz saber que sabemos.

Ainda mais claramente, Espinosa demonstra-nos como se processam os três gêneros de conhecimento:⁸⁹ Inicialmente percebemos muitas coisas e formamos conceitos universais. A essas percepções ele chama de conhecimento originado da experiência errática. Segundo: Conhecemos a partir de signos. Por termos lido ou ouvido certas palavras recordamos das coisas e ao mesmo tempo formamos ideias semelhantes àquelas, por meio das quais imaginamos as coisas. A esse processo Espinosa denominou conhecimento de Primeiro Gênero, opinião ou imaginação. Por ouvir dizer, sei, por exemplo, o dia do meu nascimento e quem são meus pais; por experiência vaga, sei que fogo aquece, o vento esfria, a água umedece, a luz ilumina, mas desconheço a causa do calor, do frio, da umidade ou da luminosidade. Terceiro: Por termos, finalmente, noções comuns e ideias adequadas das propriedades das coisas. Esse, designado de conhecimento do Segundo Gênero. Além desses dois gêneros de conhecimento temos o Terceiro Gênero, o chamado “Ciência Intuitiva”.⁹⁰

O conhecimento de primeiro gênero é a única causa de falsidade, enquanto o conhecimento de segundo gênero e o de terceiro é necessariamente verdadeiro. O conhecimento de segundo e terceiro gênero, e não o de primeiro, nos ensina a distinguir o verdadeiro do falso.⁹¹

Além da *Ética*, encontramos também uma explanação desses três gêneros de conhecimento no *Tratado da Correção do Intelecto*⁹².

⁸⁹ ÉTICA. Parte II. Proposições 40. Escólio 2.

⁹⁰ “Este gênero de conhecimento parte da ideia adequada da essência formal de certos atributos de Deus para chegar ao conhecimento adequado da essência das coisas. Cf. Ética. Parte II. Proposições 40. Escólio 2.

⁹¹ ÉTICA. Parte II. Proposições 41 e 42.

⁹² “Existe uma percepção que temos por ouvir ou outro qualquer sinal que chamam “convencional”. II. Existe uma percepção originária da experiência vaga, isto é, da experiência não determinada pelo intelecto, só se dizendo tal porque ocorre por acaso e não vemos nenhuma outra experiência que a contradiga e por isso fica como irrecusável entre nós. III. Existe uma percepção na qual a essência de uma coisa é tirada de outra, mas não adequadamente, o que acontece quando induzimos de algum efeito a causa ou quando se conclui de um universal que sempre é acompanhado de certa propriedade. IV. Por último, existe uma percepção em que a coisa é percebida por sua essência unicamente ou por sua causa próxima.” (Cf. ESPINOSA. **Tratado da Correção do Intelecto §19.**

A segunda parte da *Ética* serve de base à psicologia dos estados afetivos, que está amplamente desenvolvida na terceira parte. Na verdade a preparação para as conclusões morais da própria obra, cuja finalidade é libertar os indivíduos da servidão das paixões, assegurando assim a liberdade e conduzindo-nos finalmente à beatitude, o estado mais puro do conhecimento.

Espinosa articula tão transparentemente como uma essência dos nossos seres, o *conatus* (que é um princípio vital que nos leva a desenvolver cada vez mais a nossa intensidade de forças ao longo do nosso processo de vida), é posto em ação quando somos confrontados com a realidade do sofrimento e, especialmente, com a realidade da morte, nossa ou daqueles a quem amamos. A perspectiva de sofrimento e de morte compromete o processo homeostático.⁹³

Essa procura da autopreservação e do bem estar é um dispositivo natural em todos os seres vivos no sentido de evitar o desequilíbrio. É no fundo a luta para fugir do princípio da entropia. Há uma tensão constante que visa buscar sempre a homeostasia. Cada coisa, diz o filósofo⁹⁴, “esforça-se, tanto quanto está em si, por preservar em seu ser e nenhuma coisa tem em si algo por meio do qual possa ser destruída, ou seja, que retire a sua existência, pelo contrário, ela se opõe a tudo o que possa retirar a sua existência.”

Neste primeiro capítulo nos preocupamos mais em conhecer os pressupostos sobre os quais Espinosa construiu o seu sistema filosófico, bem como aproximações e afastamento de Descartes. Nos deteremos agora, na tarefa de nos aproximar dos conceitos de conhecimento, verdade, método e substância, na principal obra de Espinosa, a *Ética*.

Será também a partir desta obra que iremos dialogar com Damásio no terceiro capítulo, com o objetivo de analisarmos a atualidade das percepções espinosanas a respeito do controle das emoções, ou seja, buscar entender como, do ponto de vista do filósofo, é possível, usando as suas próprias palavras, *modelar as paixões*.

Tentaremos demonstrar que, partindo dos principais pressupostos de sua obra, Espinosa chamou-nos a atenção para a importância dos fenômenos

ESPINOSA, Baruch. Pensamentos Metafísicos. Tratado da Correção do Intelecto. *Ética*. Tratado Político. Correspondência. Editora. Nova Cultural Ltda. São Paulo-SP. 2005.)

⁹³ BITTENCOURT, Renato Nunes – **Artigo: Espinosa e os Afetos, como força motriz das relações políticas**, publicado na Revista Ciência e Vida Filosofia. Ed. Escala – Ano II. no 25. Filosofia

⁹⁴ ÉTICA. Parte III. Proposição VI e Demonstração.

emocionais envolvidos nos processos das relações pessoais. Espinosa teria antecipado o que a neurociência vem descobrindo hoje, ou seja, que no exercício sistemático da razão, à qual ele nos convida a exercitar, estaria envolvida uma intrincada estrutura cerebral, algo, na época de Espinosa, ainda bem desconhecido.

*** *** ***

3. A ÉTICA: UM GRANDE PROJETO DE LIBERTAÇÃO

3.1 TODOS OS AFETOS POSSUEM CAUSAS DETERMINANTES E EFEITOS NECESSÁRIOS, DIGNOS DE CONHECIMENTO.

Nos deteremos agora na principal obra de Espinosa, a *Ética*. Será a partir dela que iremos dialogar com Damásio, no terceiro capítulo, com o objetivo de analisarmos a atualidade das percepções espinosanas a respeito do controle das emoções, ou seja, buscar entender como, do ponto de vista do filósofo, é possível, “modelar as paixões”. Tentaremos demonstrar que, partindo dos principais pressupostos de sua obra, podemos encontrar em Espinosa uma espécie de organização anatômica e funcional implicadas no “governo dos afetos”. Essa “organização anatômica” seria colocada em ação através do exercício sistemático da razão, ao qual ele nos convida.

Em Espinosa, veremos que, ao compreender as emoções e sentimentos, o homem se descobre como participante da natureza. Identificando-se com essa natureza, ele consegue traçar estratégias para enfrentar as dificuldades próprias da vida substituindo paixões negativas por afetos positivos, de modo que esse exercício o leve ao equilíbrio, capaz de gerar uma vida feliz.

Espinosa pressupõe uma verdadeira ciência da afetividade. Ele acredita que o indivíduo de posse do controle dos afetos, obtido justamente pela moderação desses mesmos afetos, pode crescer cada vez mais no conhecimento de si, atingindo com isso a liberdade plena. Uma vez livre de todos os preconceitos se saberá como parte integrante da natureza, portanto da essência de Deus, de cuja única, infinita e eterna substância tudo deriva.

Gleizer⁹⁵, afirma que há na *Ética* uma proposta de um grande projeto de libertação, mas que essa libertação só será efetivada mediante o conhecimento verdadeiro das causas dos mecanismos afetivos aos quais estamos submetidos. Somente à partir desse conhecimento é que conseguiríamos elaborar uma “técnica” segura para moderar as paixões. Espinosa afirma que reconhece “*apenas três*

⁹⁵ GLEIZER, Marcos André. **Espinosa e a Afetividade Humana**. Ed. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 2005. Sistema e método p.10-11.

afetos primitivos ou primários, a saber, a alegria, a tristeza e o desejo.”⁹⁶ Todos os outros seriam derivações desses três.

Todos nós somos vítimas de afetos, muitas vezes desordenados, que nos afastam do conhecimento verdadeiro das coisas. Ficarmos presos aos efeitos obsessivos, ambivalentes e alienantes das paixões nos remeterá necessariamente a uma desilusão. Aquela desilusão da qual fala Espinosa no *Tratado de Correção do Intelecto*, como já o mencionamos, cuja proposta de resolução encontramos na *Ética*.

Rompendo com os preconceitos e com a crença de que o sujeito é senhor de suas determinações, Espinosa substitui na *Ética* a postura moralista pela do cientista natural. Os afetos ganham status, pois não são de modo algum neutros, afinal, o desejo, a alegria, a tristeza, o amor, o ódio e todos os afetos que colorem nossa existência, possuem causas determinantes e efeitos necessários dignos de conhecimento.

Na concepção de Espinosa, mente e corpo são modos finitos da substância infinita. A saúde de um está inextricavelmente unida à saúde do outro. Assim, se justifica a necessidade de aumentar cada vez mais a potência, tanto do corpo quanto da mente. Se nos preocuparmos em melhorar a mente com certeza melhoraremos o corpo.

Por fim, e ainda falando deste “Projeto de Libertação proposto na *Ética*”, Gleizer⁹⁷ conclui que:

Só a potência do conhecimento racional – enraizada no mesmo princípio desejante que se manifesta na vida passional, e, por isso mesmo, dotada de uma dimensão afetiva que lhe é peculiar permite transformar gradualmente a vida do indivíduo e conduzi-lo a gozar dos afetos ativos que constituem o núcleo afetivo da experiência da beatitude: o contentamento interior e o amor intelectual por Deus.

Assim, de imediato, temos claro que esse caminho de imersão no mundo dos afetos (afecções) exigirá de nós o exercício constante e profundo da razão. Esse caminho nos conduzirá às verdadeiras causas dos afetos, enquanto nos possibilitará formas seguras de nos livrar das paixões que nos alienam.

⁹⁶ ÉTICA. Parte III. Definição dos Afetos 4.

⁹⁷ GLEIZER, Marcos André. **Espinosa e a Afetividade Humana**. Ed. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. RJ. 2005. Cf. Sistema e método p.10

Chauí⁹⁸, respondendo à questão do que seria conhecer pela causa, diz que conhecer pela causa é ir ao encontro da origem mesma de alguma coisa, para conhecer como essa coisa é produzida por outra, conhecer sua *gênese*. Tal conhecimento é alcançado por uma operação de nosso intelecto, produzindo assim uma definição real, uma ideia verdadeira do objeto conhecido. Dá-nos também a causa necessária de sua essência e existência.

Na tradição filosófica, que viera desde Aristóteles, definia-se alguma coisa descrevendo as suas propriedades, inserindo-a depois em uma espécie de gênero. Por exemplo, definia-se o homem como pertencente à espécie racional, à espécie animal e que pertence ao gênero mortal. Espinosa parte da definição real ou da ideia verdadeira como conhecimento da gênese de seu objeto.

Para Espinosa, como já o referimos no capítulo primeiro, a matemática é o exemplo a ser seguido pelos filósofos. Ela oferece definições reais e genéticas de seus objetos. Chauí⁹⁹ diz que “opera com a construção intelectual de seus objetos apresentando a maneira como são produzidos e deles deduzindo, por meio de demonstrações rigorosas, as propriedades e as conexões necessárias com outros.”

Ainda na *Ética*, o filósofo diz que vai tratar de Deus, o homem, suas paixões e ações como se estivesse tratando de linhas, superfícies ou de corpos.¹⁰⁰ Ele quer dizer, na verdade, que nas suas proposições, demonstrações, corolário e escólios irá oferecer definições reais, de modo que, pelo intelecto, possamos conhecer suas causas, efeitos necessários, além de suas origens e como suas essências são produzidas. O movimento que vai desde o abandono das definições imaginárias passa pelo *desembaraçamento* de nosso intelecto do emaranhado da imaginação.

A formulação de um método leva em conta a necessidade de se conhecer sua causa. Na busca dessa causalidade o método se revela como sendo a própria busca intelectual. No conhecimento desse poder de um pensar intelectual encontra-se a causa do método.

Em Espinosa a potência é a força atual. Ao invés então do trabalho intelectual, na tarefa do conhecer pela gênese, depender do método, é o método

⁹⁸ CHAUÍ, Marilena – **Espinosa uma filosofia da liberdade**. Ed. Moderna. 2ª. Ed. São Paulo, 2005 p. 37.

⁹⁹ id.: 2005. p. 37

¹⁰⁰ ÉTICA. Parte III. **Prefácio**. “Tratarei, assim, da natureza e da virtude dos afetos, bem como da potência da mente sobre eles, por meio do mesmo método pelo qual tratei, nas partes anteriores, de Deus e da mente. E considerarei as ações e os apetites humanos exatamente como se fossem uma questão de linhas, de superfícies ou de corpos.”

que depende das operações intelectuais. O método é o trabalho intelectual, uma atividade ordenada da inteligência.

Ainda na concepção de Chauí¹⁰¹ na *Ética*, a inteligência é essa potência mesma da mente para pensar. Por conseguinte, essa causa absoluta é a “substância infinitamente infinita e o bem verdadeiro. Conhecê-lo, desejá-lo e compartilhá-lo com outros será a felicidade, a liberdade e a verdade.”

Espinosa demonstra assim que o intelecto ou a razão é uma potência inata para pensar. Conhecendo a essência das coisas pelo conhecimento de suas causas necessárias, ele introduz uma inovadora concepção da verdade. Essa potência é demonstrada da melhor forma pela matemática, como já nos referimos no primeiro capítulo quando falávamos do “método”. Ela nos possibilita o conhecimento pleno dos objetos, uma vez que os constrói intelectualmente através de suas causas internas, as quais os definem como são.

A ideia verdadeira apresenta a gênese necessária do objeto e as causas necessárias de sua essência. Assim, Espinosa não precisa mais de critérios exteriores que garantam a veracidade de uma ideia. Por isso, pode definir a verdade como *index sui ou índice de si mesma*. Ainda, a ideia verdadeira mostra todo o trabalho intelectual realizado para concebê-la. Em oposição à tradição, quando se diz que a ideia é verdadeira por corresponder ao seu ideado, Espinosa afirma que a ideia corresponde ao seu objeto porque é verdadeira. Basta, então, de princípio que tenhamos uma ideia verdadeira, como já nos referimos no primeiro capítulo.

Entendemos que se uma ideia verdadeira é suficiente, então não é necessário que se duvide. E que se faça um caminho inverso até chegar ao “cogito”.

A questão que se coloca é saber como Espinosa resolve o problema da dúvida, uma vez que ele se distancia de Descartes, visto que não crê ser necessário duvidar de tudo.

O segundo e terceiro tipo de conhecimento é a superação da dúvida. Pelo uso da razão, no segundo tipo de conhecimento, desaparece a dúvida alimentada pela imaginação. Já dissemos que na imaginação, o maior parece menor que as coisas menores tão logo se afastam de nós. De modo que a percepção simula sempre algo e por isso começamos a duvidar de tudo, mas não é necessário que seja assim.

¹⁰¹ CHAUÍ, Marilena – **Espinosa uma filosofia da liberdade**. Ed. Moderna. 2ª. Ed. São Paulo, 2005 p. 39

Em Fraile¹⁰² encontramos que “a razão supre as deficiências das afecções e completa o que há de falso ou negativo nas ideias inadequadas, para se converter em verdadeiras e adequadas. Espinosa não lutou com a dúvida, como fez Descartes. Para ele o ceticismo persistente é, no mínimo, contraditório.”¹⁰³

A argumentação de Espinosa é de que se passamos a duvidar de tudo, então, acontece indiscutivelmente que haveremos de duvidar de nossa dúvida também, entramos conseqüentemente em um círculo vicioso sem saída, tornando-se insustentável. Espinosa não tem dúvida de que temos ideias verdadeiras. Essa ideia verdadeira é a ideia de Deus.¹⁰⁴

Espinosa é muito enfático em sua afirmação quanto à essência e, portanto, a existência divina. “Não há nenhuma existência sobre a qual possamos estar mais certos do que a do ente absolutamente infinito ou perfeito, isto é, Deus.”¹⁰⁵ Deus tem tal perfeição, que se exclui qualquer dúvida, e o reto conhecimento de Deus evitará a falácia.¹⁰⁶

A verdade de que o nosso pensamento possa alcançar a certeza vem apoiada no fato de ser, o nosso pensamento, parte do divino. A base da superação da dúvida em Espinosa é ontológica e antropológica.

É por isso que a ideia da mente e a própria mente são uma só e mesma coisa concebida, neste caso, sob um só e mesmo atributo, a saber, o do pensamento. O existir da ideia da mente e o existir da própria mente se seguem, ambos, em Deus, da mesma potência de pensar, e com a mesma necessidade. Com efeito,

¹⁰² FRAILE, Guilherme – **História de La Filosofia – Vol. III - Del humanismo a La Ilustracion**. Biblioteca de Autores Cristianos, Madri, 1991. pg. 604.

¹⁰³ “Se depois disso algum cético talvez permaneça ainda em dúvida quanto à própria verdade primeira ou a respeito de tudo o que deduzimos segundo a norma dessa verdade primeira, ou ele, com efeito, falará contra a consciência, ou confessaremos que existem homens totalmente obcecados, até na alma, por nascimento ou por causa dos preconceitos, isto é, por alguma ocorrência exterior. ESPINOSA. **Tratado da Correção do Intelecto §47**. ESPINOSA, Baruch. Pensamentos Metafísicos. Tratado da Correção do Intelecto. Ética. Tratado Político. Correspondência. Editora. Nova Cultural Ltda. São Paulo-SP. 2005.

¹⁰⁴ ÉTICA. Parte I. Proposição 11. e Demonstração. “Deus, ou seja, uma substância que consta de infinitos atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita, existe necessariamente.”- “Se negas isso, concebe, se for possível, que Deus não existe. Neste caso, a sua essência não envolve a existência. Ora, isso é absurdo. Logo, Deus existe necessariamente.”

¹⁰⁵ ÉTICA. Parte I. Proposição 11. Escólio. “Com efeito, uma vez que sua essência exclui qualquer imperfeição e envolve a perfeição absoluta, fica afastada, por isso mesmo, qualquer razão de dúvida sobre a sua existência, podendo-se, ao contrário, ter disso a maior certeza.”

¹⁰⁶ “Donde se segue que não podemos por em dúvida as ideias verdadeiras pelo fato de que talvez exista algum Deus enganador, que nos faz errar mesmo nas coisas mais certas, a não ser enquanto não temos nenhuma ideia clara e distinta de Deus, ou seja, fica a dúvida, se olharmos para conhecimento que temos da origem de todas as coisas e nada acharmos que nos diga não ser ele (Deus) enganador.” (ESPINOSA. **Tratado da Correção do Intelecto §§ 77-80**. ESPINOSA, Baruch. Pensamentos Metafísicos. Tratado da Correção do Intelecto. Ética. Tratado Político. Correspondência. Editora. Nova Cultural Ltda. São Paulo-SP. 2005.)

quando alguém sabe algo, sabe, por isso mesmo, que o sabe, e sabe, ao mesmo tempo, que sabe o que sabe, e assim até o infinito.¹⁰⁷

Não significa com isso que devemos seguir com progressão infinita, mas que a ideia da mente é idêntica a mente mesma. A mente, na verdade, se inclui a si mesma e inclui consequentemente a sua própria verdade. A ideia verdadeira demonstra-se a si mesma sendo que a verdade se transforma em sua própria norma: “*veritas norma sui et falsi est.*”¹⁰⁸

Enfim, chegamos à concepção de Espinosa acerca da verdade. São duas as concepções que ele conhece: “uma ideia verdadeira deve concordar com o seu ideado.”¹⁰⁹ Ele ainda menciona na *Ética*, uma segunda opinião com o mesmo teor: “Por ideia adequada compreendo uma ideia que, enquanto considerada em si mesma, sem relação com o objeto, tem todas as propriedades ou denominações intrínsecas de uma ideia verdadeira.”¹¹⁰ Uma ideia que contém uma essência objetiva e não envolve contradição, então ela é produto do entendimento e, portanto, intrinsecamente verdadeira.

Pelo paralelismo de pensamento e extensão, as ideias verdadeiras coincidem com as adequadas. Espinosa liga assim, entre si, as teorias da verdade como correspondência e como consequência.

Desse modo, para todas as coisas existentes em ato, existe uma ideia que lhe corresponda – aqui está o paralelismo do corpo e mente, onde desdobramentos das ideias correspondam a desdobramentos de acontecimentos no corpo. E embora sintamos o corpo como ele é, é à partir da mente que o percebemos e conhecemos. O corpo está submetido à mente como ideia e assim é percebido. O lugar da consciência do corpo é a ideia e não o corpo.¹¹¹

¹⁰⁷ ÉTICA. Parte II. Proposição 21. Escólio.

¹⁰⁸ *ibid.*: Proposição 43 e Escólio. “Quem tem uma ideia verdadeira sabe, ao mesmo tempo, que tem uma ideia verdadeira, e não pode duvidar da verdade da coisa” – “Ninguém que tenha uma ideia verdadeira ignora que ela envolve a certeza absoluta. Pois ter uma ideia verdadeira não significa senão conhecer uma coisa perfeitamente, ou seja, muitíssimo bem; e, certamente, ninguém pode duvidar disso, a menos que julgue que uma ideia seja algo mudo, como uma pintura numa tela, e não um modo de pensar, ou seja, o próprio ato de compreender.”

¹⁰⁹ ÉTICA. Parte I. Axioma 6.

¹¹⁰ ÉTICA. Parte II. Definição 4.

¹¹¹ CABRAL, Acylene Marial - **O Paradoxo da Existência em Ser e Tempo**. Philosophica. Revista de Filosofia e História Moderna. São Cristóvão, n.8, p. 121-132, ano 2007. [HTTP://www.gphermeneutica.ppgf.ufba.br/publicacoes/OparalelismodocorpoedaalmaemEspinosa.rtf](http://www.gphermeneutica.ppgf.ufba.br/publicacoes/OparalelismodocorpoedaalmaemEspinosa.rtf) Acylene Maria Cabral Ferreira UFBA. Consultado em 06 de junho de 2010.

3.2 O PONTO DE PARTIDA: COMPREENDER OS SEUS AFETOS, CLARA E DISTINTAMENTE E, CONSEQUENTEMENTE, PADECER MENOS POR SUA CAUSA.

Fraile¹¹² afirma que a “*Ética* concentra o conjunto todo que forma o sistema de Espinosa, sendo a Teologia, a Física e a Antropologia, e termina em um tratado místico.”

Neste mesmo rumo segue Gleizer¹¹³, que vê a *Ética* como uma grande proposta de saída dos instintos. Nela encontramos, conforme entende ele, a substituição de uma postura moralista por uma postura científica natural.

Espinosa considera que o desejo, a alegria, a tristeza, o amor, o ódio e toda gama de afetos que permeiam a nossa existência, tem, como todas as outras coisas natural, causas determinadas e efeitos necessários igualmente dignos de conhecimento. Este conhecimento tem um fim muito específico no sistema Espinosano, o de nos livrar das afecções negativas, substituindo-as pelas positivas. Portanto, não é um conhecimento puramente de curiosidade científica desinteressada.¹¹⁴

[...] há uma só e mesma maneira de compreender a natureza das coisas, quaisquer que sejam elas: por meio das leis e regras universais da natureza. É por isso que os afetos do ódio, da ira, da inveja, etc., considerados em si mesmos, seguem-se da mesma necessidade e da mesma virtude da natureza das quais se seguem as outras coisas singulares. Eles admitem, pois, causas precisas, que nos permitem compreendê-los, assim como possuem propriedades precisas, tão dignas de nosso conhecimento quanto as propriedades de todas as outras coisas cuja mera contemplação nos causa prazer.

O conhecimento dos afetos, aos quais estamos todos submetidos, vai permitir a elaboração de uma técnica realista que nos ajudará a moderar as paixões, reduzindo assim os efeitos dos mesmas sobre nós. Sabemos que os efeitos das paixões são por naturezas ambivalentes e alienantes. Foi justamente essa experiência de Espinosa que o levou a buscar algo que valesse a pena viver. Uma verdade a se apoiar, algo que nada pudesse destruir.

¹¹² FRAILE, Guilherme – **História de La Filosofia – Vol. III - Del humanismo a La Ilustracion**. Biblioteca de Autores Cristianos, Madri, 1991. pg. 596.

¹¹³ GLEISER, Marcos Andre – **Espinosa & a Afetividade Humana**. Filosofia passo a passo 53. Jorge Zahar Editor.. Rio de Janeiro, 2005.

¹¹⁴ ÉTICA. Parte III. Prefácio.

A essência da mente é o conhecimento, o intelecto e a razão, como vimos, é uma potência inata para pensar. A potência do conhecimento racional permite ir transformando gradativamente a vida do homem conduzindo-o progressivamente a gozar dos verdadeiros afetos, aqueles que constituem o núcleo afetivo da beatitude.

Esse núcleo lhe possibilitará um contentamento interior e um amor intelectual por Deus. Daí que a teoria da afetividade encontra um espaço privilegiado no projeto de Espinosa. Naturalmente, como já vimos anteriormente, ela depende dessas premissas metafísicas e epistemológicas que a garantam e fundamentam. Vale a pena ler nas palavras do próprio filósofo. Ele nos assegura que:¹¹⁵

Cada um tem o poder, se não absoluto, ao menos parcial, de compreender a si mesmo e de compreender os seus afetos, clara e distintamente e, conseqüentemente, de fazer com que padeça menos por sua causa. Devemos, pois, nos dedicar, sobretudo, à tarefa de conhecer, tanto quanto possível, clara e distintamente, cada afeto, para que a mente seja, assim, determinada, em virtude do afeto, a pensar aquelas coisas que percebe clara e distintamente e nas quais encontra a máxima satisfação. E para que, enfim, o próprio afeto se desvincule do pensamento da causa exterior e se vincule a pensamentos verdadeiros. [...] isso fará com que os apetites ou os desejos que costumam provir desses afetos não possam ser excessivos.

Espinosa era movido em todo o seu trabalho pelo desejo profundo de liberar o homem da servidão. Na quinta parte da *Ética – A Potência do Intelecto ou a Liberdade Humana* - ele vai se dedicar especialmente a essa tarefa. Embora, desde o princípio contemplasse este fim como já havia mencionado quando da leitura do *Tratado da Correção do Intelecto*. Disse ali que os homens correm sempre o perigo de menosprezar uma felicidade eterna por uma aparente felicidade momentânea, nociva, como por exemplo, a riqueza, a honra, o prazer sensível.

Dentro do projeto de felicidade de Espinosa há o desejo de que muitos outros a adquiram com ele. O filósofo não deseja só para si a “Beatitude”.¹¹⁶

Este é, portanto, o fim ao qual tendo: adquirir uma natureza assim e esforçar-me por que muitos a adquiram comigo, isto é, pertence também à minha felicidade fazer com que muitos outros entendam o mesmo que eu, a fim de que o intelecto deles e seu apetite convenham totalmente com o meu intelecto e o meu apetite. E para que isso aconteça, é preciso entender tanto da Natureza quanto baste

¹¹⁵ ÉTICA. Parte V. Proposição 4. Escólio..

¹¹⁶ ESPINOSA. **Tratado da Correção do Intelecto § 14.** (Cf. ESPINOSA, Baruch. Pensamentos Metafísicos. Tratado da Correção do Intelecto. Ética. Tratado Político. Correspondência. Editora. Nova Cultural Ltda. São Paulo-SP. 2005.)

para adquirir semelhante natureza; a seguir, formar uma tal sociedade [...] para que o maior numero chegue a isso do modo mais fácil e seguro.

A felicidade, portanto, em Espinosa, além de significar esse movimento de busca de si mesmo, escapando do domínio das paixões, consiste em desejar que os demais também conquistem esse prêmio. Mais que desejar, empenhar-se na tarefa de realizar tudo isso.

O edifício teológico-metafísico, alicerçado na transcendência de Deus ao mundo, um Deus supremo e separado do mundo, criado à partir do nada e segundo fins que fogem à compreensão do homem, esse edifício é demolido pela *Ética*. O Deus de Espinosa é um Deus imanente, ele é a própria força imanente ao mundo e tudo o que há no mundo o exprime.

Damásio¹¹⁷, de um modo coloquial, nos diz que não é possível fazer uma prece ao Deus de Espinosa, não há razão também para ter medo dele, uma vez que ele não distribui castigos. Tampouco adiantaria fazer qualquer esforço para ganhar uma recompensa, pois esse Deus não distribui nenhuma recompensa a ninguém.

Deus, conforme vimos em *Ética*¹¹⁸, é uma substância que consta de infinitos atributos. Desses infinitos atributos de Deus, conhecemos apenas dois; o pensamento e a extensão. Eles produzem um mundo infinito, o universo material. Desse modo fica claro percebermos que tudo o que existe possui uma causa determinada, a qual é necessária para que tal ser exista e seja como é.

A essência então dos atributos seria causar nos modos as suas essências e potências também. Onde se conclui não existir no universo nenhuma contingência, visto que tudo o que existe só existe pela essência e potência dos atributos e modos de Deus. Isso está posto bem claramente na *Ética* quando Espinosa afirma que:

Além de Deus, não pode existir nenhuma substância da qual ela possa proceder. Tudo, afirmo, existe em Deus, e é exclusivamente pelas leis de sua natureza infinita que ocorre tudo o que ocorre, seguindo-se tudo, da necessidade de sua essência.¹¹⁹

¹¹⁷ DAMÁSIO, António – **Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos**. Ed. Companhia das letras. São Paulo, 2004. p. 286.

¹¹⁸ ÉTICA. Parte I. Proposição 11.

¹¹⁹ ÉTICA. Parte I. Proposição 15. Escólio.

Assim, Deus é causa de todas as coisas, uma causa eficiente que age segundo a sua necessidade interna e espontânea de sua essência. “Deus age exclusivamente pelas leis de sua natureza sem ser coagido por ninguém.”¹²⁰

3.3 A ÚNICA SUBSTÂNCIA: DEUS, FUNDAMENTO QUE SUSTENTA TODAS AS PROPRIEDADES DO MUNDO.

Por *substância*, afirma Espinosa, compreendo “aquilo que existe em si mesmo e que por si mesmo é concebido, isto é, aquilo cujo conceito não exige o conceito de outra coisa do qual deva ser formado.”¹²¹ Na definição de Deus encontramos que é um Ente absolutamente infinito (*ens absolute infinitum*) e uma *substância* que consiste de infinitos atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita.¹²²

Para Hubbeling¹²³ destas definições, os elementos mais importantes são os conceitos de “*Substância*” e de “*Atributo*”. Com isso Espinosa quer dizer que existe apenas uma substância, a saber: Deus. A formulação de Espinosa, de uma única substância parece surpreendente e muitos encontraram dificuldades nisto.

Como foi que Espinosa chegou a essa surpreendente afirmação? Suporte ou fundamento de outras coisas, esses são dois possíveis pontos de apoio na palavra substância. Assim a substância estaria sob outra coisa, sendo o seu suporte e fundamento.

Descartes e Espinosa têm definições semelhantes de substância.

Por substância, afirma Descartes, “não podemos entender senão uma coisa que existe em forma tal que não necessita nenhuma outra coisa para existir.”¹²⁴ E Espinosa afirma, como já vimos que entende por substância: “aquilo que existe em si mesmo e que por si mesmo é concebido, isto é, aquilo cujo conceito não exige o conceito de outra coisa do qual deva ser formado.”¹²⁵

Espinosa se apóia no conceito de substância de Descartes. Ele, Descartes, também havia intuído a consequência de que propriamente só em Deus se pode

¹²⁰ Ibid.: Proposição 17.

¹²¹ ÉTICA. Parte I. Definição 3

¹²² Ibid.: Definições 3 e 6.

¹²³ HUBBELING, H. G. **Spinoza** – Biblioteca de Filosofia 10 – Ed. Herder, Barcelona, 1981. p.47

¹²⁴ DESCARTES, René – **Princípios de Filosofia – Artigo 51** - Ed. Hemus.Tradução:Torrieri Guimarães.

¹²⁵ ÉTICA. Parte I. Definição 3.

falar de substância. Mas usa o conceito de substância para as coisas corporais e espirituais. Na verdade Descartes se acomoda à terminologia tradicional.

Fraile, comentando as ideias de Descartes em contrapartida com as de Espinosa afirma que:¹²⁶

Descartes toma como ponto de partida a ideia clara e distinta do “*cogito ergo sum*”, e passa depois à contemplação de sua ideia clara e distinta do perfeito e infinito (Deus). Mas não deduz da ideia de Deus a existência das coisas particulares, senão de sua ideia clara e distinta de extensão, garantida pela verdade divina. Ao contrário, o característico de Espinosa é sua intuição fundamental da existência de uma única substância, que é por sua vez a *primum logicum* e o *primum ontologicum*, e dela trata de deduzir *more geométrico*, não só a ideia, senão a realidade das coisas particulares como derivações de seus modos de pensamento e extensão.

Portanto, Espinosa, postula que só pode haver uma substância, a saber, Deus. Deus está literalmente em si mesmo. Essa única substância que é Deus, em Espinosa, é o fundamento que sustenta todas as propriedades do mundo. Todo o mundo se torna uma expressão de Deus que é onipresente, onipotente e eterno. A essas propriedades divinas Espinosa vai chamar de atributos. Por atributo, afirma o filósofo “compreendo aquilo que, de uma substância, o intelecto percebe como constituindo a sua essência.”¹²⁷

De Deus, repetimos, nós só conhecemos dois atributos, embora haja infinitos atributos, conforme afirma Espinosa na *Ética*.¹²⁸ Os atributos que conhecemos de Deus são o *cogitatio* – o pensamento, e a *extensio*, a extensão. Nós somos corpo e mente, sendo que o corpo é um modo de extensão e a mente um modo de pensamento. A atribuição a Deus do atributo extensão marca uma distinção bastante forte de Espinosa com os seus antecessores, provocando até uma certa indignação em seu tempo.

Chauí¹²⁹, nesta linha das definições espinosanas de Deus, comenta com muita propriedade as conseqüentes reações do poder estabelecido que perturbaram muito Espinosa, principalmente após a publicação do *Tratado Teológico Político*. Como já sabemos, os rumores foram tantos que Espinosa adiou a publicação da

¹²⁶ FRAILE, Guilherme – **História de La Filosofia – Vol. III - Del humanismo a La Ilustracion**. Biblioteca de Autores Cristianos, Madri, 1991. p. 595-596.

¹²⁷ ÉTICA. Parte I. Definição 4.

¹²⁸ ÉTICA. Parte II. Proposição 1 e Demonstração: “O pensamento é um atributo de Deus, ou seja, Deus é uma coisa pensante” – “O pensamento é, pois, um dos infinitos atributos de Deus, o qual exprime a essência eterna e infinita de Deus.”

¹²⁹ CHAUI, Marilena – **Espinosa uma filosofia da liberdade**. Ed. Moderna. 2ª. Ed. São Paulo, 2005 p. 46

Ética, que já estava quase pronta, e veio a ser publicada só postumamente. Diz Chauí:

Não temos, portanto, de nos surpreender com a violência da reação dos poderes teológicos e políticos à obra de Espinosa. Despersonalizando Deus, desfinalizando a atividade divina, recusando a transcendência divina, demolindo a imagem da criação do mundo pela vontade divina, identificando liberdade e necessidade da essência-potência de Deus, e demonstrando que nosso intelecto é capaz de conhecimento adequado ou verdadeiro da natureza divina, Espinosa faz desabar as construções imaginárias, nascidas do medo, da ignorância e da superstição, e as tiranias que sobre elas repousavam.

Ainda, continuando na tentativa de compreensão dos atributos pensamento e extensão divinos, vemos que em Espinosa “a natureza do corpo ou da matéria consiste somente na extensão” enquanto Descartes crê que podemos representar sempre partes na extensão o que significa dizer que a extensão pode dividir-se sempre, mesmo que essa divisão seja somente na representação.¹³⁰

Espinosa não crê assim. Ele afirma que Deus como extensão infinita não é divisível. Só no imaginário é divisível a extensão infinita. Mesmo assim esta representação é superficial e abstrata. É necessário que distingamos claramente entre o entendimento e a imaginação. A extensão infinita de Deus não é divisível segundo o entendimento. Deus é igualmente perfeito em seu atributo da extensão.

Espinosa deixa bem claro qual é a relação entre os atributos extensão e pensamento quando afirma na *Ética* que:¹³¹

a substância pensante e a substância extensa são uma só e mesma substância, compreendida ora sob um atributo, ora sob o outro. Assim, também um modo de extensão e a ideia desse modo são uma só e mesma coisa, que se exprime, entretanto, de duas maneiras.

Assim, o corpo humano é um modo da extensão de Deus. Em outras palavras poderemos dizer também que é uma forma, uma expressão, uma manifestação da extensão divina. A mente, por conseguinte, é o modo, a manifestação, etc., do pensamento de Deus. Mente e corpo são “*partes*”; aquela do entendimento infinito de Deus e este do modo de extensão. “Disso se segue que a mente humana é uma parte do intelecto infinito de Deus”, completa Espinosa.¹³²

¹³⁰ DESCARTES, René – **Princípios de Filosofia – Artigo 63** - Ed. Hemus. Tradução: Torrieri Guimarães. São Paulo, 2007.

¹³¹ ÉTICA. Parte II. Proposição 7. Escólio.

¹³² ÉTICA. Parte II. Proposição 11. Corolário

Descartes não considerou o corpo humano como parte de Deus, pelo contrário estabeleceu uma grande diferença entre pensamento e matéria (extensão), ele não atribuiu a Deus nenhuma extensão.

Por fim, Espinosa opina que os atributos primeiros se expressam em modos. Daí segue-se que o atributo extensão se expressa nos modos infinitos quietude e movimento, e o atributo pensamento se expressa nos modos infinitos entendimento e vontade.¹³³

*** *** ***

¹³³ Ibid.: Proposição 32. Corolário 2.

4. AS AFECÇÕES DA MENTE

4.1 DAMÁSIO “EM BUSCA” DE ESPINOSA

Vimos, no primeiro capítulo o contexto em que Espinosa viveu e construiu o seu sistema filosófico. Um ambiente de grande florescimento do saber científico e filosófico.

No segundo capítulo entramos em contato com a principal obra de Espinosa – *A Ética*. Vimos que dentro desta obra encontramos um sistema bem construído de “domínio” das emoções. Trata-se de um “grande projeto de libertação” como destacamos em Gleizer¹³⁴.

Neste capítulo pretendemos nos ater na compreensão das afecções em Espinosa, dialogando com António Damásio e outros, naquilo que corresponde à compreensão de uma estrutura neurológica envolvida nos processos emocionais. Analisaremos também a atualidade dos estudos de Espinosa visto a partir das descobertas da neurociência, principalmente nos estudos de Damásio.

Espinosa sugere que o corpo¹³⁵ molda os conteúdos da mente, sendo a mente uma ideia das afecções do corpo, mas não nega que os processos da mente influenciem os do corpo. Há um mecanismo através do qual essa paridade será realizada. O mecanismo tem uma estratégia: os acontecimentos do corpo são representados como ideia na mente. Espinosa diz que a mente só tem ideias daquelas afecções que lhe correspondem ao corpo.¹³⁶

O objeto da ideia que constitui a mente humana é o corpo, ou seja, um modo definido de extensão, existente em ato, e nenhuma outra coisa. O corpo é um modo que exprime, de uma maneira definida e determinada, a essência de Deus, enquanto considerada como causa externa.

¹³⁴ GLEISER, Marcos Andre – **Espinosa & a Afetividade Humana**. Filosofia passo a passo 53. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 2005.

¹³⁵ É importante observar que quando Espinosa fala do Corpo não está falando só do “corpo humano” mas de todos os corpos. Com efeito, assevera ele, “tudo o que mostramos até agora é absolutamente geral e se aplica tanto aos homens quanto aos outros indivíduos, os quais ainda que em graus variados, são, entretanto, todos animados. Pois, de qualquer coisa existe necessariamente a ideia em Deus, ideia da qual Deus é a causa, da mesma maneira que é causa da ideia do corpo humano. Portanto, continua ele, “tudo quanto dissemos da ideia do corpo humano deve necessariamente dizer-se da ideia de qualquer coisa”. Todo e qualquer ser vivo existente na face da terra, luta pela sua preservação. (Cf. ÉTICA. Parte II. Proposição XIII Escólio.)

¹³⁶ ÉTICA. Parte II. Proposição 13.

Em António Damásio¹³⁷ encontramos também esse paralelismo mente e corpo. Para ele o corpo é um pedaço da natureza que tem como fronteira a pele. Consequentemente, “para ter sentimento você precisa de um corpo, meios para representar esse corpo dentro de si mesmo – um sistema nervoso capaz de mapear esse corpo e a consciência.”

Chaui¹³⁸ considera que a “viga mestra” do sistema espinosano é a ideia do homem como uma parte imanente da natureza, ele não rivaliza com a natureza, por suas ações e paixões provocando perturbações em sua ordem natural. Ele é parte apenas, mas não num sentido minimalista de “fazer parte”, senão que em sua essência contém toda a natureza, enquanto está contido nela também, de modo a tomar parte ativa no universo. Os corpos são resultados da atividade do atributo divino de extensão. O homem, então é um efeito, uma expressão da atividade do atributo divino, não é uma substância, mas apenas modo singular e finito da única substância que é Deus. Em outras palavras, pelo atributo pensamento, é a mente e pelo atributo extensão é o corpo.

O corpo humano é formado por um “grande número de indivíduos”¹³⁹ muito complexo, constituído por uma diversidade e pluralidade de outros corpos, fluidos, moles duros, que se relacionam entre si de forma harmonizada e equilibrada, às vezes em movimento, outras vezes em repouso.

Um corpo então não se trata apenas de um agregado de partes, ele forma uma unidade que funciona harmoniosa e equilibradamente em suas ações. Um corpo dinâmico cujas ações internas constituem-se das interligações de seus órgãos. Esse equilíbrio depende de uma dinâmica de mudanças contínuas tanto internas como externas, o que vai constituir um sistema complexo de ações e reações. Essa é a essência do corpo: um sistema dinâmico de funcionamento de

¹³⁷ DAMÁSIO, António. **Em Busca de Espinosa**. Companhia das Letras, São Paulo. 2004 - p. 92 e 119.

¹³⁸ CHAUI, Marilena. **Espinosa, uma filosofia da liberdade**. p. 50. Ed. Moderna, 2ª. ed. São Paulo, 2005

¹³⁹ 1. O corpo humano é composto de uma grande numero de indivíduos (de natureza diversa), cada um dos quais é também muito composto. 2. Dos indivíduos de que o corpo humano é composto, alguns são fluidos, outros moles e outros, enfim, duros. 3. Os indivíduos que compõem o corpo humano e, conseqüentemente, o próprio corpo humano, são afetados de numerosas maneiras pelos corpos exteriores. 4. O corpo humano tem necessidade para a sua preservação de muitos outros corpos, pelos quais é continuamente como que regenerado. 5. Quando uma parte fluida do corpo humano é determinada por um corpo exterior de maneira a chocar muitas vezes com uma parte mole, muda a superfície desta e imprime-lhe como que certos vestígios do corpo exterior que a impele. 6. O corpo humano pode mover corpos exteriores de numerosíssimas maneiras e dispô-los de numerosíssimas maneiras. (Cf. ÉTICA. Parte II. Da Natureza e da Origem da Alma. Proposição XIII. Axioma III. Lema VII. Postulado).

caráter predominantemente relacional. O corpo é relacional, num duplo sentido, internamente através das relações entre seus órgãos e externamente pelo contato com outros corpos. São as afecções, pelas quais o corpo afeta os demais corpos ao mesmo tempo em que também é afetado pelos corpos exteriores.

Essa dinâmica para ser positiva não pode gerar a destruição do corpo, mas que ele possa regenerar-se a partir desses “encontros” ao mesmo tempo em que pode também regenerar a outros corpos pelos mesmos encontros.

Essa “intercorporeidade”¹⁴⁰ é condição essencial para que os corpos prevaleçam. O corpo é uma unidade estruturada. Dessa “intercorporeidade” da qual fala Chauí, que é a capacidade do corpo em afetar outros corpos ao mesmo tempo ser também afetado por eles, que surge a memória. O corpo, além de “imaginante” é “memorioso” afirma ela¹⁴¹.

Isso ocorre porque tanto os movimentos internos como os movimentos externos desses “encontros” deixam gravados os vestígios dessas relações. É por isso que a mente pode tomar como presente um objeto mesmo que esteja ausente. Presente ou não o objeto, o que importa é a vivência corporal. É a capacidade da mente em fazer ideias das ideias. A ideia imaginativa é “uma conclusão com ausência das premissas”, ou seja, “um conhecimento desprovido de sua causa ou de sua razão.”¹⁴²

Dentro deste mesmo tema dos “encontros” entre corpos, vemos que em Moreau¹⁴³ a nossa existência temporal é essa sequência mesma de afecções com outros corpos, as quais vão sendo protagonistas de imagens na mente. Entretanto o corpo não se reduz apenas a essas afecções diversas, ele é constituído essencialmente de uma estrutura orgânica e de uma forma individual intimamente ligada à organização eterna da natureza.

No sistema monista de Espinosa, a existência da mente está condicionada à existência do corpo, pois a mente é apenas a ideia das afecções do corpo. Portanto a mente não pode conservar-se uma vez que o corpo for destruído. A memória está justamente nas ideias e nas ideias das ideias, cujas gêneses e fundamentos

¹⁴⁰ CHAUI, Marilena. **Espinosa, uma filosofia da liberdade**. pg. 51. Ed. Moderna, 2ª. ed. São Paulo, 2005.

¹⁴¹ Id.: 2005. p. 57-58.

¹⁴² Id.: p. 58.

¹⁴³ MORREAU, Joseph – **Espinosa e o Espinosismo** – Biblioteca Básica de Filosofia – Edições 70. São Paulo, 1982 p. 69

foram as afecções do corpo. Isso está claro na *Ética*: “A mente não pode imaginar nada, nem se recordar das coisas passadas, senão enquanto dura o corpo”.¹⁴⁴

As afecções manifestam a existência dos demais corpos, mas, segundo Espinosa, não podemos, por essas afecções, conhecer adequadamente a essência e natureza desses corpos. A mente, ao perceber as coisas, só tem um conhecimento confuso e mutilado das afecções de si própria, de seu corpo, e dos corpos exteriores.¹⁴⁵ É por isso que a aspiração máxima da mente é entender com o terceiro grau de conhecimento, como vimos no primeiro capítulo,¹⁴⁶ afastando-se da escravidão, característica do primeiro gênero e mesmo do conhecimento empírico, correspondentes às paixões, característica do segundo gênero de conhecimento.¹⁴⁷

Quem conhece as coisas pelo terceiro gênero de conhecimento, afirma Espinosa, passa à suprema perfeição humana e, por isso mesmo, será afetado por uma suprema alegria, que se traduz por um conhecimento de si mesmo e de sua própria virtude.

4.2 DAMÁSIO E A CONCEPÇÃO DOS “MAPAS NEURAIIS”.

Ao revisarmos a obra de Damásio, nosso objetivo foi compreender a aproximação que ele fez da obra de Espinosa, principalmente a *Ética*, ligando-a às suas concepções neurocientíficas.

A primeira à qual nos aproximamos é “*O Erro de Descartes*”¹⁴⁸. Como o próprio autor deixa claro, que não se trata de um livro de filosofia nem tampouco da filosofia de Descartes, senão que pretendeu chamar atenção justamente para o problema até hoje não resolvido da separação entre corpo e mente. Damásio, não aceita esse dualismo pois pressupõe uma atuação constante entre mente e corpo.

¹⁴⁴ ÉTICA. Parte V. Proposição 21

¹⁴⁵ ÉTICA. Parte II. Proposição 29. Demonstração e Corolário.

¹⁴⁶ Cf. no primeiro capítulo o tópico onde falamos dos “**Gêneros do Conhecimento**”.

¹⁴⁷ ÉTICA. Parte V. Proposição 27. Demonstração.

¹⁴⁸ DAMÁSIO, António – **O Erro de Descartes – Emoção, Razão e o Cérebro Humano**. ed. Companhia das letras. São Paulo, 1996.

Para Damásio, o cérebro constrói um “*mapa neural*”¹⁴⁹ do corpo a partir do qual ele reage. Damásio acredita que as consequências da interação entre objeto e organismo são mapeadas por estruturas neurais de primeira ordem que representam o proto-self e o objeto. Por outro lado, a relação causal entre objeto e organismo só pode ser realizada por mapas neurais de segunda ordem. Para Damásio, esse relato narra uma história, a “do organismo captado no ato de representar seu próprio estado em mudança enquanto ele se ocupa de representar alguma coisa.”¹⁵⁰

Na sua percepção, um sentimento emerge quando a mente acumula muitos detalhes do corpo. Assim, o conteúdo de um sentimento é o resultado de um “estado corporal mapeado” num sistema de regiões cerebrais. É dessa região cerebral que emerge uma imagem do corpo. A essência então de um sentimento é a ideia que o cérebro formou do corpo. Conforme explicita Damásio:¹⁵¹

A essência de um sentimento (o processo de viver uma emoção) não é uma qualidade mental ilusória associada a um objeto, mas sim a percepção direta de uma paisagem específica: a paisagem do corpo. Os sentimentos não são nem intangíveis nem ilusórios. Ao contrário da opinião científica tradicional, são precisamente tão cognitivos como qualquer outra percepção. São o resultado de uma curiosa organização fisiológica que transformou o cérebro no publico cativo das atividades teatrais do corpo.

As emoções e os sentimentos são os correspondentes daquilo que há milênios tem sido descrito como sendo a mente ou o espírito humano.

Para existir, a mente precisa do corpo. O corpo lhe dá constantemente uma referência de base. Cérebro e corpo não são dissociáveis, interagem de forma conjunta com o ambiente. O caráter inovador desses estudos é que define a mente como o conjunto de interações do organismo com o meio, nos quais estão implicados corpo e cérebro.

¹⁴⁹ MAPAS: “Para Damásio, este termo pode ser mais bem compreendido se observarmos a fisiologia da recepção de uma imagem pela retina. Na medida em que as partículas de luz atingem nossa retina em um padrão relacionado a um objeto específico, as células nervosas ali presentes são ativadas nesse padrão, de modo a constituir um “mapa” neural transitório do objeto. Em níveis subsequentes, esses mapas vão sendo construídos, de maneira a formar, não fielmente uma correspondência entre o que é mapeado e o que mapa propriamente dito.”(LIMA, Orion Ferreira. **Uma Discussão do Problema Mente-Corpo em Descartes e Espinosa, à partir da Neurofilosofia de António Damásio**. p. 122. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista. Orientador: Prof. Dr. Alfredo Pereira Junior. Marília, 2007.)

¹⁵⁰ DAMÁSIO, António – **O Mistério da Consciência**. p. 220-221. ed. Companhia das letras. São Paulo, 2000.

¹⁵¹ DAMÁSIO, António – **O Erro de Descartes – Emoção, Razão e o Cérebro Humano**. Ed. Companhia das letras. São Paulo, 1996. pg. 15).

Assim, em virtude destes complexos fatores, o estado do corpo se torna um qualificador, positivo ou negativo. Esse estado é acompanhado e completado por correspondentes modos de pensamento. Quando o corpo está numa faixa positiva e agradável esses estados de pensamentos têm rápida alteração e rico de ideias, mas é lenta e repetitivo quando caminha em direção a uma faixa dolorosa e, portanto, negativa.¹⁵²

Em geral tem se falado que a mente surge da atividade dos neurônios, reduzindo-a a um resultado apenas desses fenômenos, apartando-a do resto do corpo. Foi a partir dos estudos sobre as perturbações da memória, linguagem e raciocínio em seres humanos com lesões cerebrais que ficou claro essa interação cérebro/corpo. O corpo fornece ao cérebro os recursos necessários para que ele possa representá-lo.

Como é que estamos conscientes do mundo que nos rodeia, como é que sabemos o que sabemos e como é que sabemos que sabemos? O amor, o ódio e a angústia, as qualidades de bondade e crueldade, a solução planificada de um problema científico ou a criação de um novo artefato, tem por base os acontecimentos neurais que ocorrem dentro do cérebro. A mente respira através do corpo, e o sofrimento, quer comece no corpo ou numa imagem mental, acontece na carne.¹⁵³

As descobertas de Paul Broca (1824-1880) e Carl Wernicke (1848-1905) identificaram uma conexão entre a linguagem e certas regiões do hemisfério cerebral esquerdo. Essas descobertas representaram um avanço na compreensão dos mecanismos cerebrais. Foi o início também da aliança de forças da filosofia e da psicologia com a biologia.

Porém, o que aconteceu com Phineas Gage¹⁵⁴ representou um divisor de águas nos estudos da neurologia. O acidente com esse jovem foi o primeiro caso conhecido de alteração de personalidade devido a uma lesão frontal no cérebro. Com 25 anos de idade, Gage, um supervisor de obras ferroviárias, ficou gravemente ferido quando em uma explosão acidental teve atravessada uma barra de ferro em

¹⁵² Id.:1996. p. 15.

¹⁵³ Id.:1996. p. 18.

¹⁵⁴ DAMÁSIO, António. **O Erro de Descartes: Emoção, Razão e o Cérebro Humano**. Ed. Companhia das letras. São Paulo, 1996.p.24-76. Onde encontramos uma extensa descrição do acidente e dos estudos que se seguiram após o mesmo como também, após a sua morte, do seu crânio.(Cf.também LENT, Roberto – **Cem Bilhões de Neurônios – Conceitos fundamentais de Neurociência**, pg.672. Ed. Atheneu & Faperj. Rio de Janeiro 2002.)

seu crânio. O fato extraordinário, além de sua própria sobrevivência ao trauma, foi que, após isso, ele se tornou uma pessoa com uma personalidade totalmente diferente. Ao contrário do rapaz paciente e compreensivo que era, tornou-se uma pessoa abusiva e agressiva, irresponsável, mentirosa, incapaz de imaginar e planejar, completamente diferente de sua formação. Diziam-se que "Phineas não é mais o Phineas".

A ilustração mostra, à partir das observações do crânio de Gage, a região atingida pela barra de ferro. Ele sofreu uma lesão no córtex frontal.

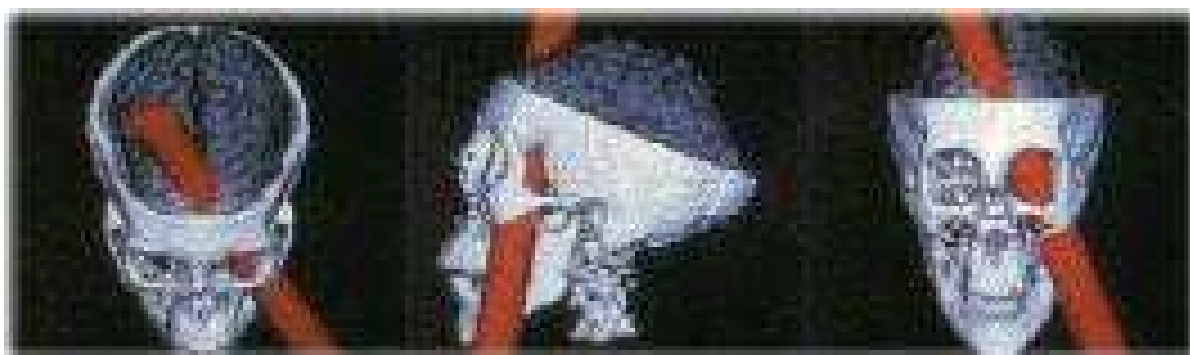


Figura 1: O Caso Phineas Gage

A mulher e colaboradora de António Damásio, Hanna, realizou a reconstituição graças às técnicas imaginárias assistidas por um coordenador; a lesão cerebral e o crânio de Phineas Gage. Ele teve o crânio, em 1848, transpassado por uma barra de ferro. Extraordinariamente, Gage sobreviveu à sua ferida, mas sua personalidade foi profundamente afetada. (Fonte: DAMASIO, António. *Neuropsicologia: O Cérebro a procura da Alma* Por René Bernex Tradução de Paulo F. de M. Nicolau. Édition Spéciale Science & Vie, 1996 www.psiquiatriageral.com.br/cerebro/texto1.htm consultado em 06 de junho 2010.)

Com os estudos a respeito das mudanças de personalidades ocorridas neste jovem, a neurociência distanciou-se cada vez mais daquelas compreensões iniciais que associavam certos comportamentos a uma área exclusiva do cérebro. Há uma grande “plasticidade” no cérebro, ou seja, há um envolvimento muito grande de várias áreas cerebrais para a realização de algumas tarefas e o cérebro, diante da morte de alguns neurônios, é capaz de restabelecer funções, utilizando outros caminhos e áreas. Damásio comenta que o que se discute não é que algumas áreas estejam mais relacionadas a determinadas funções, como a fala por exemplo. Damásio considera que “era difícil aceitar a perspectiva de que algo tão próximo da mente humana como o juízo ético, ou tão determinado em termos culturais como a

conduta social, pudesse depender significativamente de uma região específica do cérebro.”¹⁵⁵

As investigações apontam para a existência de um sistema muito complexo de conexões no cérebro humano que se dedica ao processo de pensamento, aqueles que formamos diante da resolução de um determinado problema, ou seja, o raciocínio que também está intimamente ligado ao processo de seleção de uma resposta mais adequada, para uma “tomada de decisão”. Característica peculiar é que toda essa complexa rede de conexões cerebrais está muito relacionada com a dinâmica da sobrevivência. A regulação biológica, a memória e o planejamento de ações futuras, resultam dessas atividades cooperativas que se desenrolam nos córtices sensoriais e nos córtices motores bem como nos setores intermediários, qual sejam os nervos e a própria corrente sanguínea.

Dentro dessa estrutura cerebral, desse sistema de conexões do qual vimos falamos anteriormente, encontra-se o “conhecimento” sobre o corpo, tanto os adquiridos como os inatos, mas não só isso; há também o “conhecimento” sobre o mundo externo e sobre o próprio cérebro à medida que as interações com o próprio corpo e o mundo exterior acontecem. O “conhecimento” que denominamos inato está baseado em representações dispositivas presentes em três estruturas neurais: no hipotálamo, no tronco cerebral e no sistema límbico. Já o “conhecimento” adquirido está baseado em representações dispositivas presentes nos córtices de alto nível e ao longo de muitos núcleos de massa cinzenta localizados abaixo do nível do córtex. A modificação contínua dessas representações dispositivas nos possibilita a aquisição de novos conhecimentos.¹⁵⁶

¹⁵⁵ Id.: p. 42

¹⁵⁶ As representações dispositivas constituem o nosso depósito integral de saber e incluem tanto o conhecimento inato como o adquirido por meio da experiência. O conhecimento inato baseia-se em representações dispositivas existentes no hipotálamo, no tronco cerebral e no sistema límbico. Podemos concebê-los como comandos da regulação biológica necessários para a sobrevivência. Eles controlam muitos processos, mas, de um modo geral não se transformam em imagens na mente.” (Cf. DAMÁSIO, António, “**O Erro de Descartes – emoção, Razão e O Cérebro Humano**” - Companhia das Letras São Paulo – SP 2006.p. 132/133)

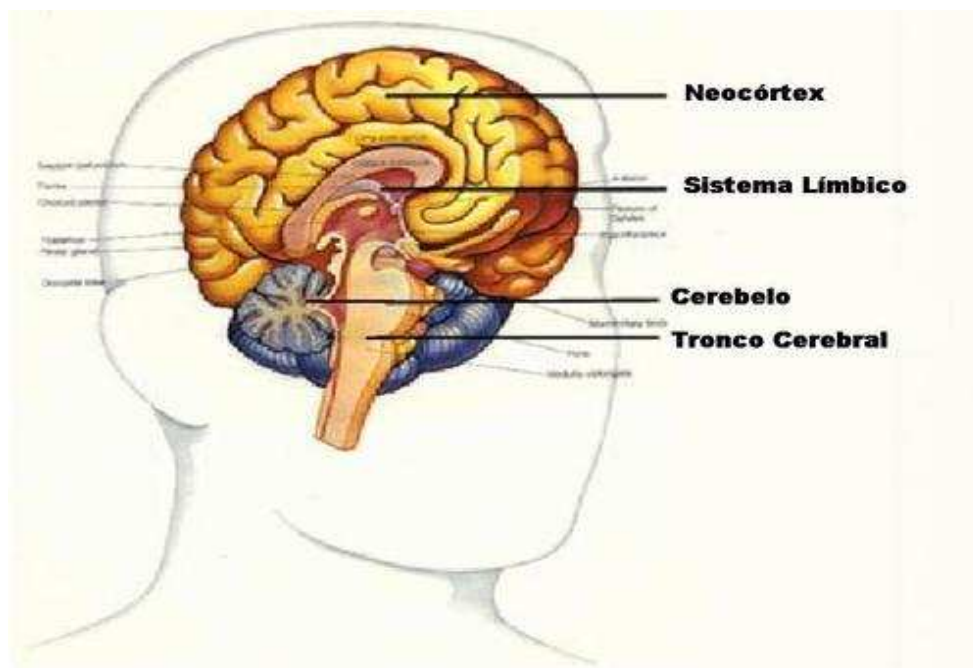


Figura 3. – O Cérebro Humano

Na imagem, podemos ver as estruturas referidas acima. O cérebro evoluiu à partir do tronco cerebral sobre o qual se desenvolveu o sistema límbico e o neocórtex. (Fonte: DAMASIO, António. *Neuropsicologia: O Cérebro a procura da alma* Por René Bernex Tradução de Paulo F. de M. Nicolau. Édition Spéciale Science & Vie, 1996. www.psiquiatriageral.com.br/cerebro/texto1.htm Consultado em 06 de junho 2010.)

Todo esse mecanismo evoluiu de modo menos complexo para modos cada vez mais complexos.¹⁵⁷ O mais antigo mecanismo de tomada de decisão é o que pertence à regulação biológica básica; o seguinte pertence ao domínio pessoal e social e o mais complexo e recente desses conjuntos é o formado pelas operações abstrato-simbólicas. É neste último que encontramos o raciocínio artístico, científico, utilitário, construtivo e o desenvolvimento linguístico e matemático. Damásio¹⁵⁸ afirma que “muito provavelmente, a racionalidade é configurada e modulada por sinais do corpo, mesmo quando executa as distinções mais sublimes e age em conformidade com elas”.

¹⁵⁷ LENT, Roberto – **Cem Bilhões de Neurônios – Conceitos fundamentais de Neurociência**. Ed. Atheneu & Faperj. Cap. 7 “Os Sentidos do Corpo – Estrutura e Função do Sistema Somestésico” p.211. Rio de Janeiro 2002. Neste capítulo encontramos uma descrição bastante aprofundada dos mecanismos de regulação do corpo através de todo o sistema Somestésico: “Podemos compreender a organização estrutural do sistema somestésico imaginando-o como um conjunto sequencial de neurônios, fibras nervosas e sinapses, capaz primeiro de representar por meio de potenciais bioelétricos os estímulos ambientais que atingem o corpo, em seguida modificar esse código de potenciais a cada estágio sináptico e, finalmente, conduzi-los a regiões cerebrais superiores para que sejam transformados em percepção e eventualmente utilizados na modulação do comportamento”.

¹⁵⁸ DAMÁSIO, António – **O Erro de Descartes – Emoção, Razão e o Cérebro Humano**. p. 233 Ed. Companhia das letras. São Paulo, 1996.

Esse conhecimento que o organismo adquiriu em função do encontro com os objetos, através do toque, da visão de uma paisagem, da audição, enfim de todos os deslocamentos em relação a outros corpos foram sempre representados em relação ao corpo em ação. A subjetividade emerge durante essa última fase, quando o cérebro está produzindo não só imagens de um objeto e imagens das respostas do organismo ao objeto, mas um terceiro tipo de imagem, a do organismo no ato de perceber e responder a um objeto.¹⁵⁹

Essas interações, nos organismos mais complexos, como os organismos humanos, não só geram respostas externas espontâneas e de reação, os chamados comportamentos, mas geram também respostas internas, visuais, auditivas, somatossensoriais, sendo essas “imagens” a base mesmo da mente.

Ainda falando da interação corpo e cérebro, Damásio diz que:¹⁶⁰

Reside aqui o centro da neurobiologia, tal como a concebo: o processo por meio do qual as representações neurais, que são modificações biológicas criadas por aprendizagem num circuito de neurônios, se transformam em imagens nas nossas mentes. Numa primeira aproximação, a função global do cérebro é estar bem informado sobre o que se passa no resto do corpo. Se não tivesse havido o corpo, não teria surgido o cérebro.

Como se dá então o Raciocínio? Damásio apresenta a hipótese do “marcador-somático”. A sua função é convergir a atenção para um resultado negativo a que uma determinada opção poderá conduzir. É um alarme somático que alerta para o perigo a que levará uma determinada escolha. Esse sinal pode fazer você rejeitar logo o rumo almejado e escolher alternativas. Nesse sentido o marcador-somático nos protege de prejuízos futuros e nos permite fazer novas escolhas. Ele pode não ser suficiente para a tomada de decisão, pois em muitos casos será necessário um processo subsequente de raciocínio até chegar à seleção final. De qualquer forma os marcadores somáticos aumentariam a precisão diante de uma tomada de decisão.

Mas o que são exatamente esses “marcadores somáticos?” É na verdade o uso de sentimentos gerados a partir de emoções secundárias. Pela aprendizagem essas emoções foram ligadas à resultados futuros previstos de determinados cenários. Assim, uma campanha de alarme funciona cada vez que um marcador-

¹⁵⁹ Id.:1996. p. 273

¹⁶⁰ Id.:1996. p. 116

somático negativo é justaposto a um determinado resultado futuro. Se, ao invés de a justaposição ocorrer não com um marcador-somático negativo, mas positivo, o resultado então será de encorajamento da decisão. Na verdade trata-se de um sistema automático de qualificação que atua de modo a avaliar todos os cenários que se apresentam a nós constantemente. Por exemplo: “o estado negativo associado ao cenário do futuro, contraria a perspectiva tentadora de um lucro imediato.”¹⁶¹

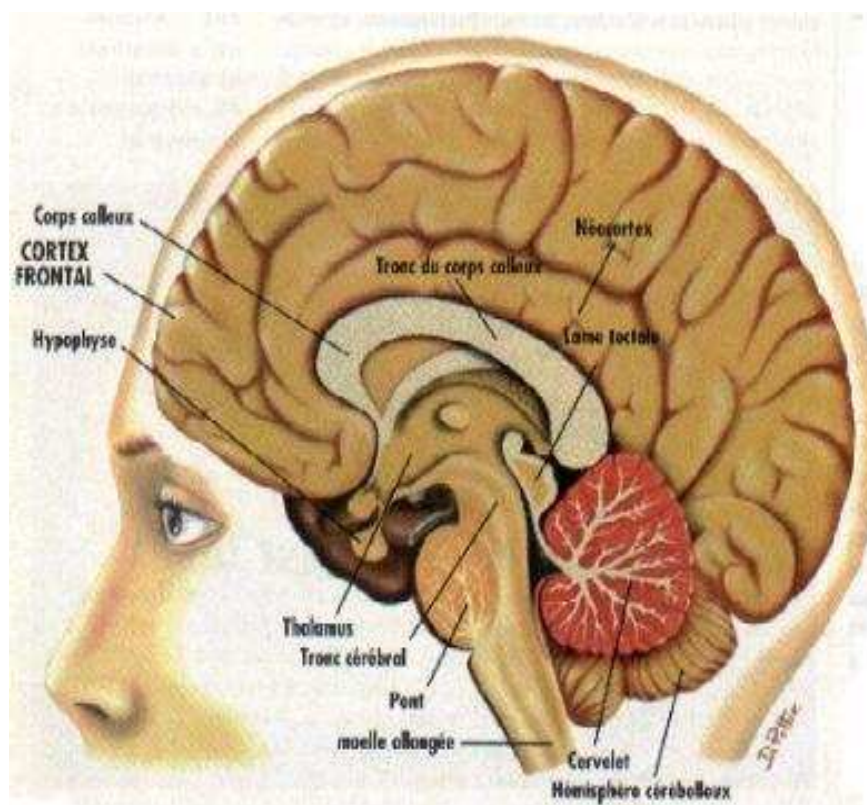


Figura 4. Estruturas Cerebrais

Um “guia” da sobrevivência. No córtex frontal se encontram “as zonas de convergência” que integram as conexões entre uma determinada situação e os estados do corpo (algumas das múltiplas situações e percepções memorizadas). As zonas de convergências alimentam os “marcadores somáticos”, um tipo de guia automático que orienta a escolha do indivíduo visando a sobrevivência. (Fonte: DAMÁSIO, Antônio. Neuropsicologia: O Cérebro a procura da alma”. Por René Bernex Tradução de Paulo F. de M. Nicolau. Édition Spéciale Science & Vie, 1996. www.psiquiatriageral.com.br/cerebro/texto1.htm. Consultado em 06 de junho 2010.)

Operam para a formação do “marcador somático” um sistema interno de preferência e a influência de um conjunto externo de circunstâncias, nos quais estão

¹⁶¹ Id.: 1996. p. 206

incluídos os fenômenos com os quais o organismo interage e as convenções e regras éticas. Esse sistema interno de preferências tem uma base neural que consiste em uma disposição reguladora inata cujo fim é garantir a sobrevivência do organismo. Conseguir sobreviver coincide com conseguir reduzir os estados desagradáveis do corpo, atingindo um estado homeostático. Os sistemas internos do corpo já estão, por natureza, predispostos a buscar sempre evitar os estados dolorosos e buscar alcançar sempre estados de prazer.

É possível compreender, por exemplo, o que acontece com os sentimentos de felicidade ou tristeza. Sua essência é a combinação de estados corporais e de pensamentos que estejam justapostos. Estados corporais negativos repetindo-se com frequência, ou mesmo quando o estado corporal predomina no negativo, como nos casos de depressão, aumentam também a proporção de pensamentos mais suscetíveis a serem ligados às situações negativas. Assim, estilo e eficiência do raciocínio serão afetados.¹⁶²

A noção de disposição adquirida sugere um modo novo de pensar a representação. Não significa as ideias contidas na mente refletindo a realidade do mundo, mas imagens produzidas pelo cérebro, cujo objetivo é ajudar na manutenção da vida.

A sobrevivência de um organismo está condicionada à realização de vários processos biológicos. São esses processos que vão garantir a sobrevivência das células, bem como de toda a estrutura do organismo. A principal tarefa desses processos biológicos é fornecer oxigênio e nutrientes. Para que isso aconteça o cérebro ativa circuitos inatos que, juntos com outros processos bioquímicos vão controlar os reflexos, instintos, impulsos, garantindo funções básicas como a respiração e a nutrição. Há uma certa interdependência, onde um mecanismo pode necessitar de um outro mecanismos mais simples e mesmo ser influenciado por um outro mais complexo. Existe, então, uma interação necessária entre cérebro e corpo, e que pode ser estendida também na relação entre cérebro e mente.

Qual seria então a essência do sentir de uma emoção? É justamente a experiência desse conjunto de alterações, com toda a mobilização corporal que ela provoca, bem como todas as imagens mentais presentes em todo ciclo de

¹⁶² DAMÁSIO, António – **O Erro de Descartes – Emoção, Razão e o Cérebro Humano**. p. 194. ed. Companhia das letras. São Paulo, 1996.

alterações. O sentimento, por sua vez, vai depender da justaposição de uma imagem do corpo, com outra imagem. Por exemplo a imagem visual de um rosto ou a imagem auditiva de uma melodia.

Será que a compreensão de que o amor, a generosidade, a compaixão e tantas outras características humanas louváveis, são o resultado de regulações neurobiológicas, cujo fim é a sobrevivência, negaria a possibilidade do altruísmo e do livre arbítrio? Na verdade não. A descoberta dos mecanismos biológicos subjacentes ao comportamento humano, dentre eles os mais sublimes, não reduz de modo simplista esses comportamentos apenas à reações neurobiológicas. Explicar, mesmo que parcialmente, uma coisa muito complexa com algo menos complexo, não deprecia de modo algum o explicado.

Em um outro trabalho de Damásio, intitulado “O mistério da Consciência”¹⁶³ dois problemas são colocadas por ele desde o início: *“como o filme no cérebro é gerado e como o cérebro também gera o senso de que existe alguém que é proprietário e observador desse filme.”* Ele se ocupa na tentativa de compreender o advento da consciência

A consciência é a construção de um conhecimento, que se dá justamente nesta dinâmica do organismo que, ao se empenhar em relacionar-se, encontra-se com objetos que provocam em si mudanças. Essa dinâmica de relações, encontros e modificações vão construindo dentro do cérebro um modelo do corpo, que é uma coleção de mecanismos cerebrais, cuja tarefa mais proeminente é a gerência da vida dentro do organismo.

É de maneira abundante e variada que o organismo é representado no cérebro, com vistas à manutenção da sua própria existência. Vida e consciência estão intimamente entrelaçadas. A consciência é que permite a um organismo tornar-se um *organismo com mente*. Não nos esqueçamos que o esforço por sua preservação é também no entender de Espinosa, o primeiro e único fundamento da vida. É a consciência que permite tal esforço.

Tomamos consciência quando esses mecanismos representacionais do organismo se tornam presente em nosso interior, através da sensação de que atingimos um dado conhecimento, o conhecimento de que o nosso organismo foi alterado na relação com o objeto. O organismo realça a representação desse objeto.

¹⁶³ DAMÁSIO, António – **O Mistério da Consciência**. P. 27. ed. Companhia das letras. São Paulo, 2000.

Quando o cérebro adquire esse poder de contar uma história sem palavras, a consciência começa.

No final do século XIX Charles Darwin, William James e Sigmund Freud¹⁶⁴ publicaram escritos sobre diferentes aspectos da emoção. A emoção teve um lugar privilegiado no discurso científico. As pesquisas de Darwin se ocuparam principalmente com as expressões das emoções em diversas culturas e espécies. Para ele as emoções eram vestígios de estágios anteriores da evolução, mesmo assim ele respeitou a importância do fenômeno.

W. James sublinhava a forma como as emoções nos modificam e, principalmente, como elas nos modificam corporalmente, e acreditava que as emoções “coloriam” a nossa vida. Sem elas seríamos apenas “baço”.

Freud descortinou todo o potencial patológico dos transtornos emocionais, chamando a atenção para a sua grande importância. Porém, foi Hughlings Jackson¹⁶⁵ que deu o primeiro passo em direção a uma possível neuroanatomia da emoção, ele sugeriu que o hemisfério cerebral direito dos humanos era determinante para a emoção, enquanto o esquerdo era determinante para a linguagem.

Em anos recentes, é verdade, a neurociência finalmente referendou os estudos das emoções e muitos novos cientistas elegeram a emoção como tema de seus estudos. Alguns dos exemplos dessa mudança podem ser encontrados na obra de Jean-Didier Vincent e Alan Prochiantz, na França; Joseph Le Doux, Michael Davis, James McGaugh, na América do Norte, e Raymund Dolan, Jeffrey Gray e E.T. Rolls, na Grã-Bretanha.

A razão opera mais vantajosamente com a influência da emoção. Ela auxilia o raciocínio, principalmente quando se trata de resoluções em que está em jogo questões sociais ou pessoais em que envolvem riscos e conflitos.¹⁶⁶

Quando mencionamos a palavra emoção é natural que pensemos já naquelas emoções ditas primárias ou universais, quais sejam: tristeza, raiva, medo, alegria,

¹⁶⁴ OATLEY, Keith & JENKINS, Jennifer. **Compreender as Emoções** p. 22-32 – Ed. Instituto Piaget. Lisboa, 1998.

¹⁶⁵ JACKSON, John Hughlings(1835-1911) foi um neurologista britânico. Jackson propunha uma base anatômica e fisiológica organizada hierarquicamente para a localização das funções cerebrais.

¹⁶⁶ “Estudo realizado nos Estados Unidos pela Columbia Business Scholl, pela Califórnia University pela Duke University defende que as emoções podem ser mais confiáveis do que a razão em momentos de decisão. Intitulado **“O Papel das Emoções nas Decisões”**, o estudo mostrou que “as opções emocionais tem mais consistência do que as fundamentadas nos processos cognitivos” (Cf. RABELO, Carina Cf. Revista Isto É de 25 de Março de 2009. ano 32 No. 2054. p. 65 a 69. **“Solte suas Emoções”**.)

surpresa, interesse e afeição.¹⁶⁷ Não podemos entretanto, desconsiderar aquelas chamadas secundárias ou sociais, tais como o embaraço, ciúme, culpa ou orgulho, nem tampouco as que são consideradas emoções de fundo, como bem-estar ou mal-estar, calma ou tensão.

As emoções, portanto, fazem parte dos mecanismos biorreguladores da sobrevivência. Nós nascemos com esse equipamento.

Apesar de serem bem antigas na escala evolutiva, as emoções ainda acontecem num nível superior daqueles próprios da regulação da vida. O chamado “*sistema límbico*” responsável pelo processamento das emoções, situa-se entre o sistema mais básico, que controla as funções vitais – o “*tronco cerebral*” – e o sistema mais evoluído, responsável pelos mecanismos do raciocínio superior, o “*córtex*”.

O funcionamento se dá num processo bem interessante. É a consciência que permite serem conhecidos os sentimentos, mas para isso ela promove um movimento interno, a emoção. Ela, por meio do sentimento, permeia o pensamento. Através dessa dinâmica toda, a consciência torna possível o conhecimento dos objetos. Por isso, os sentimentos que alguém tem de si mesmo, é sempre acompanhado por um nível de emoção.

O fato de termos consciência faz com que os sentimentos tenham em nós um impacto muito forte nas tomadas de decisões, levando-nos a refletir e planejar, limitando ao máximo a “tirania” das emoções.

Espinosa chama-nos a atenção para esse exercício sistemático da razão de modo a livrar-nos das paixões negativas. A razão, andando junto com a emoção, ganha força, uma vez que ela “pura” e simples tem um poder de controle limitado. Temos aqui uma espécie de “*Onipresença das emoções*.”¹⁶⁸

Raiva, tristeza, alegria, como vem mostrando os estudos da neurociência, precisam de vários sistemas cerebrais diferentes para serem produzidas.¹⁶⁹ As

¹⁶⁷Para levar em consideração uma lista de emoções básicas segundo vários autores contemporâneos. (Cf.. MARTINS, José Maria em “**A Lógica das Emoções**”. p. 35 Ed. Vozes.Petrópolis, 2004.)

¹⁶⁸ ÉTICA. Parte V. Proposição 4. Corolário. A proposição 4 afirma que: “*Não há nenhuma afecção do corpo da qual não possamos formar algum conceito claro e distinto*”. O corolário dessa proposição nos mostra com clareza esse exercício que devemos fazer para conhecer os nossos afetos. Espinosa chama de “*remédio para os afetos*.” No Escólio da proposição 20 ele retoma claramente o tema e afirma que “reuni aqui todos os remédios para o afeto”, e cita 5 tarefas a ser seguida para que a mente possa ter o poder sobre os afetos.

¹⁶⁹ DAMÁSIO, António – **O Mistério da Consciência**. P. 86 e 87. Ed. Companhia das letras. São Paulo, 2000.

tomografias por emissão de pósitrons têm mostrado que uma pessoa que foi induzida a uma experiência da tristeza, da raiva, do medo e da alegria tem ativados vários sítios cerebrais localizados abaixo do córtex cerebral, conhecidos como subcorticais. Algo que também se percebe é que o padrão para cada emoção é distinto. Uma curiosidade é que apesar de todas essas emoções, acima citadas, promoverem uma ativação do tronco cerebral, é a tristeza a responsável por uma ativação mais intensa do córtex pré-frontal ventromedial. E ainda, a amígdala, situada na região profunda do cérebro se mostrou indispensável no reconhecimento de expressões faciais de medo e mesmo para expressá-lo. Na imagem abaixo as principais estruturas cerebrais.¹⁷⁰

¹⁷⁰ Na face medial de cada hemisfério cerebral observa-se um anel cortical contínuo constituído pelo giro do cíngulo, giro para-hipocámpal e hipocampo (figura 1 e figura 2). Este anel cortical contorna as formações inter-hemisféricas e foi considerado por Broca como um lobo independente, o *grande lobo límbico* (de limbo, contorno). Este lobo é filogeneticamente muito antigo, existindo em todos os vertebrados. Apresenta uma certa uniformidade citoarquitetural, pois seu córtex é mais simples que o do isocórtex que o circunda. Do ponto de vista funcional admitiu-se durante muito tempo que o lobo límbico teria funções olfatórias, fazendo parte do chamado *rinencéfalo*, ou encéfalo olfatório. Em 1937, o neuroanatomista James Papez publicou um trabalho famoso (A proposed mechanism for emotion. Archives of Neurology and Psychiatry, 38:725-743. 1937), no qual propunha uma nova teoria para explicar o mecanismo da emoção. Este mecanismo envolveria as estruturas do lobo límbico, do hipotálamo e do tálamo, todas unidas por um circuito hoje conhecido como circuito de Papez. Estas estruturas compreenderiam um mecanismo harmonioso, que não só elaboraria o processo subjetivo central da emoção, mas também participaria de sua expressão. O trabalho de Papez foi fundamentalmente teórico e especulativo, embora ele chamasse a atenção para certos dados clínicos, como as dramáticas alterações do comportamento emocional causadas pela raiva (hidrofobia), cujo vírus lesa preferencialmente o hipocampo. Embora muitos aspectos da teoria da emoção de Papez não sejam mais aceitos, o ponto fundamental, isto é, a importância das estruturas do lobo límbico e de suas conexões nas manifestações emocionais está, hoje, amplamente confirmado. Verificou-se também que estas estruturas não participam da apreciação consciente dos odores, sendo, pois, incorreto incluí-las no rinencéfalo, ou seja, no encéfalo olfatório. Este termo é hoje usado em um conceito muito mais restrito para indicar apenas estruturas relacionadas diretamente com a olfação, ou seja, o nervo, bulbo e tracto olfatórios, a estria olfatória lateral e o úncus. As demais formações anatômicas que tradicionalmente integravam o rinencéfalo são hoje estudadas como parte do chamado sistema límbico. Este pode, pois, ser conceituado como um sistema relacionado fundamentalmente com a regulação dos processos emocionais e do sistema nervoso autônomo constituído pelo lobo límbico e pelas estruturas subcorticais a ele relacionadas.

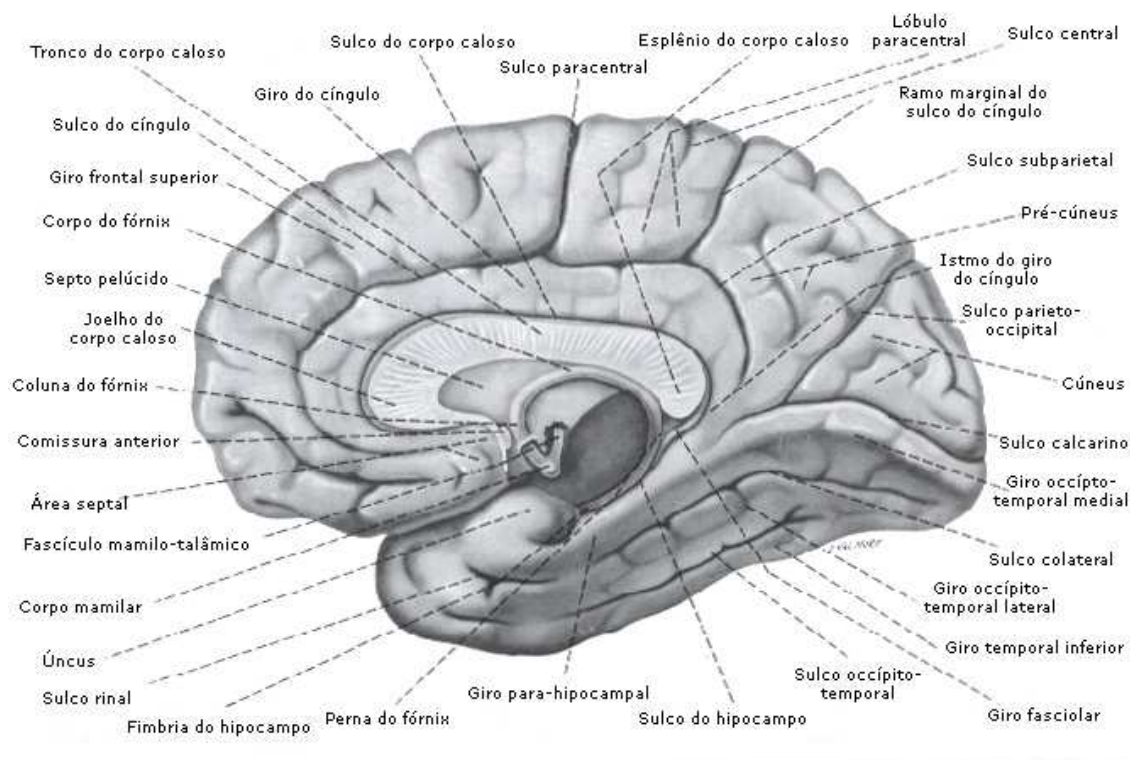


Figura 6: Estruturas Cerebrais

Vista medial e inferior de um hemisfério cerebral após remoção de parte do diencéfalo, de modo a expor o fascículo mamilotalâmico. Fonte: Áreas Encefálicas Relacionadas com as Emoções. O sistema Límbico. (<http://www.psiquiatriageral.com.br/cerebro/emocoes.htm>, Professor Ângelo Machado. Consultado em 06 de junho 2010.)

Fato interessante também ocorre nas situações de dor e de prazer. Prazer e dor não são emoções, mas participam da constituição de algumas emoções. Tanto um quanto o outro são participantes de uma mesma estrutura biológica. As genealogias, entretanto são diferentes, embora ligadas à regulação da vida. A dor está vinculada à punição e o prazer está vinculado à recompensa.

Localizados principalmente nos núcleos subcorticais do tronco cerebral, no hipotálamo, no prosencéfalo basal e na amígdala encontramos o que constitui a base para a representação das emoções.¹⁷¹

Como, afinal, o cérebro processa um objeto? As descobertas apontam que o objeto é exibido na forma de padrões neurais, nos córtices sensoriais apropriados à sua natureza. Para percepção de um objeto, visualmente ou de outro modo, o

¹⁷¹ DAMÁSIO, António – **O Mistério da Consciência**. P. 105-106. Ed. Companhia das letras. São Paulo, 2000.

organismo precisa de muitos sinais sensoriais especializados, como os que provêm do ajustamento do corpo, necessários para a ocorrência da percepção.¹⁷²

E o organismo? Como ele é representado no cérebro? Embora não se tenha descoberto ainda como o organismo é representado no cérebro, Damásio pensa que a representação do organismo no cérebro estaria ligada à mente e à noção do “self”. Mesmo que essa possibilidade não tenha ganhado muita atenção. A mente é moldada pelo corpo e serve a este mesmo corpo, unicamente.

O Sentido do “self” em Damásio é o sentido da singularidade, a percepção que tem o sujeito de ser si mesmo, a consciência de si. “Quando refletimos acerca do que está por trás da noção de self, encontramos a noção de indivíduo singular. E, quando pensamos no que está por trás da singularidade do indivíduo, encontramos a estabilidade.”¹⁷³

Todos os registros de objetos e eventos que possuímos trazem consigo a história da primeira percepção, os ajustamentos que o corpo precisou realizar para a sua apreensão, bem como todas as reações emocionais daquele primeiro contato, estão todos registrados em nossa memória. Assim, o simples fato de pensarmos em um determinado objeto reconstrói em nossa mente todo o histórico daquele acontecimento relacionado com determinado objeto. Portanto, ao evocarmos um objeto evocamos juntamente com ele as características sensórias e todas as reações que tivemos em relação a ele no passado. É todo esse mecanismo que possibilitou o desenvolvimento do self autobiográfico. Como informa Damásio:¹⁷⁴

O nascimento da consciência desenvolve-se no tempo. E tem começo, meio e fim. O começo corresponde ao estado inicial do organismo. O meio é a chegada do objeto. O fim compõe-se de relações que resultam em um estado modificado do organismo.

O que percebemos de nós mesmos, o nosso autoconceito, a nossa autoimagem, como nos vemos física e mentalmente e mesmo a maneira de como nos relacionamos socialmente, baseia-se em nossa memória autobiográfica, formada durante muito tempo e que continua sujeita a remodelações contínuas.

Assim também acontece com a construção do conhecimento, desde os mais simples aos mais complexos, do imagético não verbal ao literário, tudo ocorre devido

¹⁷² Id.: 2000. p. 175.

¹⁷³ Id.: 2000. p.177.

¹⁷⁴ Id.: 2000..p. 218.

à capacidade que o organismo tem de “mapear” os acontecimentos ao longo do tempo, dentro e fora do nosso organismo, para ele e com ele, numa dinâmica ininterrupta e infinita. Portanto, a imagem que vemos, são resultados de mudanças que ocorrem em nosso organismo, incluindo o cérebro. É resultado da interação entre a estrutura física do objeto e do corpo. A ideia desses “*Mapas mentais*” não é originária de Damásio. Sua existência foi intuída pelo famoso neurologista inglês John Hughlings Jackson (1835-1911).¹⁷⁵

Nossa estrutura corporal está permeada de sinalizadores, que são ativados durante a interação com os objetos – a nossa pele, o maior órgão do nosso corpo, os músculos, a retina. São estruturas implicadas na construção de padrões neurais que vão mapeando sistematicamente a interação do organismo com o objeto. As imagens que vemos em nossa mente são, na verdade, imagens de interações realizadas entre cada um de nós e um objeto mobilizador, não são cópias do objeto específico. Não há mistério. Elas, as imagens, provêm da atividade do cérebro, que como parte do organismo, interage com os meios físicos, biológicos e sociais. As imagens provem desses padrões neurais, ou *mapas neurais*, constituído de uma população de células nervosas, os neurônios, e que formam uma imensa rede de circuitos nervosos.

4.3 CONTRIBUIÇÃO DA RELEITURA DE ESPINOSA, A PARTIR DAS ATUAIS CONCEPÇÕES DA NEUROCIÊNCIA, VIA DAMÁSIO, PARA O MELHOR GOVERNO DOS AFETOS.

Espinosa tinha razão quando dizia que a alegria e as suas variantes levam a uma maior perfeição funcional. Conhecimentos científicos correntes no que diz respeito à alegria apóiam a noção de que ela deve ser procurada ativamente, porque

¹⁷⁵ LENT, Roberto – **Cem Bilhões de Neurônios – Conceitos fundamentais de Neurociência**. Ed. Atheneu & Faperj. Cap. 7 “Os Sentidos do Corpo – Estrutura e Função do Sistema Somestésico” pg.220-222. Rio de Janeiro 2002. - Jackson, “Observando o deslocamento de crises epiléticas convulsivas em alguns pacientes, que se iniciavam com contrações dos dedos, depois da mão, seguindo-se o braço e o tronco, imaginou que esse deslocamento poderia refletir a ordem de representação dessas regiões no córtex cerebral. Penfield (1891-1976) mais tarde estimulou eletricamente diferentes pontos do córtex somestésico de pacientes cirúrgicos sob anestesia local, obtendo sensações de formigamento nas regiões correspondentes do corpo. Modernamente, os mapas somatotópicos podem ser estudados através das técnicas de imagem funcional, como a ressonância magnética funcional. Além do mapeamento detalhado, os estudos contemporâneos verificaram que esses mapas são dinâmicos, modificando-se de acordo com a aprendizagem e outras condições ambientais. A sensação do “Membro Fantasma” ocorre devido as representações daquele membro no cérebro.”

contribui para a saúde, enquanto o pesar e os afetos que com ele se relacionam devem ser evitados por serem insalubres.

Em combinação inteligente com as intervenções psicológicas e culturais, de que fazem parte hábitos dietéticos e de exercícios físico e mental, os novos tratamentos irão revolucionar o mundo da saúde física e mental. Damásio é esperançoso quanto a isso ao afirmar que:¹⁷⁶

Vê com esperança o fato de que o estudo das emoções sociais está na sua infância. Quando o estudo cognitivo e neurobiológico das emoções e sentimentos puder se juntar ao da antropologia e da psicologia evolucionária, antevejo a possibilidade de testar cientificamente algumas coisas como compreender um pouco melhor como a biologia humana e a cultura interagem e até como o ambiente social e físico interagiram com o genoma ao longo da história da evolução.

Se não fosse a possibilidade de sentir os estados do corpo, que são inerentemente destinados a ser dolorosos ou apazíveis, não haveria sofrimento ou felicidade, desejo ou misericórdia, tragédia ou glória na condição humana.

A compreensão da neurobiologia da sociopatia poderia levar à prevenção ou ao tratamento desse problema. Poderia também ajudar a compreender até que ponto os fatores sociais interagem com os biológicos para agravar o estado patológico ou aumentar sua frequência e, inclusive, levar a compreender estados que podem ser superficialmente semelhantes, mas que são determinados, na sua maior parte, por fatores socioculturais.

Na obra *“Looking for Spinoza”* ou, como está o título em língua portuguesa *“Em busca de Espinosa”*, Damásio fixou-se mais especialmente na descoberta do que são os sentimentos em sua essência e o que fazem. Sua preocupação foi apresentar os progressos que já foram feitos no sentido de entender o significado dos sentimentos humanos. O seu olhar foi o de um neurocientista e neurologista.

O que mais nos interessa, entretanto, é que, nesta obra, Damásio realiza um “encontro” com Espinosa. Ele mesmo aponta que a sua finalidade não era discutir filosofia, uma vez que não é um filósofo. Mas por que Espinosa, ele se pergunta. E responde que Espinosa é *“profundamente relevante para qualquer discussão sobre*

¹⁷⁶ DAMÁSIO, António. **Em Busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos.** Companhia das Letras, São Paulo. 2004 p. 182.

a emoção e os sentimentos humanos”.¹⁷⁷ Essa crença inicial se baseia no fato que Espinosa considerou as “afecções” como um aspecto muito central da vida humana. Além disso, os dois conceitos fundamentais sobre os quais versa grande parte da *Ética* é a Alegria e a Tristeza, resultados dos “bons encontros” ou dos “maus encontros” entre os corpos. Esses “encontros” podem potencializar a tendência de agir, quando são positivos ou, ao contrário, diminuí-la quando são negativos.

Damásio crê que explicar a biologia dos sentimento poderá trazer resultados práticos para a sociedade, principalmente com o avanço da farmacologia, produzindo medicamentos mais eficazes e com menor índice de efeitos colaterais. Eles têm sido um coadjuvante muito importante no tratamento dos processos de sofrimentos humano, como por exemplo, a depressão, a dor e a toxicomania. O progresso da humanidade caminha junto com o progresso nas descobertas da neurociência e da neurobiologia.

Na visão de Damásio¹⁷⁸, Espinosa vislumbrou soluções que a ciência só agora começa a oferecer para vários problemas. Um exemplo que podemos citar é a expressão espinosana de que: “o amor nada mais é do que um estado agradável, a alegria, acompanhado pela ideia de uma causa exterior”¹⁷⁹. Na verdade ele está dizendo que os processos de sentir são diferentes daqueles de ter uma ideia sobre um objeto, causador de alegria ou de tristeza. Alegria ou tristeza, assim como a ideia dos objetos que as causam tem origem distinta, embora se juntem, depois, na mente. É nesse sentido que Damásio fala da “organização anatômica e funcional” que a ciência moderna está constatando como fato. Nas palavras de Damásio:¹⁸⁰

Os organismos vivos são dotados de uma capacidade de reagir emocionalmente a diferentes objetos e a acontecimentos. A reação, a emoção no sentido literal do termo, é seguida por um sentimento. A sensação de prazer ou de dor é componente necessário desse sentimento.

¹⁷⁷ Idem. p. 16 e 17

¹⁷⁸ “Aos meus olhos, contudo, Espinosa parecia ter vislumbrado soluções que a ciência só agora está oferecendo para vários desses problemas, e isso, sem dúvida, era surpreendente.” (DAMÁSIO, Antônio. **Em Busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos**. São Paulo. 2004 p. 20)

¹⁷⁹ ÉTICA. Parte III. Proposição 13. Escólio: “O amor nada mais é do que a alegria, acompanhada da ideia de uma causa exterior, e o ódio nada mais é do que a tristeza, acompanhada da ideia de uma causa exterior.”

¹⁸⁰ DAMÁSIO, Antônio. **Em Busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos**. Companhia das Letras, São Paulo. 2004 p. 20.

Consideramos de muita importância como ressonância dessas constatações de Damásio, o que encontramos em FERNANDES & CÁMARA, como segue:¹⁸¹

Especialmente representativo da importância que tem a conexão entre os delineamentos atuais, desde a bioquímica, a neurologia e a concepção de Spinoza é o livro de António Damásio *“Looking for Spinoza, Joy, Sorrow and the feeling Brain”*. Estes exemplos dão a medida do vigor da filosofia espinosista dos afetos e de seu extraordinário poder de interação com outros saberes e práticas sociais.

Não é possível nos livrar dos afetos, uma vez que a própria existência se resume na quantidade de “encontros” que cada corpo pode fazer. Espinosa nos desafia a promover um número maior possível de “bons encontros”. Ele propõe, já que não há a possibilidade de nos livrar das emoções, que a melhor forma é triunfar sobre um afeto negativo – uma paixão irracional, trocando por um afeto positivo. Todo esse esforço é feito com o uso consciente da razão. Para o filósofo: *“Um afeto não pode ser refreado nem anulado senão por um afeto contrário e mais forte do que o afeto a ser refreado.”*¹⁸²

É preciso lutar, por meio do raciocínio e do esforço intelectual, contra as emoções negativas, trocando-as por emoções mais fortes e positivas. Para subjugar as “paixões” dependemos de emoções guiadas pela razão. Trata-se de encontrar um equilíbrio entre os processos emocionais e os processos racionais. A razão está a serviço da emoção assim como a emoção está a serviço da racionalidade.

Um outro aspecto que Damásio também deu muita importância nesse “encontro” com Espinosa foi o tema pertinente à concepção unívoca de corpo e mente. Em Espinosa são manifestações de uma mesma substância. Essa concepção batia de frente com o dualismo cartesiano corrente da época.

Damásio está convencido de que os processos mentais se alicerçam no *“Mapeamento do Corpo”*, que são construídos pelo cérebro. São padrões neurais que retratam as respostas aos estímulos externos que geram as emoções e sentimentos.¹⁸³

A busca de todo organismo é por uma maior perfeição possível, que significa funcionar em toda sua potencialidade de ser, o que vai constituir em última análise, a

¹⁸¹ FERNANDES, Eugenio & CÁMARA, Maria Luisa: **El Gobierno de Los Afectos em Baruj Spinoza** Editorial Trotta. Madrid, 2007. p.13

¹⁸² ÉTICA. Parte IV proposição 7.

¹⁸³ DAMÁSIO, António. **Em Busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos**. Companhia das Letras, São Paulo. 2004 p. 21

alegria. Essa perfeição está diretamente ligada à capacidade desse organismo efetuar bons encontros, aqueles que vão aumentar ainda mais a sua potência para existir.

A felicidade e a perfeição consistem em atingir, pelas afecções positivas, a potência máxima de existir. É saber-se intimamente ligado à natureza divina. Uma espécie de simbiose ecológica. A felicidade esta na constatação dessa íntima união que a mente tem com a natureza. Neste ponto ele se torna bastante compatível com Charles Darwin, uma vez que esses organismos poderiam se combinar e formar diferentes espécies.

A Natureza de modo algum está submetida às leis da razão humana que tendem unicamente à verdadeira unidade e à conservação dos homens. Ela compreende uma infinidade de outras que respeitam à ordem eterna, à Natureza inteira, das quais o homem é uma parte.¹⁸⁴

Essa concepção da natureza estabelece um nexo entre os conceitos de bem e mal, liberdade e salvação, bem como com os afetos e a regulação da vida. A nossa conduta pessoal e social é, então, governada por um conhecimento profundo da humanidade. Esse conhecimento possibilita um contato cada vez maior com Deus ou com a natureza que está presente dentro de cada um. Damásio vê em Espinosa um pensador da vida por trás de seu modo geométrico de descrever as coisas – proposições, axiomas, provas, lemas e escólios.

O progresso da ciência nos estudos das emoções e sentimentos corresponde com as propostas que Espinosa articula em sua *Ética*. O propósito então é estabelecer uma ligação entre o Filósofo e a neurociência de hoje naquilo que lhe corresponde.

Sua preocupação principal era a relação entre os seres humanos e a natureza. Ele faz uma ligação muito forte entre a felicidade pessoal e a felicidade coletiva, mas também entre a salvação humana e a estrutura do Estado. O Estado é um grande organismo que também deve caminhar para um grau de perfeição cada vez maior.

¹⁸⁴ ESPINOSA, Baruh. **Tratado Político**. pg. 317– Coleção “Os Pensadores – No. XVII”. São Paulo, 1973.

Para Espinosa, o melhor modelo de estado é o democrático. Embora ele não tenha tido tempo de terminar a sua obra *Tratado Político*¹⁸⁵, onde justamente ficou nos devendo os escritos sobre o estado democrático, acreditava que fosse o melhor, justamente porque é onde o indivíduo teria uma maior liberdade para viver as suas potencialidades, em vista da perfeição. No regime democrático os autores das leis serão os próprios cidadãos, todos participariam do governo diretamente ou pelos seus representantes. Neste caso, a obediência seria a obediência a si mesmo, visto serem os próprios legisladores.¹⁸⁶ Pressupõe um contrato social generoso que possa promover o bem estar do cidadão e a harmonia do governo, além da separação prática entre religião e estado.

Dentro desta mesma reflexão encontramos as afirmações de Espinosa acerca da tendência natural de todos os organismos para a preservação de seu próprio ser. Além disso, essa é para o filósofo a essência de todos os seres. Todos os organismos possuem um sistema interno de equilíbrio, reguladores automáticos cuja função é manter o equilíbrio homeostático e garantir a sobrevivência.

O bom governo dos afetos leva a obter também esse equilíbrio, em termos emocionais. A biologia nos ensina. Todos já tivemos a experiência de emoções e sentimentos muito fortes e percebermos que o tempo entre ela aflorar e a nossa reação é muito curto. Nem sempre conseguimos refletir antes de reagirmos a elas. Muitas vezes reagimos de modo que, se tivéssemos tido tempo para refletir, não reagiríamos daquele modo. Esse “tempo” será justamente a consequência do exercício sistemático da razão.

Em termos biológicos compreendemos o porquê as emoções vêm antes dos sentimentos. Isso porque na evolução biológica as emoções vieram primeiro e os sentimentos depois. As emoções são consequência do aprimoramento das reações simples de sobrevivência. A evolução foi incorporando cada vez mais em nosso sistema de adaptação e sobrevivência, recursos cada vez mais eficazes. Houve uma sofisticação daquele equipamento inato. Se na base dessa organização encontrávamos respostas simples de aproximação ou retraimento, num nível mais

¹⁸⁵ O último ponto que Espinosa escreve é justamente sobre o reinado das mulheres, as quais ele considera que “é impossível que os dois sexos reinem igualmente e, ainda menos, que os homens sejam regidos pelas mulheres...”. Palavras que, entre outras, são fontes de grandes controvérsias até hoje. (ESPINOSA, Baruh. *Tratado Político. Capítulo XI*, p. 371– Coleção “Os Pensadores – Nº. XVII”. 1ª. edição, São Paulo, 1973).

¹⁸⁶ ESPINOSA. *Tratado Teológico – Político. Capítulo XX*, Tradução, introdução e notas de Diogo Pires Aurélio. Martins Fontes, São Paulo, 2008. p. 308 –“Onde se demonstra que num estado livre é lícito a cada um pensar o que quiser e dizer aquilo que pensa”.

elevado, ou evoluídos melhor dizendo, vamos nos deparar com as respostas bem mais complexas do tipo competitivas e de cooperação.

Estamos falando aqui, mais uma vez, dos processos homeostáticos, cuja função principal é manter o equilíbrio vital. O que é essa sensação de prazer ou de bem estar senão uma sensação de que o nosso corpo funciona de modo bastante equilibrado, com todas as suas funções respondendo ao que deve? Isso acontece quando o corpo consegue utilizar de maneira equilibrada toda a sua energia. É uma sensação de leveza. A aproximação em relação aos outros fica facilitada, há uma abertura e descontração. Esse conjunto de fatores libera em nosso organismo moléculas de endorfinas, aumentando cada vez mais a sensação de alívio e tranquilidade. É essa a finalidade de todo esforço homeostático; produzir esse estado de bem estar.

É bastante significativo o que Martins¹⁸⁷ fala dos estados positivos:

Estados de alegria e felicidade ativam boas lembranças. [...] o que se pode dizer com certeza é que, em estados emocionais positivos, as pessoas são capazes de tomar decisões complexas de forma mais rápida, mostrando menos redundância em seus padrões de busca e conseguindo eliminar decisões irrelevantes. Isso se deve à influência de sentimentos positivos sobre o funcionamento cognitivo; com todo o material relevante disponível para o processamento, e sem a necessidade de defesas, a capacidade de resolver problemas e tomar decisões também se torna mais eficiente.

Esse sistema, do qual falamos anteriormente, está cuidadosamente projetado para reagir de modo a sempre buscar restabelecer a dinâmica própria de um organismo que é caminhar para a autopreservação. Ele é disparado sempre que há uma mudança no ambiente, tanto interno como externo. Diante de uma mudança, o organismo reage no sentido de avaliar a ameaça à sua integridade, por fim, identificada a mudança, imprime reações de modo a garanti-la. Isso quer dizer que nós temos um sistema automático que avalia constantemente as condições externas, se são favoráveis ou desfavoráveis, engendrando, assim, recursos também internos para adaptação. As emoções possibilitaram aumentar o nível de complexidade da avaliação e resposta, o que foi cuidadosamente sendo construídas no curso mesmo da evolução biológica. A nossa existência fala de um resultado satisfatório dessa “luta” ininterrupta pelo equilíbrio.

¹⁸⁷ MARTINS, José Maria. **A Lógica das Emoções na ciência e na vida**. P. 260. Ed. Vozes. Petrópolis, 2004

Espinosa considera esse “esforço” de preservação como a primeira e a mais forte tendência de cada organismo vivo. É o *Conatus*. Encontramos de maneira muito clara na *Ética*, como segue:¹⁸⁸

Cada coisa esforça-se, tanto quanto está em si, por perseverar em seu ser (*conatus*)... E nenhuma coisa tem em si algo por meio do qual possa ser destruída, ou seja, que retire a sua existência, pelo contrário, ela se opõe a tudo que possa retirar a sua existência. E esforça-se, assim, tanto quanto pode e está em si, por perseverar em seu ser.

De acordo com essa noção de Espinosa, o organismo vivo está constituído de uma estrutura capaz de lutar contra as adversidades que o ameaça, de modo a preservar a sua estrutura e função. O *conatus* refere-se a esse ímpeto de autopreservação, que não está reduzido simplesmente a esse “*kit de sobrevivência*” como também de todos os “atos” no sentido da manutenção da integridade do corpo.

Damásio¹⁸⁹ por sua vez, afirma que a nossa consciência tem a ver com o poderoso mecanismo biológico que lhe está por trás, e liga esses mesmos mecanismos ao *Conatus* de Espinosa. Essas estruturas são colocadas em ação principalmente diante do sofrimento e de situações de perigo. Quando ativados por essas variáveis, desencadeiam todo um mecanismo de restabelecimento imediato do equilíbrio e da vida. Isso se dá devido aos já referidos “*Mapa Cerebrais*”. Esses mapas, constituído por células nervosas em todo o corpo, mantém atualizado, como se fosse sensores espalhados por toda a pele, todas as condições vitais, não só do próprio organismo, como também do meio circundante.

Não significa que para cada novo acontecimento, o cérebro faça novos processos.¹⁹⁰ Na verdade, o cérebro faz novos rearranjos à partir dos arranjos anteriores, como se fosse um grande quebra cabeça desmontado que pudesse ser organizado de diversas formas de modo a configurar, com as mesmas peças, várias imagens diferentes. Cada uma dessas peças carrega uma história de rearranjos anteriores e que, automaticamente, vão construindo um novo cenário. Apontam sempre para uma solução que promoverá a vida e o bem estar. Para cada nova situação, novos rearranjos, novas configurações, ininterruptamente.

¹⁸⁸ ÉTICA. Parte III proposição 6 e Demonstração.

¹⁸⁹ DAMÁSIO, António. **Em Busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos**. Companhia das Letras, São Paulo. 2004 p. 281-282

¹⁹⁰ Id.: 2004 p. 46

Tudo está projetado para uma só finalidade, a saber, fazer com que a dinâmica da vida prossiga com eficiência. As emoções e sentimentos, num nível bem mais complexos, contribuem para isso. Medo, felicidade, tristeza, simpatia, vergonha, e outros estados afetivos, são dispositivos de alerta para uma regulação necessária à persistência da vida.

Embora estejamos hoje mais capacitados a exercitarmos formas de agir e reagir de modo mais “humanizado” e socialmente aceitável, não podemos esquecer que o nosso cérebro carrega toda uma “maquinaria” biológica, uma vez que a evolução de partes superiores não suprimiu as inferiores, o que explica muitas reações “ancestrais” no dia-a-dia da sociedade moderna, muitas vezes de modo ineficaz e inaceitável.

Essa noção encontra ressonância em MacLean¹⁹¹, ao qual está ligada a expressão “sistema límbico”. Em 1970, na tentativa de desenvolver ainda mais a sua concepção do sistema límbico, lançou a hipótese do *cérebro triplo*. Conforme já mencionamos anteriormente, essa visão de MacLean defendia que o cérebro teria passado por três grandes etapas de evolução, de modo que existe nos mamíferos superiores uma hierarquia de três cérebros em um. Por isso o termo “cérebro triplo”, ou em inglês, “triune” que significa três em um.

O mais primitivo, reptiliano (arquipalio), regulam os elementos básicos de sobrevivência, promovendo a homeostase. Este cérebro é compulsivo e estereotipado. Para MacLean é esse cérebro, por exemplo, que organiza os processos envolvidos como o retorno das tartarugas marinhas ao mesmo terreno de criação de anos anteriores.

O cérebro paleopalio, aonde se encontra o sistema límbico, acrescenta a experiência atual e recente àqueles instintos básicos do primeiro sistema. Quem vai mediar esses processos é o sistema límbico. Esse, por sua vez permite a interação dos processos básicos de sobrevivência com o meio externo. O resultado disso é a expressão emocional em geral. Um exemplo é a instinto de reprodução que interatua com um membro atraente do sexo oposto, gerando os sentimentos de desejo sexual.

¹⁹¹ LEDOUX, Joseph. **O Cérebro Emocional – Os Misteriosos Alicerces da Vida Emocional**. Cap. 4. “O Teclado Emocional” 2ª. Edição. Editora Objetiva. Rio de Janeiro, 1998. p. 83-93

Por fim o cérebro neopálio, ou neocórtex que regula emoções mais específicas e com base em interpretações do mundo. Como exemplo aqui temos o sentimento de amor por uma pessoa em especial.

MacLean cre que existem esses três cérebros em humanos e demais mamíferos avançados, sendo que os mamíferos inferiores compartilhariam somente os dois primeiros. Todos os demais vertebrados tem somente o primeiro, o cérebro reptiliano. A evolução do sistema límbico colaborou para libertar os animais das expressões esteriotipadas, bem como os instintos ditados pelo cérebro réptil. E o cérebro neocórtex acrescentou maior flexibilidade no que se refere à conduta emocional, possibilitando um maior controle das mesmas, bem como uma organização melhor de suas expressões.

A imagem abaixo mostra como as estruturas cerebrais interagem constantemente, mesmo que uma e outra tenha maior relevância a determinada situação que outra.

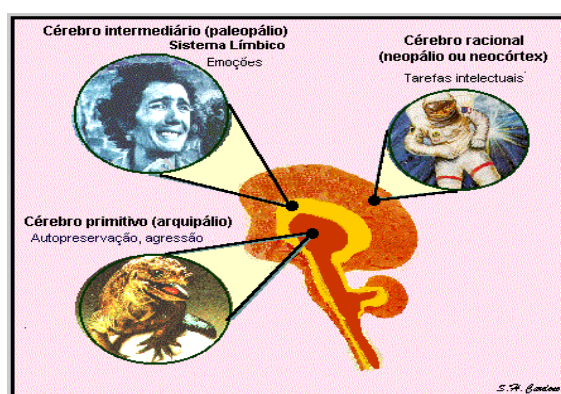


FIGURA 7 – DIAGRAMA DE MACLEAN

No desenvolvimento embriológico o prosencéfalo consiste em duas partes, o diencefalo (que inclui o hipotálamo) e o telencéfalo. Do ponto de vista evolucionário a parte mais antiga dos telencéfalo é o cérebro reptiliano (incluindo o chamado corpo estriado). Existe nos répteis, nas aves e nos mamíferos, o sistema límbico paleomamífero que inclui a amígdala e o septo. Por último, o neocórtex, a que MacLean chama "neomamífero". (Júlio Rocha do Amaral, & Jorge Martins de Oliveira. www.kheper.net/topics/intelligence/MacLean.htm. Consultado em 06 de junho de 2010) ¹⁹²

Na maior parte das vezes conseguimos adquirir aquele estado de harmonia desejado por Espinosa. Para ele a felicidade é a capacidade de conseguirmos muitos e bons encontros. Bons encontros são exatamente aqueles que

¹⁹² OATLEY, Keith & JENKINS, Jenniffer. **Compreender as Emoções** – Ed. Instituto Piaget. Lisboa, 1998. p. 172.

potencializam a nossa capacidade de existir. E o exercício para nos afastar cada vez mais daquilo que nos leva à tristeza é, em última análise, o exercício da imaginação.

Isso porque os objetos emocionalmente competentes podem tanto estar presentes concretamente a nós, bem como podem estar presentes apenas enquanto recuperação da memória. Isso é irrelevante enquanto resultado, pois existente em realidade ou em imaginação, o efeito no corpo é o mesmo. Espinosa nos ensina como nos livrar daquilo que ameaça em nós a potência de existir:

Esforcemo-nos por fazer com que se realize tudo aquilo que imaginamos levar à alegria; esforcamo-nos, por outro lado, por afastar ou destruir tudo aquilo que a isso se opõe, ou seja, tudo aquilo que imaginamos levar à tristeza.[...] Ora, o esforço da mente, ou a sua potência de pensar, é, por natureza, igual e simultâneo ao esforço do corpo, ou à sua potência de agir. Portanto esforcamo-nos ao máximo por fazer com que isso exista, isto é, fazer com que isso exista é o nosso apetite e a nossa inclinação.¹⁹³

Quanto melhor conseguirmos realizar esse intento, menos vulneráveis estaremos. Não mais seremos como *“caniço agitado pelo vento”*¹⁹⁴ – os ventos fortes das perturbações emocionais.

O mesmo deve ser feito diz Espinosa, com o uso da imaginação, para afastar de nós aquilo que imaginamos ser a causa de tristeza. Se imaginamos que aquilo que nos traz a tristeza foi destruído, isso nos alegrará. Esforcemo-nos por destruí-los, ou seja, por não considerá-los presente.

Aparentemente o processo se dá da seguinte maneira: Primeiro aparecem na mente os pensamentos que causam emoções que, por conseguinte, geram muitos outros pensamentos, cuja temática é coerente com aquele primeiro pensamento, de modo que amplificam o estado emocional. Um pensamento evoca uma emoção, que evoca outros pensamentos, que tornam a provocar novas emoções e assim até o infinito. Pessoas ansiosas, por exemplo, tem a mente muito fértil para imaginar situações ligadas à perda, o que vai gerando um estresse cada vez maior. É preciso usar a regra básica de Espinosa: afastar de nós as emoções negativas, substituindo-as por outras mais fortes e de caráter positivo, pois “um afeto não pode ser refreado

¹⁹³ ÉTICA. Parte III proposição 28 e Demonstração

¹⁹⁴ BÍBLIA, Sagrada. **Novo Testamento. Evangelho de Mateus**, Capítulo 11, versículo 7. “Enquanto os enviados se afastavam, Jesus começou a falar às multidões sobre João: “Que fostes ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento?”

nem anulado senão por um afeto contrário e mais forte do que o afeto a ser refreado”.¹⁹⁵

Quando falamos da regulação da vida, falamos de uma coisa fluida a cada momento. O nosso organismo oscila o tempo todo, numa dinâmica perpétua de autoregulação. Essa fluência é a própria essência da vida. Se ela está presente dentro de um equilíbrio a vida persiste em suas fronteiras. E esse estado nada mais é do que o esforço contínuo de “existir”, ao qual cada ser tende por sua própria natureza. É o *conatus* de Espinosa.

Espinosa diz que a alegria está associada a uma transição do organismo para um estado maior de perfeição. Quanto maior a harmonia funcional, e era disso que Espinosa falava conseqüentemente, maior perfeição de existir, de se projetar com toda a sua potência. Por outro lado, como já nos referimos anteriormente, um estado de tristeza pode gerar um estado generalizado de mais tristeza ainda.

Martins (2004)¹⁹⁶ diz que: “as emoções desagradáveis somam sua desagradabilidade ao que existe de desagradável na situação que as causou e a raiva, o medo e a tristeza pioram o que já está ruim.”

Diante disso que vimos falando anteriormente, ou seja, do esforço por afastar da mente os pensamentos negativos, e que esse esforço tem como resultado mudar o nosso humor, é bem possível crer que as substâncias químicas que alteram nosso humor, o fazem justamente pela alteração na dinâmica da atividade de regiões somatossensitivas. “Essas áreas do SNC – (*Sistema Nervoso Central*) – comenta Damásio, incluem o córtex do cíngulo, os córtices somatossensitivos, o hipotálamo e vários núcleos do tegumento do tronco cerebral.”¹⁹⁷

Três mecanismos estariam operando nesta alteração, um que interfere na transmissão dos sinais provenientes do corpo, outro que criaria um padrão novo de atividade dentro do mapa corporal e um terceiro que provocaria uma mudança geral no estado do corpo.¹⁹⁸ Dor e prazer estariam intimamente correlacionados com uma certa configuração do corpo. Resultam então de uma imagem do corpo, que pode

¹⁹⁵ ÉTICA. Parte IV. Proposição 7.

¹⁹⁶ MARTINS, José Maria. **A Lógica das Emoções na ciência e na vida**. p. 38. Ed. Vozes. Petrópolis, 2004

¹⁹⁷ DAMÁSIO, António. **Em Busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos**. Companhia das Letras, São Paulo. 2004 p. 105

¹⁹⁸ Ibid.: 2004. p. 132

ser alterada pela morfina, pela aspirina, mas também pelo “álcool ou o ecstasy, os anestésicos, bem como a meditação, o desespero, a esperança.”¹⁹⁹

Em termos espinosianos, os estados de mágoa e de tristeza identificam uma transição do organismo para um estado de menor perfeição. O que, conseqüentemente, irá reduzir a potência de existir. Separada do seu *conatus*, se distancia da sua tendência natural por preservação. O poder e a liberdade de agir são reduzidos. Esses estados preditos por Espinosa configuram certamente aqueles aos quais são acometidas as pessoas que se encontram na depressão.

Sabemos que uma das grandes consequência desses estados depressivos é o suicídio. Espinosa não considera que possa existir na natureza humana algo que o faça tender a se autodestruir. Nestes estados, o que acontece é que forças muito poderosas estão atuando. Poderosas porque são externas e contrárias a toda potência do *conatus*. Aqueles que se suicidam, afirma ele, “tem o ânimo impotente e estão inteiramente dominados por causas exteriores e contrárias à sua natureza”²⁰⁰

E ainda que²⁰¹ “o homem, entretanto, se esforce pela necessidade de sua natureza, a não existir ou a adquirir outra forma, é algo tão impossível quanto fazer que alguma coisa se faça do nada.” No seu entender o suicídio só é possível por uma causa exterior. Alguém que é obrigado a se matar, por exemplo. O filósofo cita alguns outros exemplos, com o de Sêneca obrigado por um tirano a abrir as próprias veias, ou mesmo alguém, coagido por outro, que lhe torce a mão direita, a qual, por acaso, segurava uma espada, obrigando-o a dirigi-la contra o próprio corpo. De alguma forma ele prevê esses estados mórbidos à que são acometidos os deprimidos, e mesmo os “perturbados” por psicopatologias hoje diagnosticadas.

Assim, ele completa: “porque causas exteriores ocultas dispõem sua imaginação e afetam seu corpo de tal maneira que este assume uma segunda natureza, contrária à primeira, natureza (de se preservar) cuja ideia não pode existir na mente”.²⁰² Portanto, isoladamente, a tristeza não desencadeia uma espiral de doença, embora as ocasiões de tristeza provoquem um retraimento natural do organismo.

O mesmo ocorre com o medo, que em si mesmo é bom, afinal é um dispositivo natural de proteção. O medo nos ajuda a prever perigos imediatos e ao

¹⁹⁹ Ibid.: 2004. p. 135

²⁰⁰ ÉTICA. Parte IV Proposição XVIII. Escólio.

²⁰¹ Ibid.: Proposição 20 e Escólio.

²⁰² Id.: Escólio.

mesmo tempo nos afastarmos deles. Entretanto quando evoluem para um estado de fobia, ou mesmo resulta de uma avaliação incorreta de uma realidade, pode trazer prejuízos. Com uma justificativa correta, o medo traz a garantia para a vida.

Ledoux²⁰³ fala de um “Sistema do medo”, cujo papel fundamental é jogar ao nosso favor na tentativa de nos manter vivos, detectando perigos e produzindo respostas de defesa. Comentando sobre o que ele chamou de *“Medo Difuso”* encontramos uma atualização das condições que favorecem esse sentimento, pois se nas savanas a nossa chance de sermos almoço ou jantar de alguma fera era muito grande, hoje, nas savanas pós-modernas não é muito diferente. Convivemos constantemente com o perigo. As feras, diz ele, se não são tão sanguinárias, mesmo assim representam novas formas de perigo. *“Automóveis, aviões, armas e energia nuclear colocam-nos um passo adiante na evolução, mas cada um deles é uma fonte potencial de males”*.

Quanto à raiva, ela precisa ter descarregada a sua energia para que o sujeito possa aliviar-se. Quanto à tristeza é necessário que se tenha uma atenção maior quanto ao seu período de duração. Embora ela seja um auxiliar eficaz na elaboração de nossas perdas, é importante que ela permaneça conosco por um período breve.

Martins²⁰⁴, considera que o propósito da tristeza é “ajudar-nos a deixar ir o que já perdemos, o que já acabou e abrir espaço para novo crescimento, novas pessoas, novas coisas.” E lembra Diadorim de Guimarães Rosa que diz: “Sofre, sofre depressa que é para as alegrias novas poderem vir logo”.

Mais do que nunca, estamos de acordo que os sentimentos refletem o estado da vida dentro do organismo. Diríamos mais ainda que eles também refletem o estado da vida de um grupo de seres humanos. Assim, se eles devem ser “ouvidos” para o planejamento e conservação da vida privada, também o merecem quando se trata de fatores que implicam a vida de todos. Devem ser escutados no planejamento da vida social, na implantação das leis, da justiça. Enfim, de toda a organização sociopolítica, no sentido da implantação de uma política pública que

²⁰³ “A rigor o sistema não é resultante da experiência do medo, mas detecta o perigo e produz respostas que ampliam ao máximo a probabilidade de sobrevivência a uma situação perigosa, de maneira mais favorável. Em outras palavras, trata-se de um sistema de comportamento defensivo”. Cf. LEDOUX, Joseph. **O Cérebro Emocional** – Os Misteriosos Alicerces da Vida Emocional. 2ª. ed. p. 117. Editora Objetiva. Rio de Janeiro, 1998.

²⁰⁴ MARTINS, José Maria. **A Lógica das Emoções na ciência e na vida**. p. 53. Ed. Vozes. Petrópolis, 2004

favorecesse as relações sociais, criando ambientes físicos e culturais com vistas à diminuição da dor e a promoção do bem-estar.

Isso tudo não poderia ser feito, naturalmente, sem levar em conta os avanços da biologia e das ciências médicas que podem, juntas, melhorar a condição humana. É a mobilização de todas as forças sociais em prol da melhoria das condições de saúde mental de toda a população. Um espaço significativo de expressão de competências, da arte, da criatividade, onde as emoções pudessem encontrar um canal desaguadouro.

Espinosa²⁰⁵, cuja filosofia carrega um forte desejo social, considera que quanto mais condições se dão às pessoas de encontrar fonte de alegria, maior será o contentamento dos mesmos. “O desejo que surge da alegria, afirma ele, é estimulado ou aumentado pelo próprio afeto de alegria”²⁰⁶. Esse desejo da alegria é sempre o mais forte no homem, ao qual ele aspira. Em Espinosa, a razão exige isso de nós, o que não é contra a natureza: “ela exige que cada qual ame a si próprio, que busque o que seja útil, que deseje tudo aquilo que conduz a uma maior perfeição”. Qual é, então, o fundamento da virtude em Espinosa?²⁰⁷

O fundamento da virtude é esse esforço por conservar o próprio ser e que a felicidade consiste em o homem poder conservá-lo. Que a virtude deve ser apetecida por si mesma, não existindo nenhuma outra coisa que lhe seja preferível ou que nos seja mais útil e por cuja causa ela deveria ser apetecida. [...] Portanto, nada é mais útil ao homem do que o próprio homem. [...] Disso segue-se que os homens que se regem pela razão, isto é, os homens que buscam, sob a condução da razão, o que lhes é útil, nada apetecem para si que não desejem também para os outros e são, por isso, justos, confiáveis e leais.

Ainda na *Ética* encontramos uma espécie de “pedra fundamental” de um sistema ético, que prescreve a união e a concordância entre todos como meio de fortalecimento mútuo. “Se dois indivíduos de natureza igual se juntam, eles compõem um indivíduo duas vezes mais potente do que cada um deles considerados separadamente.”²⁰⁸

Ao contrário de uma ênfase a um egoísmo, característica principal da cultura do nosso tempo, “líquida”, como bem coloca Bauman²⁰⁹, Espinosa pressupõe a

²⁰⁵ ÉTICA. Parte IV. Proposição XVIII.

²⁰⁶ Id.: Demonstração

²⁰⁷ Id.: Escólio

²⁰⁸ ÉTICA. Parte IV. Proposição XVIII. Demonstração. Escólio

²⁰⁹ BAUMAN fala que essa vida líquida é uma vida precária, provisória, em condições de incerteza constante, como segue: “a vida na sociedade líquido-moderna é uma versão perniciosa da dança das

implicação total do outro na construção e manutenção de um “estado forte e democrático”. Ainda o escólio da proposição XVIII, da Parte IV da *Ética* afirma:

Quero com isso dizer que os homens não podem aspirar nada que seja mais vantajoso para conservar o seu ser do que estarem, todos, em concordância em tudo, de maneira que as mentes e os corpos de todos componham como que uma só mente e um só corpo, e que todos, em conjunto, se esforcem, tanto quanto possam, por conservar o seu ser, e que busquem juntos, o que é de utilidade comum para todos.

Em Espinosa, uma preocupação consigo mesmo acaba tornando-se base de virtude que extrapola para o encontro com o outro. Potencializamo-nos através de bons encontros com os demais. Espinosa faz uma transferência de um “self pessoal” para todos os outros “selfs”. De uma constatação biológica de autopreservação plasma a mais fina das virtudes – o “*desejo*” ou “*conatus*” que se transforma no encontro com o outro de mesma substância.

A essência de nossa existência é lutarmos pela nossa preservação. Essa é a essência de todos os outros organismos e de tudo quanto há de coisa viva na natureza, como já falamos anteriormente. Assim, não podemos nos manter a nós mesmos prescindindo da ajuda do outro, com o consequente risco de perecermos. Isso violaria todo o princípio fundamental da autopreservação.

A biologia nos empurra ao encontro com os outros no sentido de “existirmos juntos”, fortalecendo ainda mais o nosso “*conatus social*”. O social (o Estado) se transforma num grande corpo, constituído de muitos outros indivíduos, como lembramos Espinosa quanto à organização da natureza. Assim também se transformaria a grande coletividade que, constituída de muitos outros indivíduos, tornar-se-ia um só e o mais potente dos corpos – o “*corpo social*.”²¹⁰

O fundamento primário da virtude é a “tendência à autopreservação”. E o fundamento secundário é a interdependência que deve ser estabelecida entre todos os seres vivos, constituindo a realidade de uma estrutura social. Não se escapa dessa interdependência, na qual, em Espinosa, encontra a essência no princípio biológico de autorpreservação. De novo, falamos de um sistema ético, cujos

cadeiras, jogada para valer. O verdadeiro prêmio nessa competição é a garantia (temporária) de ser excluído das fileiras dos destruídos e evitar ser jogado no lixo”. (Cf. BAUMAN, Zygmunt. **Vida Líquida**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Ed. Zahar. Rio de Janeiro, 2007 p.10.)

²¹⁰ “E se continuarmos assim, até o infinito, conceberemos facilmente que a natureza inteira é um só indivíduo, cujas partes, isto é, todos os corpos, variam de infinitas maneiras, sem qualquer mudança do indivíduo inteiro.” (Cf. ÉTICA. Parte II. Proposição 13. Lema 7. Escólio)

fundamentos são biológicos, baseados na natureza humana, para muito além do sentido religioso e profético. Esse é o ser humano, vivo, equipado com apetites, emoções, com tendência natural a se manter, capaz de conhecer e raciocinar.

Não queremos sugerir que Espinosa alguma vez tenha dito que a ética, as leis e a organização política eram dispositivos homeostáticos. Mas a ideia de que o são é compatível com o sistema espinosano dada a forma como ele encarava a ética, a estrutura do Estado e as leis, principalmente em um Estado democrático, como meios para que os indivíduos atingissem o equilíbrio natural que se exprime na alegria.

Até aqui propusemos um diálogo entre a neurociência, via Damásio, com o sistema filosófico de Espinosa, principalmente de sua *Ética*, cuja proposta principal é nos levar a uma capacidade do bom governo dos afetos. Neste ponto de nosso trabalho, nos perguntamos: Que benefícios para a vida moderna trazem o conhecimento de todos esses mecanismos das emoções e sentimentos? Hoje, mais do que nunca, sabemos que as emoções e sentimentos são parte constituinte daquilo que nós somos. Martins diz que:²¹¹ “Não podemos escapar ao oceano dos sentimentos e emoções com nenhuma astúcia racional, mas podemos compreendê-los e torná-los nossos aliados na viagem da vida”.

A nossa pergunta é sobre a relevância do conhecimento da maquinaria fisiológica das emoções e sentimentos, para a saúde física e mental. Conhecer o funcionamento das emoções e sentimentos traz alguma vantagem para a nossa vida, tanto a nossa vida pessoal como social?

Damásio²¹² acredita que faz sentido ligar essa questão a Espinosa uma vez que a influência da biologia moderna na concepção da natureza humana emergente tem muito a ver com as ideias de Espinosa.

Espinosa recomenda duas coisas que facilitariam bastante viver uma vida bem vivida: um sistema de comportamento ético e um estado democrático, como já mencionamos anteriormente. Não que esse sistema por si só garantisse o que Espinosa pensa ser a essência da vida, ou a forma mais elevada de contentamento.

²¹¹ MARTINS, José Maria. **A Lógica das Emoções na ciência e na vida**. p. 9. Ed. Vozes. Petrópolis, 2004

²¹² DAMÁSIO, António. **Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos**. p. 280. Ed. Companhia das Letras. São Paulo, 2004

Esse contexto favoreceria ao indivíduo atingir ao máximo as suas potencialidades, por permitir a esse mesmo indivíduo realizar as suas potencialidades livremente.

A liberdade para Espinosa é a salvação humana, a beatitude. Está diretamente ligada ao *conatus*, que é o desejo por atingir o máximo de suas potencialidades. É graças a essa predisposição à superação que a humanidade tem buscado cada vez mais o desenvolvimento.

A característica de superação é um traço marcante da nossa mente. Todo indivíduo quer se superar, todo grupo também. Toda a nação e a humanidade, como espécie quer atingir cada vez mais aquilo que a faz genuinamente humana. A autossuperação é um traço profundo da mente humana.

Nas palavras de Damásio²¹³ (2004, p. 281):

Essa necessidade articulada com nitidez ou de forma confusa, pouco importa, consiste num anseio de conhecer uma origem e um destino, de onde vimos e para onde vamos, de esclarecer a finalidade que a nossa vida pode ter para além da existência imediata.

O cérebro humano tem uma vantagem muito grande sobre todo e qualquer outro cérebro dentro do planeta. O desenvolvimento cerebral, o longo caminho evolutivo pelo qual passou, desde os mecanismos mais rudimentares até os mais complexos de hoje, fez dele uma máquina poderosa, projetada para buscar sempre o bem estar do indivíduo.

Como bem afirma Lima²¹⁴, “evolutivamente falando, este anseio, como traço da mente humana, encontra-se circunscrito no cérebro e no genoma. Este traço pode se verificar no contínuo desejo que permeia o coração humano em construir explicações para situações que surgem nesse universo diversificado.” Diante de qualquer sofrimento que desestabiliza a dinâmica homeostática do indivíduo, poderosos recursos são colocados em ação de modo a recuperar o equilíbrio. Os processos de perdas são os que mais desestabilizam essa dinâmica homeostática, dentre eles, e o principal gerador de angústia, é a possibilidade da morte; a nossa

²¹³ Ibid.: 2004. p. 281.

²¹⁴ LIMA, Orion Ferreira. **Uma Discussão do Problema Mente-Corpo em Descartes e Espinosa, a partir da Neurofilosofia de António Damásio**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista. Orientador: Prof. Dr. Alfredo Pereira Junior. Marília. Julho, 2007. p 109

própria morte, mas também a morte daquelas pessoas que amamos e queremos bem.

Sentimentos fortes como o da empatia, a solidariedade que se observa diante das grandes tragédias humanas, se desenvolveram ao longo da evolução como estratégia de aproximação emocional dos outros. Tudo isso é possível graças a esse sentimento genuíno, cujo mecanismo principal é a capacidade de se colocar emocionalmente no lugar do outro de modo a “sentir” o que ele sentiria vivendo aquela situação. Essas construções empáticas favorecem também as situações de pesar. Porque nos aproximamos, também sofremos quando nos afastamos. Outros dois mecanismos implicados nesses processos de empatia, simpatia, dor e prazer são a consciência e a memória, que em nós, seres humanos, são bastante sofisticados.

A consciência é a presença da mente com um “self”, um senso de si. Ele é enriquecido pelas recordações das nossas experiências, graças a ajuda da memória – aqui a memória autobiográfica. Cada nova experiência, graças à consciência, é enriquecida pelas experiências passadas, como também podemos projetar para o futuro, imaginando uma situação de mais alegria e também de mais tristeza. As nossas angústias e os nossos sofrimentos são uma consequência de termos consciência e memória, sem as quais eles não existiriam.

Em entrevista recente a uma revista de grande circulação nacional, Damásio, perguntado sobre o que nos diferenciava dos animais, referindo-se à memória, disse que o fator que mais nos distingue é justamente esta capacidade de ter uma autobiografia. Cada um de nós, dizia ele, sabe qual é a nossa história (lugar e data de nascimento, nossos pais, amigos, preferências, experiências, etc.), enfim, cada um sabe o que fez na vida. Um chimpanzé ou um cão, mesmo que tenha memória, a tem de forma limitada, prescindindo dos detalhes e abrangência característica da memória humana ampliada pela linguagem, uma exclusividade humana.²¹⁵

A consciência e a memória nos permitem galgar posições cada vez maiores, somar conhecimento, elaborar planos de superação, termos a noção do quanto caminhamos e do quanto nos espera ainda. Qualquer projeto que pretenda ajudar o ser humano, precisa ajudar esse ser humano a resistir a angústia do sofrimento e da

²¹⁵ REVISTA VEJA. Veja.com. Edição 2147 / 13 de janeiro de 2010. “**A conquista da Memória**”. Diogo Schelp. <http://veja.abril.com.br/130110/conquista-memoria-p-078.shtml>, acessado em 15 de junho de 2010.

morte, enquanto também deve engendrar meios para que ele possa substituir mecanismos de tristeza por processos de alegria.

É o que faz Espinosa com a sua própria história. Ele viveu o próprio sistema que criou. Assim, ele rejeita a proposta de salvação de sua comunidade religiosa, questiona os alicerces do judaísmo, como já era de se esperar, enfrenta severas críticas por isso, o que até o impediu de publicar, como vimos, boa parte de suas obras em vida.

A sua obra apresenta um projeto de felicidade, baseado na liberdade de pensamento e na liberdade de expressão. O ser humano é livre para empreender o maior número de encontros que desejar e de rejeitar encontros que lhe sejam prejudiciais. É preciso conceder ao indivíduo a liberdade para que ele possa atingir o máximo de sua potência de existir.

A solução de Espinosa não passa por uma compreensão da vida como etapa de sofrimento onde se vive as mazelas existenciais com vistas a uma vida plena e feliz em um outro mundo. O transcendente não encontra lugar em Espinosa. O seu projeto é profundamente imanente, cuja salvação – entendida também como beatitude – acontece no contexto das relações interpessoais e na ligação profunda com a natureza.

Chamo livre a um homem na medida em que vive sob a conduta da Razão porque, nesta mesma medida, é determinado a agir por causas que podem ser adequadamente conhecidas unicamente através da sua natureza, ainda que essas causas o determinem necessariamente a agir.²¹⁶

Espinosa deseja ao indivíduo que, com o auxílio do conhecimento e da razão, reflita sobre sua vida, na perspectiva da eternidade e na perspectiva da imortalidade de cada um. O resultado de todo esse exercício mental, será a liberdade, uma liberdade radical, traduzida pela redução da dependência em relação aos objetos que eventualmente nos escraviza. Só o conhecimento das afecções da mente e o exercício sistemático do uso da razão possibilita-nos atingir o equilíbrio necessário para vivermos felizes, para atingirmos a beatitude, da qual fala o filósofo. Trata-se de um esforço para alcançar ideias adequadas e, como já dissemos, na base desse esforço, desse “exercício mental” está o uso da própria razão e não o medo de ser condenado por alguma divindade. Com efeito, Espinosa nos diz que: “quem vive sob

²¹⁶ ESPINOSA, Baruh. **Tratado Político. Capítulo II**, pg. 318– Coleção “Os Pensadores – Nº. XVII”, 1ª. ed. Abril Cultural. São Paulo, 1973

a condução da razão se esforça o quanto pode para retribuir com amor ou generosidade, o ódio, a ira, o desprezo, etc. de um outro para com você.” E ainda que:²¹⁷

Todas as afecções do ódio são más; e, por conseguinte aquele que vive sob a direção da razão esforçar-se-á, quanto puder, por conseguir não ser dominado pelas afecções do ódio e, conseqüentemente, esforçar-se-á também para que outrem não sofra as mesmas afecções. Mas o ódio é aumentado pelo ódio recíproco, e, ao contrário, pode ser extinto pelos anos de tal maneira que o ódio se converta em amor. Logo, aquele que vive sob a direção da razão esforçar-se-á por compensar o ódio, etc., de outrem pelo amor, isto é, pela generosidade.

Para isso, e agora seguindo o comentário de Damásio²¹⁸, é necessário que o indivíduo construa uma ruptura entre o que chama de “*estímulo-emocionalmente-competente*” que são os desencadeantes das emoções negativas – quais sejam, as paixões causadas pelo medo, pela raiva, pelo ciúme ou pela tristeza – e os mecanismos da execução da emoção. O indivíduo deve remover os “*estímulos-emocionalmente-competentes*” e substituí-los por outros “*estímulos-emocionalmente-competentes*” capazes de desencadear emoções positivas.

Há uma recomendação de Espinosa para que façamos um ensaio mental dos estímulos negativos, gerando assim uma tolerância frente a essas emoções, criando uma disponibilidade para as emoções positivas. “Um afeto que é uma paixão deixa de ser uma paixão assim que formamos dele uma ideia clara e distinta.”²¹⁹

Elevamos para o âmbito racional aquilo que estava outrora só no âmbito emocional e, portanto, confuso. Uma vez que temos consciência desse afeto ele deixará de ser apenas um afeto, pois está em nosso poder, o poder da razão, de modo que a mente padecerá menos quanto maior for o conhecimento que tivermos de nossos afetos.²²⁰

Um outro resultado preconizado por Espinosa, seria a possibilidade de intuir as essências da condição humana, ou seja, a união que ele tem com Deus ou natureza. Essa intuição genuína produzirá no indivíduo um sentimento de

²¹⁷ ÉTICA. Parte IV. Proposição XLVI. Demonstração.

²¹⁸ De acordo com Damásio, Espinosa “recomenda o ensaio mental dos estímulos negativos de forma a construir uma tolerância para as emoções negativas e criar, gradualmente, uma maior disponibilidade para as emoções positivas. Há aqui algo que se pode descrever como uma imunologia mental, o desenvolvimento de uma vacina capaz de criar anticorpos contra a paixão.” (Cf. DAMÁSIO, António. **Em Busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos**. Companhia das Letras, São Paulo, 2004, p. 287.)

²¹⁹ ÉTICA. Parte V Proposição 3.

²²⁰ Id.: Demonstração e Corolário

serenidade, gerando com isso o prazer, a alegria, o deleite. Há aqui uma espécie de glória, de *beatitude*. Esse sentimento “intelectual” é sinônimo de uma forma de amar a Deus de modo intelectual – é o *amor intellectualis Dei*.²²¹

Espinosa consegue colocar razão e afeto no mesmo plano de uma forma moderna. A estratégia para se chegar à intuição da liberdade e da beatitude exige o conhecimento e a razão.

Nas proposições finais de sua *Ética* o filósofo afirma que a nossa mente à medida que compreende, se amplia cada vez mais, de modo que se aproxima do modo infinito e eterno do pensamento divino. A felicidade é então a consequência do conhecimento da união que temos com Deus, do qual nossa mente é um modo de expressão. É essa união que nos dá o contentamento necessário para abandonarmos qualquer outro tipo de bem.²²²

É justamente porque a mente participa desse amor divino, dessa beatitude, que tem a capacidade de refrear os apetites lúbricos. Por fim, a potência humana para refrear os afetos consiste exclusivamente no intelecto, o uso consciente da razão. O desfrute da beatitude não se consegue por refrear os afetos, mas justamente ao contrário, o poder de refrear esses afetos é que vem da beatitude.²²³

Quanto mais a mente desfrutar do amor divino, ou dessa liberdade, tanto mais compreende essa dinâmica de viver não segundo os princípios da servidão, mas da própria felicidade. Quanto mais a mente compreende isso, tanto maior será o seu poder sobre os afetos, ao mesmo tempo em que menos padecerá dos afetos que são maus. Assim ele faz um elogio ao homem sábio em detrimento do ignorante:

Torna-se com isso evidente o quanto vale o sábio e o quanto é superior ao ignorante, que se deixa levar apenas pelo apetite lúbrico. Pois o ignorante, além de ser agitado, de muitas maneiras, pelas causas exteriores, e de nunca gozar da verdadeira satisfação de animo, vive, ainda, quase inconsciente de si mesmo, de Deus e das coisas, e tão logo deixa de padecer, deixa também de ser.²²⁴

O sábio dificilmente terá o ânimo perturbado, pois, consciente de si, de Deus e das coisas, nunca deixa de ser, pelo contrário, desfruta sempre de uma verdadeira satisfação de ânimo. O caminho que conduz a tudo isso pode ser árduo, alerta

²²¹ Id.: Proposição 32. Demonstração

²²² Id.: Proposição 40. Escólio.

²²³ Id.: Proposição 42. Demonstração

²²⁴ ÉTICA. Parte V. Proposição 42. Escólio

Espinosa, mas é possível de ser encontrado. É por isso mesmo que não devemos nos espantar que tamanha coisa seja árdua, pois que só raramente é encontrada. Se fosse tão fácil de encontrar, completa o filósofo, como explicar o fato de que ela é negligenciada por quase todos. O que é precioso é também difícil e raro.

É impressionante essa contemplação espinosana. Esse entusiasmo com a natureza, com todo o seu funcionamento, desde o mais simples organismo vivo até à contemplação das maiores forças da natureza que mantém equilibrada todos os movimentos dos cosmos.

Beleza, paz, harmonia, bem-estar são todos sentimentos que acompanham essas experiências cósmicas. Experiências que nutrem o ser humano e têm a ver com uma vida equilibrada e bem intencionada, tem a ver também com uma vida vivida em perfeição.

O progresso científico deve, então, ajudar-nos a melhorar as condições de vida das pessoas. Não se trata em neurologizar ou biologizar todas as experiências humanas nem reduzir tudo a um centro cerebral. Esse seria um radicalismo sem necessidade.

Martins²²⁵ pensa que “reduzir o humano ao biológico é tão inadequado epistemologicamente quanto o é deixar de incluir a dimensão biológica em qualquer tentativa de compreensão ampla.”

A vida moderna muito agitada, os transtornos cotidianos e os acontecimentos frequentes de situações de violência, muitas vezes deixam os nossos contextos impróprios para essas experiências cósmicas. Porém, o contato com a natureza, as descobertas científicas e as produções artísticas num contexto apropriado são fortes geradores de estímulos que evocam o espiritual.

Facilmente podemos entrar em contato com a beleza da música de Bach, Mozart, Schubert e tantos outros. Podemos, como deseja Espinosa, criar emoções positivas que sejam mais fortes que as emoções negativas. Temos à nossa disposição todos esses elementos geradores desses estímulos positivos.

Assim, em Espinosa, os sentimentos completam sempre um ciclo. É na vida ativa que eles começam, mas terminam na fonte da própria vida. A saga humana é, pelos sentimentos, pelo exercício da racionalidade tomar consciência cada vez mais

²²⁵ MARTINS, José Maria. **A Lógica das Emoções na ciência e na vida**. Capítulo 2 pg. 51 e 57. Ed. Vozes. Petrópolis, 2004

da sua unidade com Deus-natureza. Esse movimento é feito através do controle das emoções, de modo que elas possam ser sempre acontecimentos que aumentam o nosso desejo de existir. Espinosa propõe que quanto maior for o número de pessoas que compreendem essas coisas, melhor a humanidade caminhará rumo ao seu verdadeiro sentido. Como um indivíduo único, a humanidade se aproximaria cada vez mais de sua essência: a coexistência com Deus-natureza. .

*** *** *** *** ***

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos no decorrer do nosso trabalho, a valorização do corpo é o fundamento da ideia da consciência como sentimento. Talvez aqui tenha um ponto de encontro entre o pensamento de Espinosa e o de Damásio, no sentido de que há uma capacidade do organismo em mapear os objetos com os quais interage. Esse mapeamento não é só dos objetos externos, senão que o próprio organismo, enquanto interage com os objetos, é mapeado também pelo cérebro.

Essa mesma ideia da consciência como sentimento, na proposta de Damásio, nos ajuda a responder como é possível aquele que possui o “filme-no-cérebro” emergir dentro do próprio filme. Apesar disso, não sabemos ainda como que esse filme é gerado? Damásio não conseguiu responder satisfatoriamente como isso se dá. Ele credits essa dificuldade à necessidade que a neurociência tem de avançar um pouco mais. São as fronteiras que a neurobiologia ainda não conseguiu ultrapassar.

Em Damásio vimos também que há a construção de um mapa neural do corpo e que a mente, muito próximo do que atesta Espinosa, seria a ideia das afecções do corpo – mapeado. Damásio mesmo afirmou que um sentimento seria uma ideia do corpo.

Por outro lado temos também a sua hipótese da existência dos marcadores somáticos, constituídos por um sistema automático de regulação, uma espécie de sinal de alerta, que é ativado todas as vezes que o organismo enfrenta situações cuja experiência passada foi ligada a sensações negativas. Esse mecanismo é ativado principalmente diante de situações onde há a necessidade de uma tomada de decisão. O marcador somático nos alerta a respeito dos perigos que corremos.

Pensamos que é bem possível fazer uma ligação desses processos, tanto do mapeamento neural, como dos marcadores somáticos, com as percepções de Espinosa. Há uma ligação possível dos mapeamentos neurais com os processos das afecções do corpo.

Como vimos, a mente em Espinosa é o resultado das afecções do corpo. Essas afecções vão gerando ideias no corpo, e essas ideias, geram ideias das ideias até o infinito. Os mapas neurais, por sua vez, vão sendo formados à partir das experiências que o organismo vai tendo à partir dos diversos “encontros” com o

mundo externo. Portanto esta capacidade da mente formar ideias das afecções no corpo coaduna com a noção atual dos mapas neurais de Damásio.

Espinosa também afirma que o corpo pode sentir como presente um objeto, mesmo que a sua presença não seja real, mas sim a ideia do objeto de quando o corpo foi afetado. Ao encontro disso, Damásio concebe que os sentimentos, em última análise, é o resultado de uma configuração do corpo, um estado do corpo mapeado.

Por outro lado, ligaríamos os marcadores somáticos ao *conatus* de Espinosa. Como vimos, a lei do *conatus* rege que: “*Cada coisa esforça, tanto quanto está em si, por preservar em seu ser*”.²²⁶ e que a sua potência é aumentada pelas afecções positivas e diminuída pelas negativas. Essa potência para existir o quanto está em si é princípio essencial em qualquer organismo vivo que luta pela sobrevivência. Os marcadores somáticos estão, a rigor, a serviço da preservação do corpo, no sentido que opera para livrar-nos dos perigos aos quais somos submetidos constantemente.

Feito essas ligações, nos voltamos para o projeto de Espinosa e compreendemos que ele na verdade nos propõe uma “ética do conhecimento”, que é bem distinta de uma “moral de obediência”, da servidão. Já que não há outra maneira de atingir o conhecimento, a não ser pelas afecções, é preciso então conhecer as afecções pelas quais o corpo passa. É da essência mesma do corpo afetar e ser afetado, e o quanto mais afetado ele for, melhor, pois aumenta a sua potência de existir. O conhecimento das afecções nos prepara para termos mais e melhores afecções. Essa capacidade reflexiva vai como que “reformatando” a estrutura do corpo pelo exercício sistemático da razão, o que nos ajuda a direcionar, de modo mais “saudável”, novos encontros, e que esses novos encontros sejam sempre bons encontros, de modo que, ao sermos afetado por eles possamos ser felizes. Essa capacidade reflexiva de se debruçar sobre o *conatus* é o desejo que é uma afirmação da potência. O desejo por existir ao máximo de sua potencialidade.

Daí que quanto mais encontros com coisas semelhantes a nós, mais a potência de existir será aumentada. Ao passo que se nos expusermos a coisas contrárias a nós, como um veneno, animais predadores, alimentos contaminados, drogas lícitas ou ilícitas, automedicação, ambientes insalubres e todo o tipo de

²²⁶ ÉTICA. Parte III. Proposição 6.

enfermidade, bem como todas as situações estressoras, teremos a nossa potência para existir diminuída, além de que a nossa própria sobrevivência estará em perigo.

É por isso que o quanto mais desenvolvemos a nossa razão mais nos damos conta da servidão. Conhecendo a servidão à qual estamos submetidos, podemos combatê-las. Combater as imagens com suas próprias armas, substituindo-as, como pede Espinosa. Só uma razão sustentada por uma experiência anterior, as experiências das afecções, e porque não dizer, dos maus encontros, pode nos projetar mais no caminho da felicidade.

O *conatus* pode receber modificações determinadas por potências externas, como já dissemos anteriormente, tendo aumentada ou diminuída a sua potência de existir. A saúde mental neste sentido será o exercício constante do aumento do próprio *conatus*, de sua força, que se resume em procurar viver uma vida saudável, afastando das afecções negativas.

Como superar as “paixões” que nos escraviza? Depende do jogo afetivo. Só uma mudança na qualidade dos afetos nos ajudaria a viver. Saúde tem a ver com uma maior integridade, é preciso emancipar o sujeito para que ele seja potencializado a buscar cada vez mais o que lhe é útil. Saúde mental tem a ver também com equilíbrio. Quanto maior o grau de autonomia do indivíduo, maior equilíbrio e mais longe da servidão das paixões estará.

Espinosa²²⁷ nos ensina esse exercício sistemático da razão e nos diz que “Durante o tempo em que não estamos tomados por afetos que são contrários à nossa natureza, nós temos o poder de ordenar e concatenar as afecções do corpo segundo a ordem própria do intelecto.”

Assim, ele nos aconselha que enquanto não tivermos um conhecimento perfeito de nossos afetos, precisamos conceber um “princípio correto de viver”, regras de vida, confiando-as à memória e aplicá-las constantemente aos casos particulares. De modo mais coloquial diríamos que precisamos ter uma “filosofia de vida.”

Ele nos oferece um exemplo quanto ao ódio. Há uma regra de vida de que não se deve combater o ódio com ódio, mas com o amor e a generosidade. A maneira com que fazemos esses preceitos estar sempre na nossa mente é

²²⁷ ÉTICA. Parte V. Proposição X. Demonstração. Escólio.

justamente refletindo sobre todas as ofensas que sofreremos no dia-a-dia (afecções), bem como de como elas podem ser rebatidas, no caso, através da generosidade.

Espinosa diz que procedendo assim ligamos a imagem da ofensa à imaginação dessa regra da generosidade, de modo que ela estará sempre à nossa disposição quando formos ofendidos. Para isso, naturalmente, é preciso estar convencido do bem que se segue da amizade mútua e da sociedade comum, ou seja, de que o bem vale à pena, de que o quanto melhor convivemos com os outros melhor teremos nossa potência a existir aumentada.

É preciso estar consciente também de que a “suprema satisfação de ânimo” é a consequência de um princípio correto de viver. O ódio que costuma dela provir ocupará uma parte mínima da imaginação e será facilmente superada. Assim também deverá funcionar com os outros afetos. Do mesmo modo, completa Espinosa, “para acabar com o medo é preciso pensar com firmeza, enumerar e pensar com frequência, os perigos da vida e a melhor maneira de evitá-los e superá-los por meio da coragem e da fortaleza.” ²²⁸

Poderíamos então falar de uma clínica em Espinosa? Se pudséssemos, diríamos que essa clínica se aproximaria do indivíduo com vistas a entender como ele vive os seus encontros, de modo que num processo sistemático pudesse ser ajudado a abandonar a ignorância e a servidão.

Já que a essência do corpo humano define-se, em Espinosa, por sua aptidão a ser afetado e afetar, uma clínica que almeja cuidar da subjetividade dos indivíduos cuidaria dos jogos dos afetos, dos “encontros” dos corpos, afinal a *Ética* de Espinosa é uma exaltação aos encontros.

Sévérac²²⁹ lembra-nos de um paradoxo, quando assinala que em Espinosa o puro conhecimento racional se apresenta como impotente diante de algumas “paixões”, mas, por outro lado, e aí está o paradoxo, é esse mesmo conhecimento racional que pode produzir uma afetividade, agora não mais passional, mas racional, capaz de uma resistência aos piores afetos, e não só capaz de resistir, senão até de destruí-los.

²²⁸ Idem. Escólio.

²²⁹ SÉVÉRAC, Pascal. **Conhecimento e Afetividade em Espinosa**. Apud. MARTINS, André (Org.) *O Mais Potente dos Afetos: Espinoza e Nietzsche*. 1ª. ed. Martins Fontes. São Paulo, 2009. p.31-34

Nesse sentido, completa ele:

O simples conhecimento racional é impotente para nos fazer desejar outras coisas que não àquilo que um conhecimento imaginativo nos apresenta como prazeroso. Em compensação, é possível trabalhar para o futuro, exercitando-nos em imaginar os meios de lutar, de não “ceder à tentação” que será sempre grande. [...] É possível fazer um uso inteiramente prático do pensamento de Espinosa, compreendendo pouco a pouco nossa própria afetividade, ou seja, apreendendo, fundamentalmente, quais são as relações entre conhecimento e afetividade.

É o processo de irmos tomando consciência do nosso corpo, a consciência de si, e de que quando eu toco alguma coisa, também sou tocado por ela. Portanto, o conhecimento dá-nos a capacidade de direcionar nossos encontros.

Naturalmente que todo esse conhecimento de que falamos não se trata apenas de um conhecimento do funcionamento neurofisiológico das emoções, pois esse traria para nós apenas informações dos processos que desencadeiam as emoções, não necessariamente, o controle da mesma. O que é mais palpável e amplamente disseminado na sociedade hoje é o controle das emoções por meio de intervenções medicamentosas.

O homem moderno quer cada vez mais a praticidade das coisas, o que significa rapidez e eficácia. Porém, nem sempre esses dois aspectos se juntam quando se trata de saúde física e psíquica. É certo também que medicar muitas vezes é preciso, por causa de alguns estados que se tornaram crônicos.

Damásio atesta também isso e crê que a compreensão da biologia dos sentimentos poderá trazer resultados práticos para a sociedade, como já temos visto, principalmente, com o avanço da farmacologia, onde encontramos cada vez mais medicamentos eficazes e com efeitos colaterais menores.

Emoções e sentimentos fazem parte da vida humana e devem ser levados em conta quando se pretende fazer intervenções para melhorar a vida das pessoas.

Acreditamos que é bem possível o estabelecimento de “programas sociais” capazes de gerar saúde mental. Iniciativas multidisciplinares podem colaborar muito com a diminuição da dor, aquela dor para a qual nem sempre os analgésicos servem. A dor emocional, a dor dos maus encontros que ocorrem todos os dias em nossa sociedade, a dor existencial.

Reconhecemos que a alegria leva a uma perfeição funcional. Diante de situações prazerosas nosso sistema biológico funciona muito melhor e equilibrado,

promovendo um restabelecimento do estado homeostático. Já, com as situações estressoras, eleva-se a nossa ansiedade a níveis bem altos, dificultando o raciocínio e as tomadas de decisões, desequilibrando a vida. Relembremos aqui aquele ciclo de Martins²³⁰ “as emoções desagradáveis somam sua desagradabilidade ao que existe de desagradável na situação que as causou e a raiva, o medo e a tristeza pioram o que já está ruim.”

Daí que um programa de intervenções psicológicas e culturais, em conjunto com atividades físicas e mentais prazerosas, poderia provocar uma revolução em termos de saúde física e mental nas pessoas. Somente a título de curiosidade, sabemos que pequenas iniciativas como a dos Médicos da Alegria; Palhaços sem fronteiras; Contadores de Histórias, e outros, que atuam principalmente nas unidades de saúde hospitalar, são bons exemplos de que, possibilitar às pessoas encontros alegres favorece-lhes enormemente a saúde física, psíquica e social. Esse é um modelo também palpável.

A educação das emoções tem justamente a finalidade de gerar em nós predisposições internas para sairmos do seu automatismo, adquirindo uma capacidade reflexiva, que nos possibilitará, através de uma avaliação do que nos ocorre, dosar melhor as nossas respostas emocionais. Esse é também o grande desejo de Espinosa. Ele nutria a esperança de que um número cada vez maior de pessoas pudesse fazer essa experiência; a de ser cada vez mais consciente e de se unirem numa espécie de cooperação mútua uns com os outros. Nada é mais útil ao homem que o próprio homem, afirma ele.²³¹

Uma filosofia da defesa da vida. Na essência do seu sistema filosófico, os fatos biológicos ganham uma importância. É isso que atesta também a biologia moderna, quando descobre que a tendência a se preservar é a essência mais forte de cada organismo vivo.

Busquemos situações que geram alegria, pois são sempre mais preferíveis que qualquer outro. Procurá-la é o mesmo que engendrar meios eficazes para garantir a boa saúde, garantindo assim também a felicidade.

²³⁰ MARTINS, José Maria. **A Lógica das Emoções na ciência e na vida**. p. 38. Ed. Vozes. Petrópolis, 2004

²³¹ ÉTICA. Parte IV. Proposição XVIII e Escólio: “Nada é mais útil ao homem que o próprio homem. Quero dizer com isso que os homens não podem aspirar nada que seja mais vantajoso para conservar o seu ser do que estarem, todos, em concordância em tudo, de maneira que as mentes e os corpos de todos componham como que uma só mente e um só corpo, e que todos, em conjunto, se esforcem, tanto quanto possam, por conservar o seu ser, e que busquem, juntos, o que é de utilidade comum par todos”.

O conhecimento das afecções da mente e o exercício sistemático do uso da razão possibilita o equilíbrio necessário para vivermos felizes e atingirmos a beatitude desejada por Espinosa.

*** *** ***

BIBLIOGRAFIA

ANÔNIMO, Clandestino do Sec. XVIII – **A Vida E O Espírito De Baruch De Espinosa**. Ed. Martins Editora. São Paulo, 2007

CARTER, Rita – **O Livro de Ouro da Mente**. Ediouro. São Paulo, 2002.

CHAUÍ, Marilena - **Espinosa - Uma Filosofia Da Liberdade**. Ed. Moderna. São Paulo, 2006

_____, Marilena. **A Nervura do Real. Imanência e Liberdade em Espinosa**. Companhia das Letras. Vol. 1. 3ª. reimpressão. São Paulo-SP, 2006.

BÍBLIA SAGRADA. Novo Testamento. **Evangelho de Mateus, Capítulo 11, versículo 7**. Edição Pastoral-Catequética. ed. Ave Maria. 162ª. ed. São Paulo, 2004.

BITTENCOURT, Renato Nunes – Artigo: **Espinosa e os Afetos, como força motriz das relações políticas**. Revista Ciência e Vida Filosofia. Ed. Escala – Ano II. no 25. Filosofia.

RABELO, Carina. Reportagem – **Solte suas Emoções**. Revista ISTO É de 25 de Março de 2009. ano 32 No. 2054. pg. 65 a 69.

DAMÁSIO, António, **“Em Busca de Espinosa – Prazer e dor na ciência dos Sentimentos”** – Companhia das Letras São Paulo – SP 2004.

_____, António, **“O mistério da Consciência”** – Companhia das Letras São Paulo – SP 2005.

_____, António, **“O Erro de Descartes: emoção, Razão e O Cérebro Humano”** - Companhia das Letras São Paulo – SP 2006.

DESCARTES, René. **Princípios de Filosofia** – Tradução: Torrieri Guimarães Ed. Hemus. 2007.

_____, René. **“Discurso do Método” – “Meditações” “Objeções e Respostas” – “As paixões da Alma” – “Cartas”**. Vol. XV. 1ª. Edição Ed. Abril Cultural. São Paulo, 1973. (Pensadores)

ÉTICA - **SPINOSA** – Edição Bilingüe – Tradução e Notas Tomaz Tadeu. Editora Autentica. Belo Horizonte, 2007.

ESPINOSA, Baruch de – **Pensamentos Metafísicos. Tratado da Correção do Intelecto. Ética. Tratado Político. Correspondência**. Editora Nova Cultural Ltda. São Paulo-SP. 2005.

ESPINOSA, Baruch **“Pensamentos Metafísicos” – “Tratado da Correção do Intelecto” – “Ética” – “Tratado Político”. “Correspondências”**. Vol. XVII – 1ª. Edição. Ed. Abril Cultural. São Paulo, 1973. (Pensadores)

_____, Baruch – **Tratado Teológico – Político. Tradução, introdução e notas de Diogo Pires Aurélio**. Coleção Paidéia. Ed. Martins Fontes, 2008

FERNANDES, Eugenio & CÁMARA, Maria Luisa: **El Gobierno de Los Afectos em Baruj Spinoza**. Editorial Trotta. Madrid, 2007

FRAILE, Guilherme – **Historia de La Filosofia – III Del Humanismo a La Ilustracion** – (Renato Descartes – Nicolas Malebranche – Baruch Spinoza – páginas: 480 a 649. Biblioteca de Autores Cristianos. Madrid, 1991

GLEIZER, Marcos Andre, **Espinoza & A Afetividade Humana**. Ed. Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 2005

HUBBELING, H.G. **Spinoza**. Biblioteca de Filosofia. Editorial Herder. Barcelona, 1981.

HUISMAN, Denis – **Dicionário dos Filósofos** – Verbete: Espinoza. Ed. Martins Fontes. São Paulo, 2004.

LEDOUX, Joseph. **O Cérebro Emocional – Os misteriosos alicerces da vida Emocional**. Objetiva 2ª. Edição. Rio de Janeiro, 1998.

LENT, Roberto. **Cem Bilhões de Neurônios – Conceitos fundamentais de Neurociência** Ed. Atheneu & Faperj. São Paulo, 2001

LIMA, Orion Ferreira. **Uma Discussão do Problema Mente-Corpo em Descartes e Espinoza, a partir da Neurofilosofia de António Damásio**. Dissertação de Mestrado Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade – UNESP. Orientador: Prof. Dr. Alfredo Pereira Junior Marília, 2007

MAQUIAVEL – **O Príncipe (Edição bilíngüe)** – Tradução José Antonio Martins. Editora Hedra. São Paulo, 3007

MARTINS, André (Org.) **O Mais Potente dos Afetos: Espinoza e Nietzsche**. 1ª. ed. Martins Fontes. São Paulo, 2009.

MARTINS, José Maria – **A Lógica das Emoções na Ciência e na Vida**. Ed. Vozes. Petrópolis, 2004.

MORREAU, Joseph – **Espinoza e o Espinosismo**. Biblioteca Básica de Filosofia. Edições 70. Lisboa, 1982.

OATLEY, Keith & JENKINS, Jenniffer. **Compreender as Emoções** – Ed. Instituto Piaget. Lisboa, 1998.

PLATÃO – **A República – Obra Completa**. Col. Grandes Obras do Pensamento Universal – 4 e 5. 2ª. Edição. Tradução Ciro Mioranza. – Ed. Escala. São Paulo, 2007

ROMEO, Sergio Rábade – **El Racionalismo Descartes y Espinosa – *Espinosa Razon e Felicidad***” p.332. CEU Universidad San Pablo/Editorial Trotta, Madrid. 2006.

SCALA, André. **Espinosa**. Col. Figuras do Saber. Tradução Tessa Moura Lacerda. Ed. Liberdade. São Paulo, 2003

SILVA, Marco Aurélio Dias, **Quem ama não adoece** – O papel das Emoções na prevenção e cura das doenças – 24ª. Edição – Ed. Best Seller. São Paulo, 2000.

TARNAS, Richard – **A Epopéia do Pensamento Ocidental – *Para conhecer as ideias que moldaram nossa visão de mundo*** – Tradução Beatriz Sidou. 3ª. ed. Cap. V – A Visão de Mundo Moderna páginas: 246-314. ed. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro, 2000

TEIXEIRA, L. **A Doutrina dos modos de percepção e o conceito de abstração na filosofia de Espinosa**. São Paulo: UNESP, 2001.